

# passarinho

"Uma história  
marcante sobre família,  
dor e amizade."  
– *The Guardian*



Crystal Chan





# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# passarinho

Crystal Chan

TRADUÇÃO DE THAÍS PAIVA



Copyright © 2014 Crystal Chan  
Publicado mediante acordo com Folio Literary  
Management, LLC e Agência Riff

TÍTULO ORIGINAL  
Bird

PREPARAÇÃO  
Marcela de Oliveira

REVISÃO  
Danielle Freddo  
Marcela Lima  
Suelen Lopes

DESIGN DA CAPA  
© Debra Sfetsios-Conover

ILUSTRAÇÃO DA CAPA  
© 2013 Yau Hoong Tang

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
ô de casa

REVISÃO DE EPUB  
Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB  
Intrínseca

E-ISBN  
978-85-8057-536-1

Edição digital: 2014

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



# Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Agradecimentos

Sobre a autora

Livros relacionados

*Às árvores, à água, à terra e ao céu, que dão tanto de si  
para que eu possa compartilhar minha história. — C. C.*



# CAPÍTULO UM



Meu avô parou de falar no dia em que matou meu irmão, John. Seu nome foi John até vovô dizer que ele se parecia mais com um Passarinho pelo jeito como vivia subindo e saltando das coisas. O apelido pegou. O cabelo grosso e preto de Passarinho era todo arrepiado, exatamente como as penas da cabeça de um melro, dizia vovô, que apostava que um dia meu irmão também voaria. Vovô sempre falava isso, e ninguém tinha prestado muita atenção até o dia em que Passarinho saltou de um penhasco, o penhasco no fim de uma pradaria de capim alto, o penhasco com uma queda de uns bons cem metros até o leito seco do rio, bem lá embaixo. Sua toalhinha de banho azul foi encontrada perto de seu corpo, presa em um arbusto, a toalha que lhe servia de asas. Desde então, vovô nunca mais falou. Nem uma palavra sequer.

No dia em que Passarinho tentou voar, os adultos tinham saído para procurá-lo — todos, menos mamãe e vovó. Isso porque, naquele mesmo dia, eu nasci. E ninguém jamais me chamou por nenhum outro nome senão Joia, embora às vezes eu quisesse ser chamada de outra coisa. Meus pais sempre disseram que meu nome é Joia porque sou preciosa, mas às vezes acho que é porque começa com *J*, assim como John, e porque eles sentem saudade dele e não queriam me dar um nome comum, como Jenny ou Jackie. John tinha um nome comum, e agora está morto.

Eu completava doze anos, e todo mundo deveria estar feliz. Só que era difícil ficar feliz com vovô trancado no quarto o dia inteiro, como faz todos os anos no meu aniversário. Papai e mamãe prepararam um bolo com cobertura de baunilha e granulado colorido para mim, me deram presentes (meias da loja de um dólar, mas muito fofas), e nós três fomos ao cemitério visitar Passarinho e minha avó. Sempre vejo filmes em que as crianças ganham grandes festas de aniversário, com música, chapeuzinhos, presentes enormes e até mesmo pôneis, e imagino que seria legal ter um aniversário assim. Especialmente com pôneis. Pelo menos uma vez. No entanto, sempre tenho que dividir meu dia especial com o silêncio atrás da porta fechada do vovô, com o silêncio no cemitério e com o silêncio que pesa entre as palavras dos meus pais.

Mamãe e papai lavaram a louça usada para preparar meu bolo e foram para a cama, mas eu não consegui dormir, como não conseguia todo ano no meu aniversário. Ficava imaginando

como Passarinho era, que tipo de irmão ele teria sido e o que se passa na cabeça de meninos de cinco anos quando se atiram de penhascos.

Então, fiz o que costumo fazer quando não consigo dormir: vesti minha calça jeans e uma blusa de manga comprida, passei repelente e saí de casa escondida, sob o céu noturno salpicado de estrelas. Há um carvalho enorme no terreno do sr. McLaren, um pouco mais à frente na estrada, no qual eu sempre subo, o mais alto que consigo, e me reclino no tronco morno e robusto. Fico ali, observando o arco que a lua descreve ao percorrer o céu e ouvindo o guizalhar dos grilos, ou o farfalhar das folhas do carvalho, ou o canto abafado de uma coruja.

Por um momento, pensei em ir até o penhasco de onde meu irmão voara, mas sabia que não era uma boa ideia ir lá à noite.

Veja bem, na minha pequena cidade de Caledonia, em Iowa, temos um único mercado com uma única caixa, chamada Susie; três igrejas; o prefeito, que trabalha meio expediente no prédio onde também funcionam os correios; dois restaurantes que servem os mesmos pratos do dia, só que em dias alternados, e outros catorze comércios locais. As coisas aqui são tão estáveis quanto a própria terra, e parece que é disso mesmo que as pessoas gostam. Ninguém nunca me disse que eu deveria manter em segredo minhas idas ao penhasco, mas os adultos têm dessas coisas: as regras mais importantes são as que nunca são ditas, e são as que vão deixá-los com mais raiva se você desrespeitá-las.

Em todo o caso, eu não contaria sobre minhas visitas ao penhasco, porque os adultos não ouvem o que as crianças têm a dizer. Não de verdade. Se ouvissem, olhariam nos meus olhos quando eu falo, olhariam de verdade, sincera e profundamente, dispostos a escutar o que quer que saísse da minha boca, prontos para qualquer coisa. Não conheço nenhum adulto que já tenha olhado para mim desse jeito, nem mesmo meus pais. Por isso, as coisas boas, tudo de bom que já vi e presenciei, incluindo as idas ao penhasco, eu guardo para mim mesma. Minha família não faz parte disso.

Enfim. Naquela noite, estava caminhando pela County Line Road, sentindo o calor que ainda irradiava do chão, meus tênis raspando o cascalho, quando tive a sensação repentina de que havia algo errado. Diferente. Um calafrio percorreu minha pele. Parei e olhei para o meu carvalho. Era lua crescente, que aos poucos aumentaria até sua forma plena e láctea, e a árvore estava brilhante e sombria ao mesmo tempo, braços abertos como os de um padre, estendidos para o céu. Estreitei os olhos na claridade prateada, e senti um embrulho no meu estômago quando entendi o que era.

Já havia alguém na minha árvore.

— E aí? — disse uma voz; uma voz de menino.

Meu corpo inteiro se enrijeceu. Nunca havia ninguém na rua àquela hora da noite, nem adulto nem criança. Talvez fosse um *duppy*, um daqueles espíritos jamaicanos que sempre preocuparam papai. Ele diz que os poderes dos *duppies* aumentam à noite e que é comum morarem em árvores. É possível saber que há um deles habitando uma árvore quando as folhas

balançam enlouquecidamente mesmo que não haja nenhum sinal de vento, ou se um galho se quebra sem motivo. Se algo assim acontece, pode ter certeza de que bem ali, naquela árvore, tem um *duppy*. Eles também podem ser traiçoeiros e simplesmente surgir do nada. Podem aparecer de repente na sua árvore, mesmo que antes ela nunca tenha hospedado nenhum *duppy*.

No entanto, acho que nenhum teria uma voz como a daquele menino, que pairava demorada e solitária naquela noite, em que todas as folhas de todos os galhos estavam paradas, imóveis sob o luar. Em um dia qualquer, talvez eu simplesmente tivesse tomado a decisão mais segura, dado meia-volta e corrido de volta para casa, mas era meu aniversário, meu dia especial, e eu não estava disposta a fugir e deixar um *duppy* arruinar minha noite. Então, em vez de correr, eu devolvi o “olá” e passei pela plantação de milho, atravessando o solo duro e seco do terreno do sr. McLaren. O menino estava no terceiro galho — o mesmo em que eu pretendia me sentar —, como se estivesse montado em uma sela, as pernas balançando para a frente e para trás, para a frente e para trás nas sombras.

Estava na minha árvore, e eu me senti meio perdida, como se não soubesse o que fazer.

— O que está fazendo aqui a essa hora da noite? — perguntou ele.

Estiquei o pescoço, dando uma espiadinha, mas não consegui ver seu rosto. Dei de ombros, tentando parecer tranquila.

— Gosto de subir na minha árvore quando não consigo dormir.

— É mesmo? — perguntou ele, surpreso, mas não parecia estar esperando alguma resposta, então eu não disse nada. — Mas esta árvore, agora, não é sua, é?

— Sua é que não é.

O galho rangeu, como se o menino tivesse se inclinado para me ver, e eu me remexi um pouco, iluminada pelo luar.

— É minha, sim — respondeu ele. — Meu nome é John. Esta fazenda é do meu tio, portanto a árvore é minha. Posso subir nela sempre que quiser.

Tenho certeza de que ele continuou falando, mas meu cérebro parou de funcionar ao ouvir “meu nome é John”.

Meu rosto deve ter deixado transparecer que eu estava muito estupefata, porque a voz dele abrandou ao dizer:

— Sabe, não tem muitas crianças morando aqui, no meio do nada, e menos ainda que subam em árvores a essa hora da noite.

Então ele me convidou a subir e me sentar a seu lado, e, quando dei por mim, estava agarrada à corda que eu mesma havia amarrado e subindo o tronco quente e áspero da árvore, mão ante mão, as pernas fazendo força para cima até conseguir me sentar no galho abaixo do dele. Estiquei o pescoço na direção da sombra fresca da noite, mas os traços de John continuavam no escuro.

Eu, no entanto, estava sentada sob um raio de luar, e ele tinha plena visão de meu rosto.

— Ei — chamou ele —, afinal de contas, o que você é? — Havia curiosidade, não maldade, em suas palavras. — Você não é daqui.

Senti alguma *coisinha* dentro de mim se contrair, como sempre acontecia toda vez que me faziam aquela pergunta, mas eu já estava acostumada. Bem, quase.

— Sou metade jamaicana, um quarto branca e um quarto mexicana — respondi.

— Uau! — exclamou John. — Não sabia que dava para ser assim.

— E *sou* daqui, sim — afirmei, alto o suficiente para me fazer ouvir em meio à guizalhada dos grilos. — Nasci na casa no fim da estrada.

— Não tive a intenção de insultar você nem nada — disse ele. — É só que nunca conheci alguém assim.

Enrolei no dedo uma mecha grossa de cabelo crespo e depois a soltei. Sabia que era melhor acabar com aquele assunto e passar para conversas mais interessantes.

— Bom, agora já conheceu — falei. — E eu me chamo Joia.

Ele fez que sim, quase como se já soubesse, e repetiu:

— Joia. — Sua voz se demorou ao pronunciar. — Gosto desse nome.

— Eu não.

— É um nome notável. Todos vão saber que acabaram de conhecer uma pessoa preciosa. Mas “John”? Não mesmo. É tão comum que vale menos que um tostão furado.

— Nada disso. — Minhas palavras saíram rápido demais, ásperas demais, muito carregadas com a dor que esqueci de esconder.

John se conteve na escuridão do terceiro galho.

— Tudo bem, talvez valha um tostão furado e *meio* então — admitiu com cautela. — Mas ainda acho Joia um nome legal.

Ficamos sentados sob a lua crescente, naquela árvore no meio do campo.

— Sabe, estrelas são como joias — disse John, de repente. — Mas elas não brilham como as pessoas pensam. Aos nossos olhos as estrelas parecem piscar porque as ondas de luz refratam nas camadas da atmosfera.

Ele pareceu um professor falando. Um dos bons. Deve ter sido por isso que resolvi fazer uma pergunta, o que nunca fazia na escola:

— Refratam?

— A luz muda de direção — explicou ele —, em vários ângulos diferentes, de acordo com as camadas da atmosfera, e essa luz refratada muda a forma como enxergamos a posição e o tamanho de uma estrela. — A voz dele flutuava acima de mim. — A única maneira de ver as estrelas como elas realmente são é saindo da atmosfera. Para o espaço.

Não havia brisa naquela noite, só uma leve umidade no ar que nos envolvia, como se toda a terra estivesse prestando atenção em nossa conversa.

— Nunca pensei nas estrelas dessa forma.

John riu, uma risada gostosa e curta, e continuou:

— Espere só até a passagem das Perseidas.

— Quem?

— As Perseidas. Uma chuva de meteoros imensa que acontece em agosto.

Eu nunca vira as Perseidas, sequer ouvira falar delas, e disse isso a ele.

— Tudo bem — respondeu. — A maioria das pessoas não vê o que está bem à sua frente porque não sabe o que procurar. E quando passam a saber, ficam se perguntando como *não* viram aquilo antes. Espere só: quando você vir as Perseidas pela primeira vez, vai passar a vê-las todos os anos. Pode ter certeza.

— Como você sabe tanto sobre as estrelas? — disparei, e ouvi o sorriso na voz dele quando respondeu:

— Vou ser astronauta quando crescer.

John era muito diferente das outras crianças de Caledonia. A maioria queria ser mecânico, enfermeiro ou cuidar dos negócios da família. Quase contei a ele que eu queria ser geóloga quando crescesse, mas acabei não contando. Em vez disso, fiquei quieta. Se você entrega muito de si a alguém, rápido demais, essa pessoa pode simplesmente ir embora e levar tudo. E quando se trata de alguém como eu, que já não tenho muito de mim, bem, é preciso ter cuidado redobrado.

Não sei quanto tempo ficamos ali, mas dessa vez foi diferente ficar sentada naquela árvore. Talvez eu estivesse ficando velha demais. Ou talvez só fosse estranho estar ali com outra pessoa.

Passado um tempo eu desci, e ele me acompanhou. Então eu o enxerguei nitidamente pela primeira vez, ao luar, e entendi por que não vira seus traços antes: sua pele era escura, escura como o céu noturno.

— Você é sobrinho do McLaren? — disparei.

Minha língua foi mais rápida que minha educação. O sr. McLaren era tão branco quanto uma pessoa pode ser. John sorriu, e seus dentes brilharam como uma fileira de pequenas luas.

— Sou, sim. Sou adotado. Fui criado por brancos. Não é tão ruim quanto parece.

Não sei se ele estava falando sobre ser adotado ou ser criado por brancos, mas concordei como se tivesse entendido. Ele estendeu a mão, e eu estiquei a minha, apertando a dele, como a adulta que eu quase era. Fiquei surpresa com a firmeza de seu aperto, como se fôssemos conquistar o mundo.

Foi o melhor de todos os apertos de mão.

No entanto, com ou sem aperto de mão, fiquei pensativa durante o caminho de volta para casa, ouvindo o barulho dos meus pés no cascalho, intrigada por ter conhecido alguém chamado John logo naquela noite. Como diz papai, não existem coincidências na vida — o que não passa de um jeito elegante de dizer que, por mais misterioso, insano ou impossível que seja, o que tiver que ser, será. E acho que ele está certo.

## CAPÍTULO DOIS



Bem cedo na manhã seguinte, com o céu ainda colorido como um vitral, fui até o penhasco. Para chegar lá, é preciso seguir pela County Line Road e virar à esquerda em uma estrada de terra margeando o baixio que sempre alaga quando chove. A uns cem metros dali há uma trilha, e se alguém a percorrer nas primeiras horas da manhã como eu fiz, vai ficar encharcado com o orvalho acumulado na grama alta. Um imenso rochedo de granito se impõe, alto e poderoso, na beira do penhasco, vigiando os campos, as casas e as montanhas ao longe. Logo depois dali surge a beirada, em uma queda abrupta.

Decidi não contar aos meus pais que havia conhecido um menino chamado John e que o encontrara em uma árvore. Já estava acostumada a não contar a eles as coisas muito legais, já que nunca ficam animados mesmo. Um dia, encontrei uma ponta de flecha no quintal e corri para dentro, ansiosa para mostrá-la a eles. Em vez de imaginarem se a ponta de flecha era muito antiga ou de que tribo deveria ser, ou ainda me perguntarem se eu gostaria de ser arqueóloga quando crescesse, mamãe lançou um olhar severo para mim e disse:

— Jogue isso fora. Você sabe muito bem que não deve entrar em casa com os sapatos sujos.

E é sempre assim. Alguma coisa legal acontece, e eles simplesmente se fecham. É como se Passarinho fosse a única coisa interessante que poderia acontecer em suas vidas, e agora que ele se foi nada mais pode ser legal, incrível ou misterioso.

Diminuí o passo ao avistar o rochedo. O ar úmido estava parado. Eu era a única coisa que se movia. Hoje é dia de adicionar mais uma pedra, pensei, e meu peito se inflou de orgulho. Procurei na grama até encontrar uma que desejava sair da terra e a balancei para a frente e para trás, escavando as laterais, até conseguir tê-la em meus braços. Era maior que as outras, o que também me deixou feliz. Eu estava ficando mais forte.

Na beira do penhasco, ao lado do imenso rochedo de granito, havia um círculo com onze pedras. Onze pedras, grandes como broas de pão, arrumadas em um círculo tão grande que eu poderia fazer uma estrelinha dentro. Entrei nele, disse às onze que uma nova pedra estava chegando e que elas tinham que se dar bem, e em seguida as rearranjei da maneira como elas queriam ficar.

Doze. Assim como eu.

Embora eu não devesse ter favoritas, preciso admitir que tinha. Encontrei a pedra do sétimo ano por acidente: dei uma topada nela naquele primeiro verão, quando eu ainda não sabia das coisas e estava usando chinelo. Ia pegar a pedra e colocá-la em algum lugar onde não pudesse se machucar, quando percebi que precisava cavar para tirá-la dali, pois era maior do que parecia à primeira vista. Também tinha um estranho redemoinho cor-de-rosa, e eu gostava dele.

Ou, então, a do décimo ano. Aquela foi um presente, na verdade, como se a terra a tivesse lançado em meus braços, toda bonita, nova e interessante, com pontas aguçadas de quartzo se projetando em todas as direções se fosse observada de perto. Eu não podia segurá-la com muita força senão poderia me cortar, mas era exatamente isso o que eu mais gostava nela.

Meu círculo com certeza ficou diferente com a adição da pedra do décimo segundo ano, de um jeito que me deixou orgulhosa. Fora do círculo e um pouco mais além, onde o solo era mais macio e lodoso, havia uma fileira de brotos que nasceram das sementes que eu plantara no verão anterior e aos quais eu fazia companhia quando chovia. Do outro lado do círculo, tinha um trecho de solo revirado.

O centro do círculo estava vazio.

O sol se esgueirava aos pouquinhos por cima das montanhas, ao leste. Parei à beira do círculo, tirei os sapatos e entrei. A terra estava solta e fria, sussurrando sob meus pés. Encarei o sol nascente e levantei os braços, como se estivesse contornando aquela bola incandescente da terra até o céu. Lá estava eu, cercada de pedras, no centro do universo. E tudo — do leito seco do rio aos picos do penhasco de calcário, até mesmo o céu iluminado — me observava.

Fechei os olhos, de pé no meio do círculo. Relaxei os músculos das costas, meus braços ainda esticados, acostumando-se àquela posição. Não sei quanto tempo fiquei ali, mas ouvi todos os sons que consegui: os ratos silvestres remexendo as folhas, a grama balançando ao vento, o silêncio do ar acima do penhasco.

Os sons de casa.

Quando saí do círculo de pedras, meu corpo estava mais leve. Explorei o chão minuciosamente como de costume, procurando seixos. Tive que me afastar um pouco mais do círculo, pois já havia encontrado todos os seixos daquela área fazia algum tempo. Tateei a grama até juntar cinco deles, então fui até uma pequena fenda no rochedo, peguei o graveto pequeno e grosso que havia guardado ali e me ajoelhei na beira do círculo, no local em que a terra estava revirada, onde eu enterrara os outros seixos.

Cavei cinco buracos, envolvi o primeiro seixo com as mãos e o segurei próximo à boca.

— Meu aniversário ontem foi horrível. — Soprei as palavras dentro das mãos, e um nó se formou em minha garganta ao pronunciá-las. — Ele é sempre horrível.

Então depusitei o seixo no buraco e o cobri, dando tapinhas na terra. Peguei o segundo, que tinha uma cor rosada.

— Eu quero mais... — sussurrei para a pedra.

Eu me contive. Não era um “mais” do tipo “Estou fazendo compras e quero mais coisas”, e sim algo maior. Não soube o que dizer depois disso, então apenas enterrei o seixo.

Já havia feito isso com um bom número de seixos pelos pôneis. Bom, pôneis, adesivos com cheiro e fogos de artifício. Essas eram as coisas que eu a princípio queria quando comecei a cavar daquele jeito. Toda vez que enterrava um seixo, algo em mim se libertava, como se a terra estivesse segurando minha pergunta, preocupação ou segredo, guardando-a em um grande abraço. A terra era capaz de acomodar tantas pedras quanto eu quisesse lhe dar, e esse pensamento me fazia tão bem que eu enterrava seixos toda vez que ia lá. Acho que não poderia parar nem se tentasse.

Sei que as pessoas me chamariam de doida se soubessem que venho ao penhasco. Sei que meus pais ficariam bravos, decepcionados e assustados. Mas apesar de eu ter tentado manter distância, este lugar me chama de volta como se tivesse vida própria.

Há algo aqui.

Papai acha que o penhasco é assombrado por *duppies*. Talvez o *duppy* de Passarinho esteja aqui e não no céu, onde é o lugar dele. Mas, depois de quatro anos vindo ao penhasco, acho que há certas coisas que ninguém é capaz de explicar, nem papai, nem mamãe, nem prefeitos, nem padres. Eles acham que podem, mas não conseguem.

Segurei o terceiro seixo.

— Tem um garoto chamado John — sussurrei. — Nunca o vi por aqui antes...

Congelei. Os pelos do meu pescoço se arrepiaram, de um jeito estranhamente errado.

Algo horrível estava acontecendo. Algo muito, muito ruim mesmo.

Nem pensei no que poderia ser. Levantei em um pulo e corri pela trilha para casa.



Encontrei vovô caído no chão da sala de estar enquanto um programa qualquer soava a toda a altura na tevê. Papai e mamãe já haviam saído para o trabalho, ela era auxiliar administrativa durante meio período na prefeitura de Caledonia, ele, vendedor na loja Max Eletrodomésticos, que ficava a três cidades de distância, a única loja do tipo em uns cem quilômetros.

— Vovô! — gritei, sacudindo-o.

Ele estava frio. Inconsciente. Meus olhos se arregalaram.

— Não... — sussurrei.

Disparei pela casa à procura do kit de emergência de diabetes dele, que continha o frasco de glicose que poderia salvar sua vida. Entrei correndo no banheiro e abri o armário de remédios com um puxão. Não estava lá. Corri até o quarto do vovô, embora fosse proibida de entrar nele, e vasculhei o criado-mudo, depois as gavetas da cômoda e o guarda-roupa. Estava quase



desmaiando de medo; ainda que telefonasse para meus pais, eles levariam cerca de meia hora para chegar em casa. A ambulância também.

Fiquei andando sem rumo pela casa, meus olhos procurando furiosamente o kit. Então o avistei: uma caixa pequena e transparente, com uma seringa e um frasco dentro. Era do tamanho de um estojo, muito menor do que eu esperava. Em meio ao pânico, eu arrancara a caixa do criado-mudo sem nem me dar conta de que ela caíra no chão.

Agarrei o kit e corri para a sala. A única vez que vira papai dar a injeção no meu avô havia sido muito tempo antes, e eles nem perceberam que eu estava olhando. Papai dera a injeção no braço do vovô, direto no músculo. Cerrei os dentes, tirei a seringa da caixa, enfiei a agulha no frasco e enchi o êmbolo com o líquido transparente. Então, introduzi a agulha no braço dele e injetei glicose em seu corpo. A sala se encheu com uma salva de palmas animada. Virei-me, sobressaltada. Uma participante do programa de tevê tinha acabado de triplicar seu prêmio em dinheiro e ganhar uma viagem para as Bermudas. Ela estava gritando, chorando e sacudindo os braços.

Corri para a cozinha, peguei o telefone e liguei para a emergência.



Quando a ambulância chegou, vovô já estava voltando a se mexer. Conduzi o sr. Williamson e o sr. Brendle, os dois paramédicos da cidade que trabalhavam meio período, até a sala. Eles puseram vovô em uma maca e o levaram para a ambulância; a pele dele era uma explosão de cor em contraste com o lençol muito branco. Deixei meus olhos se deterem em seu rosto, e foi estranho porque eu nunca me permiti olhar para ele de verdade. Seu corpo era magro, porém forte; o queixo, robusto; as maçãs do rosto, altas e retas, e seu cabelo curto e crespo era apenas levemente grisalho. Fiquei impressionada com sua aparência forte, mesmo em uma ambulância. Talvez ele achasse que fosse forte o bastante para não se preocupar com o nível de glicose no sangue, embora devesse saber que poderia morrer caso deixasse as taxas caírem demais.

— Joia?

O sr. Williamson olhava para mim, mexendo nos punhos azuis-escuros de sua camisa, nervoso.

Dei um sobressalto.

— Sim?

— Eu perguntei: por quanto tempo ele ficou inconsciente?

— Não sei. Não estava em casa.

— Não estava em casa? — perguntou o sr. Williamson, curioso.

As palavras saíram como um tsunami quebrando boca afora:

— Não, estava no penhasco.

O sr. Williamson congelou, e sua expressão ficou severa.

— No penhasco?

Ambos sabíamos de que penhasco eu estava falando.

Fiquei quieta para não revelar mais nenhum segredo. Um silêncio desconfortável tomou a sala e, pelo tempo que pareceu uma eternidade, senti o peso das perguntas, das acusações e do julgamento dele.

Eu me remexi, inquieta.

— Meu avô vai ficar bem?

O sr. Williamson olhou para mim e assentiu; depois começou a falar sobre insulina e uma porção de termos médicos que eu não entendia. Ele falou mais do que o necessário e, aos poucos, o ângulo dos raios do sol matinal desfez suas linhas de expressão e as marcas de apreensão por estar em nossa casa. Ele parecia quase confortável.

Mas não me deixei enganar.

— Joia — disse ele, empurrando os óculos para cima do nariz —, você virá conosco para o hospital? Vamos precisar de alguém para servir de intérprete...

A voz dele foi sumindo, e seus pés imensos ficaram remexendo o cascalho da entrada da nossa garagem. A cidade inteira sabia que vovô não podia falar, ou escolheu não falar. Algumas pessoas da igreja, inclusive, sussurravam que isso era devido a uma maldição que caíra sobre sua boca por ter apelidado meu irmão de Passarinho.

Balancei a cabeça e respondi:

— Liguei para o meu pai, e ele disse que vai encontrar vocês lá.

Vovô não ia me querer tão perto dele na ambulância. E também jamais me agradeceria por salvar sua vida, é claro. Mas um olhar agradecido de vez em quando seria bacana.

O sr. Williamson assentiu mais uma vez e subiu na ambulância, que partiu logo em seguida, as rodas esmagando o cascalho na entrada da garagem. Voltei para casa tentando controlar a respiração e acalmar meu coração, que estava a mil. Acima de tudo, tentei esquecer aquele momento em que o olhar do sr. Williamson vacilou, quando ele olhou para a casa e para mim com uma expressão muito estranha, quase amedrontada, antes de assentir de modo profissional. Quando estou na cidade com mamãe ou papai, recebo esse mesmo olhar da sra. Ballantine (dona da loja de ferragens) ou do sr. Stewart (do mercado). Às vezes me pergunto se as pessoas têm medo de nós, das circunstâncias em que nasci, da morte do Passarinho, de como somos uma combinação de culturas, histórias e crenças que não deveriam se misturar. Mesmo assim, receber aquele olhar do sr. Williamson fez meu estômago se revirar. Claro que ele nos ajudaria, se precisássemos.

Pelo menos, foi isso que eu disse a mim mesma.

## CAPÍTULO TRÊS



Levei um tempo para guardar de volta os frascos e todo o resto nos devidos lugares do banheiro. Hesitei ao terminar, ponderando se deveria entrar no quarto do vovô e arrumar suas coisas também. Não sabia o que seria pior: ele retornar e encontrar a bagunça que eu havia feito ou perceber que eu tinha mexido outra vez em suas coisas, colocando tudo no lugar errado. No fim, decidi que deveria ao menos tentar dar um jeito na desordem. Não é como se ele fosse gritar comigo por isso.

O quarto dele era exatamente como sempre fora minha vida inteira. Só estive ali uma vez, quando tinha uns quatro ou cinco anos, procurando meu coelho de pelúcia, Foo Foo. Meus pais me falaram para não entrar no quarto dele, mas nem precisavam. O que me mantinha afastada dali de verdade era o clique gélido da porta se fechando toda vez que ele entrava ou saía. Eu sabia que não deveria estar ali, mas já havia procurado na casa toda e estava ficando com medo de ter perdido Foo Foo para sempre. Então lá estava eu, no quarto, chamando meu coelho, quando vovô entrou. Eu o senti mais do que o vi, e no instante em que me virei, o ar ficou preso em meus pulmões.

Foi o olhar dele que me assustou, os traços sombrios de seu rosto se contraindo de fúria. Saí correndo dali o mais rápido que consegui, entrei no meu quarto e fiquei lá o restante do dia. Disse à mamãe que estava doente, e quando ela me trouxe um pouco de sopa enlatada, acabou pisando na ponta da orelha do Foo Foo, que estava caído debaixo da cama.

O quarto do vovô estava exatamente igual àquele dia: vazio, paredes azuis, uma janela com venezianas brancas e sem cortinas, uma cômoda, um criado-mudo, um guarda-roupa e uma cama arrumadinha, com um edredom verde-escuro. Não havia nada na cama, nem na cômoda, nem na mesa de cabeceira. Deserto.

Meus olhos observaram os itens no chão. Eu entrara no quarto como um furacão, e as coisas do vovô estavam espalhadas como destroços. Livros finos sobre Louis Armstrong; recibos amarelados e pedaços de papel escritos com caligrafia antiga e delicada; cartas; pacotes de sementes sem rótulo; uma pequena bandeira preta, verde e dourada da Jamaica. Um a um, coloquei os itens de volta na mesa de cabeceira, da melhor forma que pude. Todos os

pertences dele exalavam leves aromas, e me peguei cheirando cada item que colocava no lugar, tentando reconhecê-los: óleo de coco, canela, cheiro de chuva.

Ao guardar os sapatos de volta no guarda-roupa, vi que a prateleira do fundo estava abarrotada de fitas cassete velhas. Minha mãe tinha algumas fitas com suas músicas preferidas, e as colocava para tocar de vez em quando. No entanto, ela devia ter umas cinco fitas, grandes e pesadas, cada uma com capacidade para cerca de dez músicas apenas. No armário do vovô havia no mínimo cem fitas cassete, talvez duzentas, perfeitamente enfileiradas nas caixinhas de plástico velhas. Isso era estranho, já que nunca ouvi música alguma vindo do quarto do vovô. Nunca ouvi som algum.

Uma caixa caíra no chão, não muito longe dos sapatos. Uma pequena caixa de papelão cheia de fotos, cuja tampa vermelha fora aberta e fechada tantas e tantas vezes que suas pontas tinham um tom de rosa desbotado. Abri e vi uma foto do vovô e de uma mulher que só podia ser a vovó. Havia apenas uma foto dela na casa, pendurada na parede da sala, e era só através daquela imagem que eu a conhecia — apenas aquele rosto e roupas, aquele único ângulo. Foi estranho ver, nessas outras fotos, vovó vestindo roupas diferentes, sob uma luz nova e com outra expressão, porém exibindo a mesma alegria nas rugas de sua pele marrom-escura.

Na fotografia, vovô colocara o braço ao redor da cintura dela de modo casual. Eles estavam nessa mesma pose em todas as outras fotos em que apareciam juntos: os dois na frente do carro, no parque, em uma cachoeira, com meu pai — quando ele era mais novo e, de alguma maneira, mais alto. E a cada foto, ali estava vovô, olhando diretamente para a câmera com um sorriso imenso, incontido, infinito, um sorriso largo e escuro como duas placas tectônicas se afastando; um sorriso que dizia “vem comigo”. Meu coração batia com força, mas eu não me permitiria querer aquele avô. Era esperta o bastante para não desejar o impossível.

Então cheguei às últimas cinco fotos. Vovô e Passarinho andando a cavalo, no balanço, na floresta. Passarinho assoprando velinhas de aniversário. Na última, vovô abraçava Passarinho à beira do penhasco, rindo. As árvores estavam tingidas de vermelho e dourado, e o céu era de um azul frio e deslumbrante. Passarinho tinha um enorme sorriso e tentava enfiar os dedos no nariz do vovô. O rosto do vovô estava repleto de alegria e surpresa.

O avô, que ri, fala e é feliz.

Passarinho, que está vivo.

Joia, que não está.

E então vi um velho pedaço de papel amarelado, dobrado em quatro, no fundo da caixa. Era um desenho. De giz de cera. Um menino voando no céu, com uma linha partindo dele e, em uma letra tremida, “eu”. Um homem no chão, sorrindo e acenando: “Pooba”.

Pooba. Minha boca formou a palavra silenciosamente, uma vez, e depois outra. Passarinho chamava vovô de “Pooba”.

Mordi o lábio. Quem eram aquelas pessoas? Onde estava toda aquela alegria, e onde ela se esconde depois de abandonar uma família? Será que vai para outra família, funde-se à terra ou

se dissolve no ar como a fumacinha de nossa respiração no inverno? E se a alegria não vai embora, então por que não sobrou nem um pouquinho para mim?

Coloquei a caixa na prateleira e tentei arrumar o resto das coisas. Para meu espanto, por mais que eu tentasse guardar tudo de volta, não cabia. A gaveta do criado-mudo estava tão cheia que não fechava. Escrevi um bilhete contando o que havia acontecido e deixei na cama. Sabia que vovô não me perguntaria nada, mas senti que deveria explicar mesmo assim.

O telefone tocou. Era papai. Já estava no hospital, e mamãe também. O estado do meu avô era estável, mas os médicos queriam mantê-lo em observação e dar alta somente à noite. Papai parecia cansado, mas havia algo mais em seu tom de voz. Um desconforto. Disse a ele que não se preocupasse comigo e, quando desliguei, calcei os sapatos, sentindo a necessidade de sair de casa. Meus pés me guiaram, correndo pela estrada, e logo eu estava de volta à árvore dos McLaren.



O terceiro galho estava vazio. Franzi os lábios, igualzinho à mamãe quando fica desapontada. Mesmo assim, subi até lá. O primeiro galho é sempre o mais difícil. Dali a um ano eu seria alta o suficiente para alcançá-lo com mais facilidade, mas, por enquanto, tinha a corda amarrada ao primeiro galho para me ajudar a subir. John também deve ter usado a corda, pensei, enquanto escalava a árvore. Fiquei surpresa com o quanto isso me deixou orgulhosa.

Mas fiquei incomodada por ter contado ao sr. Williamson que fui ao penhasco. Eu ia ao penhasco desde os oito anos e jamais contara a ninguém. E naquele dia o segredo me escapuliu. As pessoas daqui dizem que papai é supersticioso, e ele com certeza não ficaria feliz ao saber para onde eu ia. Acharia que Passarinho conversava comigo lá, ou vovó ou um *duppy*. Mamãe ficaria ainda mais chateada, mas por outros motivos. O pior de tudo seria se eu fosse proibida de ir ao penhasco, porque então não pertenceria a lugar nenhum. Por isso, quando se trata daquilo que realmente importa, eu sempre fui muito boa em manter o bico fechado.

Exceto naquela manhã com o sr. Williamson.

Do meu galho, avistei John caminhando em minha direção pela plantação de milho úmida. Não foi muito difícil. O garoto era como um foco de noite atravessando o dia. Ele acenou para mim, e eu acenei em resposta. Foi um pouco estranho ver alguém me cumprimentando dessa forma. O povo da Caledonia não acena. Na maioria das vezes eles se cumprimentam meneando a cabeça ou sorrindo; ou ainda, no caso dos homens, erguendo um pouco o queixo, como se tivessem uma coceirinha no pescoço. Os meneios e sorrisos que recebo quando vou à

cidade são mais comedidos do que os que qualquer outra pessoa recebe — ou talvez seja só minha imaginação. Apesar disso tudo, John estava acenando de uma maneira muito natural.

Foi um pouco desconcertante.

Seus dentes brancos como a lua brilharam mais uma vez quando ele sorriu para mim.

— Essa árvore é minha, lembra?

Ele tinha um binóculo bem grande pendurado no pescoço.

Sorri para ele do meu galho.

— Não sei do que está falando — devolvi.

Ele se lançou árvore acima (usando minha corda, bem como eu havia suspeitado), e quando me dei conta estava sentado em uma bifurcação de um tronco grosso, não muito distante de mim. Ele escalava bem. A maioria das crianças tenta subir em árvores usando apenas os braços, e qualquer pessoa que entende alguma coisa sobre escalada sabe que é preciso usar as pernas, e tem que fazer isso de forma inteligente. É como escalar pedras. O truque é encontrar o centro da força nos quadris, transferir o peso do corpo no ângulo certo, no momento certo e encontrar o lugar certo onde se apoiar, ou ficará preso.

John não ficou preso.

— Como soube que eu estava aqui? — perguntei.

Ele deu de ombros.

— Binóculo.

— Você estava me espionando?

Eu não sabia se ficava ofendida ou feliz.

— Dá para ver um monte de coisas lá da casa do meu tio, se você tem um bom binóculo. Dessa vez, acabei avistando você — completou ele, levando o binóculo ao rosto e olhando o céu por uma brecha nas folhas.

Nuvens brancas e fofas se agrupavam como uma espécie de algodão-doce brilhante, e os rastros infinitos dos aviões ziguezagueavam sobre nós.

John continuou olhando os aviões. Ajustou o foco do binóculo.

— Aposto que aquelas pessoas nunca olham para a gente aqui embaixo — falou ele.

— É — concordei, balançando as pernas; o tronco espetava minha pele, o que em geral doía, mas eu já havia me acostumado.

— Aposto que eles nunca pousam aqui perto.

— Aham.

— Aposto que eles nunca nem pensam em nós aqui embaixo, como estamos pensando neles.

— Acho que não temos nada de especial.

John abaixou o binóculo e analisou meu rosto. Alguns pássaros saltavam entre os galhos, chilreando. Ele apontou para o pedaço do céu que estava visível.

— Esses rastros que os aviões deixam no céu são chamados de “trilhas de condensação”.

Observei com ele as faixas brancas e reluzentes. John levou o binóculo aos olhos de novo.

— O motor do avião libera dióxido de carbono e vapor d'água, e àquela altitude o vapor condensa e vira gotículas de água ou gelo. — Ele olhou para mim. — São nuvens artificiais.

Nunca pensara nas trilhas de condensação, e disse isso a ele.

Os cantos da boca de John se ergueram, como se ele estivesse feliz por saber algo que eu desconhecia.

Mas eu também sei das coisas.

— O estado inteiro de Iowa já esteve debaixo d'água — declarei, ajeitando uma mecha de cabelo que escapara do meu rabo de cavalo.

— Sério?

Ele abriu um sorriso ainda maior, como se eu estivesse inventando aquilo tudo.

— A superfície rochosa data da era paleozoica, período siluriano, que tem cerca de quatrocentos milhões de anos — falei. — A área de Iowa era um mar interior raso cheio de braquiópodes, trilobitas e estromatoporoides. — Pronunciei a última palavra bem devagar. Estromatoporoides. É uma das minhas preferidas. — Ao longo de milhões de anos, o exoesqueleto deles ajudou a formar as rochas desta área...

Foi quando percebi que ele me encarava com os olhos arregalados. Subitamente senti meu rosto esquentar, e meus lábios se calaram. Quando comecei a aprender sobre rochas, contava ao papai as coisas que lia em livros e nos computadores da escola. Mas ele só balançava a cabeça e parecia envergonhado, como se eu estivesse contando a ele algo muito secreto — ou pior, decepcionado, como se eu estivesse crescendo da maneira errada. “Não diga essas coisas para sua mãe”, pedia ele. Todas as outras meninas estavam mais interessadas em seus cabelos ou nos pequenos kits de maquiagem que compravam em Pickett, a maior cidade na região, e nenhuma delas falava sobre rochas, ou solo, ou segredos muito mais antigos que elas próprias. Esse é o problema em mostrar seu conhecimento às pessoas: nunca se sabe o que elas farão com a informação.

Decidi mudar de assunto:

— Então, de onde você é, mesmo?

Ele estudou meu rosto.

— Como você sabe tudo isso?

Espantei uma mutuca pousada em minha perna e dei de ombros, sentindo-me pequena. De repente, ficou muito quente sob a copa da árvore.

— Conte ou vou jogar esse binóculo em você.

Ergui a cabeça rapidamente, bem a tempo de ver um sorriso largo se formando no rosto de John. Gargalhei, e isso foi bom.

— Você não se atreveria — falei.

— Tem razão. Esse binóculo foi caro.

Fiz uma careta para ele, e meus ombros relaxaram. Depois de um momento de hesitação, disse:

— Quero ser geóloga quando crescer.

John assentiu, sério.

— Você seria uma ótima geóloga.

Meu coração saltou do meu peito e do meu galho para o chão.

— É verdade — continuou ele. — Você não é como as outras garotas desta cidade idiota, que só querem ser iguais umas às outras. Você sobe em árvores no meio da noite. Você é independente.

Eu era independente porque não tinha escolha.

— Geólogos precisam escolher seu próprio rumo. — John assentiu, com confiança. — Todos os cientistas precisam.

Eu o encarei. Como era possível eu nunca ter ouvido falar dele antes? Caledonia é uma cidade tão pequena que todo mundo não apenas sabe de tudo o que acontece na vida dos outros — eles sabem de tudo *antes* de tudo acontecer. Como quando a casa dos Rogers pegou fogo ao ser atingida por um raio durante uma tempestade, e nós fizemos uma rifa de *waffles* belgas para arrecadar dinheiro, e os bilhetes esgotaram antes mesmo de começarmos a vendê-los. Esse tipo de coisa. Era inacreditável eu nunca ter ouvido falar do sobrinho do sr. McLaren, porque ele certamente era o tipo de novidade que as pessoas gostavam de comentar.

— De onde você é? — perguntei de novo.

— Não sou daqui.

Ele ergueu o binóculo e observou os pássaros na árvore, mas eles estavam próximos demais. Até eu sabia disso.

— Por que veio visitar seu tio?

— Por que *qualquer* pessoa visita um tio? Por obrigação.

Fiquei surpresa com suas palavras afiadas, como uma tesoura cortando veludo. Surpreendeu-me ainda mais o fato de ele não querer visitar o tio. Eu ficaria animada por visitar meus tios, qualquer um deles; isto é, se eu os conhecesse. A verdade é que nem sei se eles existem, em ambos os lados da família.

— Você tem sorte — falei. — Eu visitaria meu tio, se tivesse um.

O rosto de John ficou rígido como ônix ao dizer:

— Bom para você.

De repente, a tensão entre nós cresceu tanto que não precisaríamos mais dos galhos para nos sentar: podíamos usar uma daquelas palavras que escaparam e ficaram imensas.

Eu me remexi, desconfortável. Não tive a intenção de irritá-lo. Pensei em dizer algo como “desculpe se o aborreci”, como fazem na tevê, mas não tinha certeza se as pessoas de fato falavam coisas assim. Na minha família, pelo menos, ninguém usava essas palavras. Elas são sufocadas pelo silêncio.

— Quer subir mais? — perguntei, me apoiando no tronco da árvore e ficando de pé. — Posso lhe mostrar um ninho de esquilos.

Ele me olhou, e seu rosto mudou, a rigidez pétrea foi embora.



Escalamos durante horas naquela tarde de verão, às vezes conversando, às vezes calados, e às vezes cansados demais para conseguir falar. Conhecer uma árvore dá muito trabalho. Você tem que saber como as folhas cheiram no calor intenso do verão, como os galhos batem uns nos outros nos ventos outonais e como a chuva traça seu percurso pelo tronco e pinga dos galhos em uma tempestade. Isso leva tempo, pura e simplesmente. O mesmo vale para conhecer a terra, um rio ou uma pessoa. Quando as sombras ficaram mais longas, estávamos cansados e com fome. John seguiu seu caminho de volta pela plantação de milho, e eu caminhei devagar até minha casa, pensando no vovô, em John e em como tantas coisas podiam acontecer em um único dia.

No entanto, algo não estava se encaixando, uma sensação. Quando cheguei à entrada de garagem de pouco mais de um quilometro e meio da minha casa, a ficha caiu: John não viera da direção da casa do sr. McLaren, de onde ele disse que tinha me visto. E quando partiu, certamente não fora naquela direção.

# CAPÍTULO QUATRO



— Você estava no penhasco? — perguntou mamãe.

Não foi bem uma pergunta. E nem precisava ser, já que eu contara ao sr. Williamson, e com certeza ele falou para meus pais e provavelmente para a cidade inteira.

Remexi os pés sob a mesa da cozinha. Não conseguia olhar para ela, nem para papai. Para piorar, eles ficaram esperando por duas horas até eu voltar para casa — e isso *depois* de um atraso na saída do hospital. Eu havia deixado um bilhete, mas acho que me esqueci de dizer quando iria voltar. O único momento em que eles parecem lembrar que eu existo é quando me meto em confusão. O que não acontece sempre, mas ainda assim.

Mamãe encarou papai e disse em voz baixa:

— Está vendo o que acontece quando sua filha lhe dá ouvidos?

— Só fui de manhã — falei. — Não à tarde.

Papai balançou a cabeça, evitando o olhar de mamãe. Ele estava parado à porta, um pouco afastado de nós duas.

— Está vendo o que acontece? — repetiu mamãe, apertando os botões do micro-ondas para reaquecer arroz com ervilhas, banana-da-terra e frango que papai preparara alguns dias antes.

Ela apertava os botões com muito mais força do que era necessário.

— O sr. Williamson disse que encontrei vovô bem a tempo — falei, escondendo as mãos sob as coxas.

— “Bem a tempo” não teria sido necessário se você estivesse em casa — retrucou ela.

Meu estômago se contraiu. Todas as outras crianças estariam dormindo àquela hora da manhã, e todos os avôs teriam morrido, pensei. Eu sabia que vovô não me agradecería, mas não esperava uma bronca. Será que ninguém percebeu que eu havia salvado a vida dele de manhã? Por que era tão difícil enxergar isso?

O micro-ondas girava e zumbia, aquecendo o jantar. Papai finalmente abandonou seu posto à porta e pôs a mesa, evitando mamãe o máximo que conseguia. O apito do micro-ondas soou, cortando o ar pesado, e jantamos ao som do tilintar frio do metal nos pratos.

É a isso que me refiro quando falo do silêncio. Meus pais não me perguntaram por que fui ao penhasco, com que frequência vou lá ou se podiam me acompanhar. Não me perguntaram como eu me sentia quando ia lá, se eu pensava em Passarinho ou se tinha vontade de voar atrás dele. Sequer mencionaram como foi no hospital, quão assustados ficaram ou como vovô estava. Nem o motivo pelo qual ele deixara sua taxa de glicose cair tanto, para começar.

É quase como se tivéssemos medo das palavras. Elas pairam no ar, sem serem ditas, e quando percebem que não serão utilizadas, murcham e morrem. Não era de se admirar que minha boca tenha se aberto naquela manhã e emitido sons que não deveria. Talvez ela esteja ficando cansada de ser reprimida dessa forma e tenha soltado algumas palavras em protesto. Não posso culpá-la por enlouquecer um pouco com todo o silêncio.

Quando estávamos terminando, papai limpou os lábios com o guardanapo e olhou para mim.

— Não volte ao penhasco, Joia. Não é um bom lugar.

— Eu sei.

— Há *duppies* lá, como eu disse a você. — Ele pousou as mãos na mesa e esfregou as unhas dos polegares, sinal de que estava preocupado. — O mundo espiritual deve ser levado a sério.

Mamãe suspirou. Foi quase inaudível, mas eu escutei.

Papai fingiu que não ouviu e disse:

— Estou muito decepcionado com você, Joia.

Olhei para baixo e encarei o prato. Sabia que ele diria isso, mas ainda assim suas palavras me feriram por dentro.

— Você precisa se ocupar — interrompeu mamãe. — Está com muito tempo livre este verão.

E aquele foi o fim da conversa. Meu pai foi ver como vovô estava e levar o jantar dele, e eu ajudei mamãe a limpar tudo, mas, embora eu tenha esfregado a mesa com bastante força, do jeito que gosta, ela não olhou para mim. Nem uma vez.



Mamãe ficou surpresa com minha dificuldade em arrumar um trabalho de verão. Ela repetiu várias vezes que sabia que a sra. Jameson precisava de ajuda com as entregas da padaria, o que eu podia fazer de bicicleta, e que os Matthews tinham três filhos que precisavam de babá, e que o cachorro do sr. Perry, o Búrguer, precisava passear. No entanto, por algum motivo, parecia que ninguém estava realmente interessado quando ela sugeria que eu poderia ajudar.

Então, em vez disso, mamãe escreveu uma lista de coisas para eu fazer enquanto ela e papai estivessem trabalhando.

Tarefa de verão da Joia\*:

1. Segunda-feira: arrumar a casa

2. Terça-feira: cortar a grama e arrancar ervas daninhas do jardim

3. Quarta-feira: passar o aspirador de pó

4. Quarta e sexta-feira: visitar a sra. Rodriguez

5. Sexta-feira: limpar o banheiro

\*Sempre: arrumar seu armário, jogar fora coisas do sótão que você não queira mais e matar as formigas na cozinha. (Elas continuam voltando.)

As únicas tarefas que eu não me incomodava em fazer eram cortar a grama, porque usar o cortador de grama era bem divertido, e tirar as ervas daninhas do jardim do papai. Ele cultivava todos os tipos de flores e vegetais, até plantas da Jamaica, embora elas não passem de um ou outro broto murcho, como se o solo de Iowa só quisesse ver crescer milho e tomate, e não coqueiros, pés de graviola ou de fruta-pão. Ele só me deixa ajudá-lo com o jardim porque sabe o quanto amo mexer na terra. Faço isso quando estou chateada — saio, encontro um pedaço de terra e cavo. Pode parecer estranho, mas é bom fazer seus braços trabalharem mais do que eles gostariam, transformar as mãos em garras e os ombros em motores e cavar até encontrar coisas que você nunca viu antes, e que jamais teria visto se não cavasse.

Como pontas de flecha.

Mamãe não gosta quando encontro pontas de flecha. Ela diz para eu parar de perder tempo com isso, parar de sonhar acordada, afinal como poderei virar professora se fico desperdiçando meu cérebro cavucando a terra como um cachorro?

— Mas não quero ser professora — disse a ela uma vez enquanto dobrávamos as roupas limpas. — Quero ser geóloga.

Minha mãe olhou fundo e intensamente nos meus olhos quando falei isso, para ver se eu estava mentindo. Claro que não estava.

— Quero que você tenha um emprego bom e prático — respondeu ela.

— Geólogos são práticos — falei. — São cientistas.

— Cavar no quintal não é ciência — declarou mamãe, curta e grossa, enquanto segurava uma camisa do papai. — É sonhar acordada, como seu pai.

Ela olhou para o teto, como se não acreditasse que estivesse tendo aquela conversa, e voltou a cuidar da roupa, alisando com cuidado cada dobra, como se eu jamais tivesse dito nada.

Nunca mais falei em ser geóloga.

No entanto, eu não pensava em outra coisa enquanto arrancava ervas daninhas no jardim. É fantástico pensar que Iowa era o fundo de um mar raso, como o Golfo do México, e que nossas montanhas, revolvendo-se na cadência do oceano, eram ondas de verdade. Os grãos da terra que cavo com as mãos já foram braquiópodes, equinodermos e corais, que viveram e nadaram, e agora são terra. E tudo o que está vivo um dia também vai virar terra.

A terra é tudo.

Não sei muito bem como arrancar ervas daninhas pode me ajudar a ser professora.

— Precisa de ajuda?

Com um sobressalto, virei a cabeça na direção da voz de John. Seu short jeans e sua camiseta estavam incrivelmente limpos perto de minhas roupas imundas e cobertas de terra.

— Como descobriu que moro aqui? — perguntei.

Estava mais preocupada com a possibilidade de levar uma bronca por receber visitas do que com o fato de que, mais uma vez, John havia me encontrado. Mamãe diria que uma visita me distrairia das minhas tarefas.

John tentou conter um sorriso.

— Parece que ainda tem muitas ervas daninhas para arrancar.

Suspirei.

— Estou treinando para ser professora.

John ergueu as sobrancelhas brevemente. Ajoelhou-se ao meu lado e começou a arrancar as ervas e jogá-las na pilha que eu já formara.

— Não ia ser geóloga? Eles colhem rochas, não ervas.

— Eles colhem ervas quando a mãe manda — respondi, tirando um punhado de raízes profundas de dente-de-leão da terra. O suor já escorria em minha testa. — Não fale sobre geologia por aqui. Minha mãe não gosta.

Trabalhamos lado a lado sob o sol de verão que se erguia no céu, cavando no jardim do papai. Foi legal ter alguém me ajudando.

— Que plantas são essas? — perguntou John, apontando para as mudas de coqueiro, de pé de graviola e de fruta-pão.

— São mudas de árvores jamaicanas — respondi. — Papai acha que elas vão vingar aqui. Ele quer um pomar.

John olhou para mim.

— Em Iowa?

— Eu sei. Solo errado.

— Tudo errado — resmungou John, puxando mais algumas raízes grossas.

Arranquei outra erva.

— Mas ele vive dizendo que talvez as plantas se adaptem.

John fez uma pausa e perguntou, cauteloso:

— Aquelas árvores tropicais vão se adaptar em Iowa?

Assenti. Sabia quão estúpido aquilo soava. Papai pode ser otimista quando quer.

— Hum... — John se sentou nos calcanhares e observou uma trilha de condensação no céu.

— Seu pai é uma figura, sabia?

E continuou olhando os aviões lá no alto.

— O melão-de-são-caetano está se dando melhor do que as árvores — falei, apontando para um canto do jardim. — Vivo falando para ele desistir das mudas, mas meu pai diz que essas árvores são boas para os *duppies*.

Isso chamou a atenção dele.

— Para quem?

— Os *duppies* — repeti. Como John olhava para mim de um jeito estranho, prossegui: — Nós temos uma alma e um espírito, e, quando morremos, a alma vai para o céu e o espírito

fica no corpo por mais alguns dias. Se as lágrimas de alguém caem no corpo durante o funeral, ou se outra coisa parecida acontece, o espírito fica preso na terra e assombra as pessoas. Causa problemas.

Os olhos de John ficaram bem arregalados.

— Os *duppies* não gostam de determinados tipos de árvores e plantas — continuei —, e plantá-las ao redor da casa ajuda a mantê-los afastados.

— Sério?

— É uma coisa jamaicana.

Arrancamos as ervas em silêncio por um tempo, e então ele perguntou:

— Que tipo de problemas os *duppies* causam?

— Não sei — respondi, embora cada fibra do meu corpo estivesse gritando “Passarinho”.

Abaixei um pouco a cabeça para que ele não enxergasse minha mentira.

— Você acredita nessas coisas? — perguntou John.

Não conseguiria olhar para ele nem se quisesse.

— Acho que não — falei, devagar.

Não sei ao certo se acredito em *duppies*, almas e espíritos, mas parte de mim sentia que eu estaria desrespeitando meu pai se dissesse isso, porque ele acredita.

Todos nós achamos que vovô matou meu irmão ao lhe dar o apelido de Passarinho. Nomes são importantes, e mesmo que não tivesse a intenção, vovô acabou atraindo um *duppy* para nossa casa, e o espírito seguiu meu irmão e o convenceu a pular do penhasco. Mamãe não acredita em *duppies*, já que é católica (não que fôssemos à igreja com frequência). Ela acha que meu avô matou meu irmão porque sua conversa mexeu com a cabeça de Passarinho, deixou-o confuso. Afinal ele era só um garotinho. “Em boca fechada não entra mosca”, ela soltou durante uma discussão que teve com papai sobre o vovô, “e foi uma boca aberta que matou nosso filho”.

— *Duppies*. — John balançou a cabeça. — Que coisa maluca. — Então olhou para mim. — Sem ofensa.

Pronto. Estava dito. *Que coisa maluca*. Dei de ombros discretamente, como se não ligasse muito para o que ele pensava, mas tratei de manter a boca fechada. Fiquei satisfeita por não ter deixado escapar nada sobre o penhasco, como fizera com o sr. Williamson, e decidi, bem naquele momento, que não tocaria em mais nenhum assunto importante, como para onde John estava indo no dia anterior. Ou de onde ele viera de *verdade*.

Em vez disso, perguntei:

— Para onde você vai quando virar um astronauta? Marte?

John jogou mais raízes em uma nova pilha.

— Que nada. Marte é superestimado. Vou para as luas de Júpiter.

— Luas? Tem mais de uma?

Uma gota de suor escorreu pelo meu pescoço. Uma pedra estava espetando meu joelho, e minhas costas começavam a ficar doloridas. Arrancar ervas daninhas era mais trabalhoso do

que me lembrava.

— Júpiter tem mais de sessenta luas. — John voltou a se sentar nos calcanhares. — As maiores são Io, Europa, Ganimedes e Calisto. Serei o primeiro astronauta a pousar em uma delas.

Sessenta luas. Imagine só como não deve ser o céu de Júpiter à noite.

Bem naquele instante, ouvi um barulho às minhas costas e me virei.

Vovô.

Vovô, que nunca se aproximava de mim. O ar esfriou, como se ele congelasse tudo ao seu redor, inclusive meu corpo. Estava a menos de três metros de nós, na grama, usando sambacão e uma camiseta branca e fina.

Respirei fundo e me levantei com dificuldade, desviando o olhar.

— Vovô, este é John.

— Olá — cumprimentou John, levantando-se e limpando as mãos no short; então estendeu a mão para cumprimentar vovô.

Os olhos do meu avô ficaram tão grandes quanto ovos.

A mão de John continuou estendida, afetuosa e amigável.

Vovô continuou encarando John. Eu nunca o vira encarar ninguém antes; ele geralmente fazia questão de não olhar para nada.

— Eu o conheci ontem — falei, tentando quebrar o gelo.

De repente, as narinas do vovô se inflaram, e seus olhos se estreitaram em duas fendas.

John abaixou a mão.

No céu, o sol parou de subir.

Então, para minha consternação, vovô estalou a língua e cuspiu no chão, aos pés de John, e fez um X na grama com o pé.

John recuou alguns passos, boquiaberto. Se eu fosse ele, teria saído correndo — mas ele apenas endireitou as costas e ergueu ligeiramente o queixo.

— Peço desculpas se fiz algo errado — falou —, mas agora o jardim está limpo. Tenha um bom-d...

Vovô franziu a testa, fez um gesto estranho com as mãos, que eu nunca tinha visto, e marcou outro X no chão.

O queixo de John caiu. Foi como se ele tivesse derrubado as palavras no ar, tamanho o choque.

Abaixei a cabeça e esperei ouvir os passos de John indo embora. Esperei que ele dissesse que, com toda a insanidade da minha família, eu não merecia sua companhia. Um nó se formou em minha garganta. Parecia que John realmente queria ser meu amigo.

Eu havia chegado tão perto...

— Venha — disse John para mim. — Vamos para outro lugar.

Ergui a cabeça. Vovô havia recuado uns dez passos de nós, mas ainda ouvia cada palavra. John falava como se ele não estivesse ali.

— Vamos — insistiu, puxando meu braço.

— M-mas eu ainda não terminei minhas tarefas — gaguejei. — Minha mãe vai ficar brava.

As sobranceiras de John se contraíram.

— E ela não ficaria brava porque ele — John meneou a cabeça na direção do vovô — simplesmente cuspiu em mim? Vamos. É rapidinho.

Mordi o lábio. Nunca desobedeci meus pais. Não de propósito. Sei que muitas crianças da minha sala não ouviam os pais, ou que fugiam de casa, ou lhes faltavam ao respeito. Comigo era diferente. Meus pais já haviam perdido Passarinho. E eu era a substituta dele.

Pelo menos, é assim que me sentia às vezes.

— Vamos — repetiu John, exasperado. — Quero mostrar uma coisa.

Vovô fez uma careta.

Estremeci e me inclinei, afastando-me do vovô. Naquele momento, tive um desejo esmagador de ir com John, seja lá para onde ele quisesse me levar. Qualquer lugar que não fosse minha casa silenciosa e fria. Dei alguns passos hesitantes na direção dele.

De repente, meu avô avançou violentamente até mim e agarrou meu braço, seus dedos firmes como um torno.

— Me solta! — gritei, e puxei o braço com força.

Então, quando me dei conta do que estava acontecendo, John começou a correr e eu fui atrás dele, para longe da minha casa, das tarefas, do meu avô, entre as fileiras de milho que cresciam.



# CAPÍTULO CINCO



— É logo ali — falou John.

Suas pernas se moviam com rapidez pelo campo e ladeira acima, os pés de milho batendo na altura de suas panturrilhas. As pernas dele eram mais longas que as minhas, e eu precisava me esforçar para acompanhá-lo.

Senti um formigamento estranho, como se meu corpo não pertencesse a mim. Tinha mesmo feito aquilo? Desobedeci meu avô, bem na cara dele? Meu estômago se revirou de vergonha. Será que ele contaria aos meus pais? Isso seria ainda pior.

Tropecei em uma depressão no solo e caí de joelhos. John parou e voltou.

— Está tudo bem? — perguntou ele.

— Não foi nada — respondi, embora uma pedrinha tivesse batido com força em meu joelho.

— Espere só até ver o lugar que quero mostrar a você — disse John, e seu sorriso estava tão brilhante que fez com que eu me perguntasse pela centésima vez por que vovô ficou com tanta raiva dele.

John me ajudou a levantar.

— O que houve com seu avô? Ele pirou.

— Não faço ideia — respondi, e aquela era a mais pura verdade. — Talvez estivesse de mau humor.

Isso já não era bem verdade, mas seria melhor do que dizer que vovô não gostou dele sem motivo algum.

— Mau humor — repetiu John.

Pareceu que ele ia acrescentar algo, mas mudou de ideia.

Achei que estivéssemos indo para a casa do tio dele, porém John tomou a direção oposta, da qual eu o vira chegando no dia anterior. Passamos por três plantações diferentes e subimos uma colina íngreme até um bosque pequeno e denso, de onde dava para observar a terra lá embaixo. Ao contrário do que muitos pensam, Iowa não tem apenas plantações de milho. Há muito mais variedade, com falésias, cavernas, dolinas e lagos em ferradura. Também não é

sempre plano; suas colinas se erguem e mergulham, um rio de terra fluindo desde as Montanhas Rochosas no oeste, erguendo-se como ondas no horizonte.

O sol já estava bem alto, e minha garganta ardia de sede. Iowa não é lugar para se ficar por aí sem água no verão. Por ser um estado sem litoral, o calor daqui é intenso e assa tudo em que toca. Quem tem ar-condicionado se esconde em casa. Minha família não tem alternativa a não ser suar o tempo inteiro.

Reduzimos a velocidade ao chegar às árvores finas e espaçadas, que pareciam suar no calor do verão. Conforme adentrávamos o bosque elas se tornavam maiores e mais grossas, e suas copas frondosas pareciam mães de braços estendidos, protegendo-nos do sol. As folhas afundavam com suavidade sob nossos pés, e John me guiou em meio à vegetação, até parar de repente.

— Chegamos.

Olhei para cima. Diante de mim havia uma imensa árvore oca, uma tília, muito mais alta e larga do que todas as outras. Seus galhos sem folhas e o tronco nu perfuravam a copagem. Com certeza estava morta; devia ter morrido muito tempo antes, atingida por um raio, consumida por fungos, ou mesmo de velhice. Já não restava nada do cerne, fora dissolvido por completo, mas a casca do tronco e os galhos continuavam firmes, intactos. Um buraco de quase um metro e meio se erguia da raiz, como uma porta.

Era uma casa. Feita de árvore.

— O que aconteceu com ela? — perguntei, quase sussurrando.

— Não sei — disse John, parecendo um pouco envergonhado. — Estava esperando que você soubesse.

Fiz que não com a cabeça.

— Esta é a Horizonte de Eventos — anunciou John com o peito um pouco inflado.

— O quê?

— Esse é o nome da minha árvore.

Eu me peguei sorrindo de novo.

— Mas você sabe que essa árvore não é sua, não é?

Os olhos escuros de John brilharam.

— As árvores pertencem a todos. Entre.

A temperatura pareceu cair uns sete graus dentro da árvore, e o chão sob meus pés era macio e esponjoso. Conforme meus olhos se adaptavam às sombras, pude discernir as paredes escuras e fortes de madeira que me rodeavam, e espiei o disco iluminado de céu acima de nós. Cheirava a esfagno e argila, o cheiro de algo em lenta transformação. É curioso, pensei, que as pessoas sintam necessidade de ir à igreja para rezar, enquanto há tantas coisas sagradas aqui, ao ar livre, aguardando silenciosamente.

— Vir aqui durante a noite é realmente incrível — disse John.

O chão era tão macio que eu nem o ouvira entrar.

— Dá para ver as estrelas quando se olha para cima — continuou ele.

— Tipo uma espaçonave.

Assim que disse isso, soube que acertara. Girei devagar, com a cabeça voltada para cima, absorvendo tudo aquilo. John assentiu e me entregou uma garrafa d'água. Olhei para ele, agradecida, porém confusa.

— Ali, perto da entrada — disse ele.

Não tinha percebido quando entrei agachada, mas em um canto havia um pequeno suprimento de água, barras de chocolate e lanternas.

— Legal — sussurrei.

Ninguém jamais me revelara segredos. Na minha família, escondemos os segredos, guardando-os com braços avarentos, nunca os compartilhamos com ninguém. E agora que John havia me mostrado seu lugar secreto, era como se o universo se desdobrasse diante de mim.

Eu me senti rica.

Então a ficha caiu.

— Foi daqui que você veio ontem.

Ele contraiu os lábios.

— É melhor do que a minha casa.

Qualquer um entenderia por que estar na Horizonte de Eventos era muito melhor do que ficar em uma casa chata, sem nada para fazer.

— Então, seu avô cospe em todas as pessoas que encontra? — perguntou John.

Eu me encolhi. Quase havia me esquecido do que acontecera.

— Não. Ele é apenas... — Procurei a palavra certa. — Diferente.

— Sei.

— Não, quer dizer, é mais que isso. Ele não fala.

— Não fala nada?

John se abaixou para sair da Horizonte de Eventos, e eu o segui. Sentamos a poucos metros da árvore, bebendo água e observando os raios de sol desenharem pontos de luz em nossas pernas.

— Ele parou de falar desde que meu irmão morreu.

Silêncio.

— Sinto muito.

Estremeci. Odeio quando as pessoas dizem *sinto muito* quando menciono meu irmão.

— Tudo bem — respondi. — Não cheguei a conhecê-lo.

E então percebi que também não conhecia vovô.

Um silêncio constrangedor caiu sobre nós, e minhas mãos começaram a cavar o solo fresco.

John ficou me olhando cavar por um tempo e depois voltou a olhar para a árvore.

— A Horizonte de Eventos é uma árvore incrível, mas eu não subo nela.

Árvores mortas são frágeis e perigosas. Deixei a terra deslizar entre meus dedos.

— Por que você a chama de Horizonte de Eventos? — perguntei.

John assentiu discretamente, como se estivesse esperando que eu fizesse essa pergunta.

— Já ouviu falar em buracos negros, não é?

— Já — hesitei. — Por alto.

— Quando uma estrela supergigante morre, ela implode, colapsa sobre si mesma, e forma um buraco negro. Tudo ao redor dele é sugado. Até mesmo a luz. As estrelas também.

— Para onde vai tudo isso?

John deu de ombros.

— Ninguém sabe. De qualquer maneira, se alguém entrasse em um buraco negro, não poderia contar o que há do outro lado, porque é impossível sair.

Fazia sentido.

— A força de atração de um buraco negro é forte, mas é possível evitar ser sugado mantendo certa distância. Horizonte de eventos é como os cientistas chamam o ponto a partir do qual não há mais volta. Se você o cruzar... — John passou o indicador na frente do pescoço. — Tchan. Você é sugado. Tchauzinho. Se não atravessar o horizonte de eventos, ainda pode ir embora.

Achei assustador chamar sua árvore preferida de “ponto sem volta”, mas soou corajoso também. Jamais teria pensado em um nome como aquele.

— Onde você acha que iria parar se fosse sugado por um buraco negro? — perguntei.

— Em outra dimensão — respondeu ele, simplesmente.

Como John podia dizer isso com tanta confiança? Fiquei meio zozza. Nunca havia conhecido ninguém como ele. E a melhor parte é que alguém tão confiante, corajoso e inteligente como John estava contente em ficar sentado ali no bosque comigo. Em toda a minha vida, jamais conhecera uma pessoa que realmente entendesse por que eu passava tanto tempo cavando na terra, ou por que gosto de pedras e de árvores e de observar os movimentos do céu durante uma tempestade. No entanto, John também gostava de todas essas coisas e mais um pouco, e ele não sentia que deveria esconder nada. Eu queria entrar na pele dele e tomar um pouco daquela confiança para mim. Talvez tenha sido por isso que falei para ele que os carvalhos e pinheiros à nossa volta pareciam muito bons de escalar.

John me lançou um sorriso travesso.

— Estas árvores são bem mais altas que a do meu tio.

Meus lábios se torceram em um sorriso.

— Acha que estou com medo?

— Acho que a vista é bem melhor lá de cima.

Passamos bastante tempo escalando o mais alto que nos atrevíamos e experimentando várias espécies diferentes de árvores. Ele tinha razão; havia algumas muito grandes que exigiam saltos desafiadores de galho em galho. Às vezes eu ficava um pouco nervosa, mas o acompanhei o tempo todo.

Quando nos acomodamos em uma bifurcação de galhos em um bordo, John, que estava no galho acima de mim, olhou para baixo e perguntou:

— Qual era o nome do seu irmão?

Hesitei. Não sabia ao certo o que responder, mas então percebi que já havia mentido para ele ao dizer que não acreditava em *duppies*, e não estava preparada para contar duas mentiras em um dia, então falei:

— John.

Ele secou o suor da testa e me encarou.

— Não é possível.

Meu coração acelerou um pouco, e minhas mãos agarraram o galho até meus dedos doerem. Não sabia muito bem o que ele estava pensando.

— É verdade. Mas o chamavam de Passarinho.

— Por quê?

— Porque vovô queria que ele voasse.

Não conversamos muito depois daquilo, apenas continuamos escalando. Ainda restavam alguns galhos grossos para a tarefa ficar arriscada, mas paramos de subir. Quando nossos antebraços começaram a doer demais, descemos, comemos os lanches de John e paramos à beira do bosque. Do topo da colina, víamos a harmoniosa terra verde e dourada, as pequenas casas lá embaixo — tinha uma ótima vista da minha casa e da do sr. McLaren também —, as formações de dolomita dos penhascos e as estradas de cascalho que se estendiam a distância como finas artérias. A terra de milhões e milhões de anos nos segurava.

Quando espiei John com o cantinho dos olhos, percebi que ele observava o céu.



Quando cheguei em casa, papai estava em seu jardim, analisando cada planta, as mãos nos quadris.

— Oi, pai — falei, dando um beijinho de leve na bochecha dele, mas sentindo o estômago embrulhar.

Se vovô tivesse encontrado uma maneira de contar a ele que o desobedeci naquela tarde, eu estaria muito encrencada.

— O que achou da minha limpeza do jardim? — perguntei o mais casualmente possível.

Ele assentiu.

— Bom trabalho, Joia.

E se agachou para inspecionar as folhinhas jovens do pepineiro. Exalei silenciosamente, aliviada. Vovô não dissera nada.

— Estou surpreso que você tenha conseguido limpar tudo debaixo dos espinheiros — continuou ele. — É difícil chegar nas raízes.

Aquele era o trecho que John limpou.

Papai caminhou lentamente pelo jardim e declarou:

— Estava começando a ficar preocupado com o alecrim.

Senti minhas bochechas queimarem. Eu não sabia se tinha feito algo errado.

— Parece bem saudável para mim — respondi.

Ele pôs a mão em meu ombro.

— Sim, mas se as ervas daninhas tivessem matado o alecrim seria muito ruim para nossa família.

— Seria azar, porque o alecrim nos protege — completei, mais confiante dessa vez.

As sobrancelhas dele se ergueram com uma surpresa alegre.

— Você lembrou.

Fiquei radiante. Papai me contara sobre o alecrim havia muito tempo, e eu corri até meu quarto para anotar o que ele dissera para impressioná-lo em uma situação exatamente como aquela.

— O alecrim pode ser usado de muitas formas. — Franzi a testa, pensando. — Você pode esfregar um punhado na pele ou guardar no bolso quando precisar de ajuda para se lembrar de algo. Em uma prova, por exemplo.

— E?

— E... pode deixá-lo debaixo do travesseiro para não ter pesadelos.

Ele apertou meu ombro.

— E chá de alecrim ajuda a restabelecer a saúde, quando você se machuca — acrescentei, tentando deixá-lo ainda mais orgulhoso.

— E?

— E... — Vacilei.

Não me lembrava de mais nada.

— E queimar alecrim é ótimo para se livrar dos *duppies* — concluiu ele. — Essa é uma arma poderosa para afastá-los.

— Como o xolo? — perguntei.

O sorriso do papai ficou ainda mais largo.

— Não é muito esperta, essa minha filha? — falou ele, balançando a cabeça, e eu sabia que aquilo não era bem uma pergunta.

Papai havia ficado muito animado quando um programa qualquer na tevê falou sobre o xolo, um cachorro milenar que protegia os reis astecas de intrusos e espíritos malignos. Depois de descobrir isso, tratou de arrumar uma estatueta de um pelado mexicano para nossa casa. Quando comentei que a raça é do México, e não da Jamaica, ele respondeu que espíritos protetores fazem o mesmo trabalho, independentemente da origem. Em seguida, cuidou logo de consertar o vazamento na cozinha da sra. Rodriguez, porque fora ela quem trouxera a estatueta do México para ele. Papai colocou o cachorro ao lado das fotos de família na sala de estar, e lá ficou a estatueta, embora mamãe tivesse lhe dirigido algumas palavras afiadas quando chegou em casa.

Tem várias coisas que papai faz que não deixam mamãe muito feliz, principalmente quando se trata do Buick. Ainda que o carro seja muito velho, papai faz questão de lavá-lo e lustrá-lo todo sábado à tarde, ele tem até uma luva especial para passar a cera e outra para removê-la. Mamãe diz que tudo isso é um desperdício de dinheiro, principalmente as revistas sobre carros que ele vive largando pela casa. Para ela, bom mesmo seria se ele aprendesse a consertar o carro quando ele quebrasse, mas acho que papai nem perceberia se o motor sumisse, porque nunca em minha vida eu o vi abrir o capô do Buick. O lado de fora, por outro lado, ele deixa sempre brilhando, e quando termina, põe as mãos nos quadris, solta um rápido assobio e assente. No entanto, temos que levá-lo à oficina por qualquer motivo, até para trocar o óleo.

Acho que não o culpo por ficar orgulhoso como um pavão, mesmo que o carro esteja um pouco enferrujado nas laterais. Quando ele conta sobre o dia em que o comprou, seu rosto inteiro se ilumina como uma estrela, até seus olhos brilham. Ele pagou à vista, com um grande bolo de notas enroladas, e saiu dirigindo pela cidade seu carro novinho em folha, com a esposa bonitona no banco do carona. É assim que ele conta a história. Posso até ver os dois sorrindo de orelha a orelha, a felicidade reluzindo como um raio de sol refletido no metal cromado. E ainda que ele não conte isso com tanta frequência nos últimos tempos, às vezes eu me pergunto se ele ainda se lembra da história, principalmente porque ele sempre encera o carro sozinho.

Papai e eu ficamos em silêncio por um instante, observando como tudo crescia no jardim.

— As mudas de árvore não estão com uma cara muito boa — admiti.

Papai semicerrou os olhos, como se quisesse fazê-las crescer só com sua força de vontade.

— Não se preocupe, querida. Essas são mudas da sorte. — Sua voz de barítono era suave e gentil. — Quero essas árvores porque também são boas para proteção.

Cocei o braço.

— Pai? — perguntei.

— Sim?

— Se o alecrim é uma boa proteção contra os *duppies*, por que está tentando plantar árvores?

Papai sorriu.

— Você é mesmo esperta — disse ele, e colocou o braço em meus ombros. Eu me encostei nele um pouco mais. — Quanto mais proteção tiver à sua volta, melhor. São como camadas.

— Camadas?

Inclinei a cabeça para olhar para ele.

— Camadas de proteção, Joia. É melhor que elas sejam sempre fortes e grossas. — Papai assentiu na direção do jardim. — Um dia, essas mudas vão crescer e se tornar árvores enormes, você vai ver.

Eu o olhei de soslaio.

— Coqueiros, no meio de uma tempestade de neve?

Ele riu.

— Por que não?

Eu lhe dei uma cotovelada.

— Um dia essas mudas vão crescer o suficiente para que possamos transplantá-las para vasos e trazê-las para dentro de casa durante o inverno. E então, quando ficarem muito grandes, usaremos um carrinho para transportá-las.

Como eu disse, papai consegue ser bastante otimista. O que vai acontecer quando o coqueiro ficar maior que nossa casa? Mas ele não se preocupa com esse tipo de detalhe. Acho que um dos motivos de ele amar tanto suas plantas é o fato de o jardim já ter sido da vovó, que também amava plantas. Papai conta que, na Jamaica, vovó tinha um jardim enorme e conhecia as propriedades medicinais de todas as plantas — muito mais do que papai sabe, pelo que ele me fala. Talvez ele se sinta mais próximo da mãe ao trabalhar no jardim, como se, de algum modo, o espírito dela ainda estivesse por aqui. Várias plantas morreram quando ela se foi — papai não sabia cuidar delas, mas me disse que morreram de tristeza —, e ele é muito cuidadoso com as que sobraram. Vovó também sabia muito sobre *duppies* — sabia, por exemplo, como perceber se havia algum por perto —, e papai tenta me ensinar sobre eles quando mamãe não está ouvindo. Às vezes eu acho que ele gostaria de ser mais como vovó, porque passaria o dia inteiro falando dela, de *duppies* e de plantas se minha mãe deixasse. Mas ele não faz isso. Na verdade, fica olhando a foto da vovó na sala de estar, quando acha que não estou prestando atenção; ele simplesmente fica lá, observando vovó, como se a qualquer momento ela fosse saltar da foto e conversar com ele. Eu era bem pequena quando ela morreu, e é estranho pensar que papai sente tanta falta de alguém que não conheci.

Papai e eu inspecionamos o jardim por um bom tempo, cutucando as plantas aqui e ali, esfregando suas folhas e cheirando as fragrâncias. O que me deixou mais feliz, no entanto, foi o fato de ele não precisar me dizer para não comentar nada de nossa conversa sobre alecrim com mamãe. Ele sabia que eu já sabia disso.

Acho engraçado papai cuidar de plantas jamaicanas e falar de *duppies* e afins, porque não foi ele quem veio da Jamaica, e sim vovó e vovô. Ninguém voltou para lá também. Não havia motivo pelo qual voltar, ele me disse uma vez, quando perguntei. Está tudo mudado agora, as pessoas e os lugares estão diferentes. Enfim, dizia que ele e vovô estavam no norte tinha tanto tempo que nem mesmo o sol jamaicano os reconheceria. Eles provavelmente se queimariam como dois homens brancos. Papai riu bastante ao dizer isso. Mesmo assim, um dia encontrei um panfleto de turismo muito velho enfiado em uma das revistas dele anunciando um pacote para a Jamaica. O panfleto tinha umas fotos do oceano, de árvores e do pôr do sol, e incluía passagem aérea, hotel e até mesmo refeições, tudo isso por um preço anunciado como o mais baixo do mercado. Porém não parecia tão baixo para mim, e talvez tampouco para papai, porque ele nunca mencionou uma palavra sobre isso para nós.

Papai também nunca voltou a Miami. Foi lá que vovó e vovô moraram ao chegar nos Estados Unidos, e onde papai cresceu. Imaginei que eles pudessem querer voltar e visitar os



amigos, pelo menos de vez em quando.

Às vezes fico com pena do papai porque ele não pode conversar com as pessoas daqui sobre assuntos como afugentar os *duppies* com alecrim. Iowa não tem uma comunidade jamaicana muito representativa, se é que você me entende. Temos que dirigir cinquenta minutos para comprar bananas-da-terra em uma loja que costuma vender artigos para os descendentes de mexicanos, e esse é o único momento em que mamãe fala espanhol, pois os funcionários não falam inglês muito bem. Então precisamos dirigir mais de três horas até Chicago, onde compramos nossa comida jamaicana: *saltfish*, *ackee* em lata, pimenta-biquinho, pimenta desidratada, *bammies* e bolinhos de carne. Depois de comer em nosso restaurante jamaicano preferido, dirigimos de volta para as plantações de milho, para uma comunidade que pensa que a Jamaica fica na África, um lugar onde os brancos e os latinos ficam em seus respectivos cantos da cidade e a mistura simplesmente não acontece.

Exceto pela minha família.

Fico me perguntando como seria ter pais que compartilham a língua, a história, as receitas. Acho que tornaria as coisas menos interessantes, porém mais simples. Quando fazemos compras fora da Caledonia, fico confusa com as pessoas me perguntando o que sou. Elas não deveriam perguntar *quem* sou? Por que eu sou um *o quê*? Não sei bem por que ligam tanto para isso, mas dá para perceber pela maneira como me olham que é importante.



— Por que você não arrumou a casa? — perguntou mamãe, mais cansada do que severa.

Devia ter sido um dia estressante no trabalho, ou ela estaria mais irritada comigo. Ela ligou o ventilador, tirou os brincos que papai lhe dera no Natal alguns anos antes e então se inclinou para perto do espelho, observando seu reflexo. Ela vive procurando rugas e coisas assim em sua pele de quartzo fumê. Mal sabe o quanto eu gostaria de ser tão bonita quanto ela um dia.

Eu estava sentada na beira da cama deles e parei de balançar as pernas para a frente e para trás. Um dia meus pés tocarão o chão, mas por ora ainda faltam alguns centímetros.

— Não consegui chegar até a sala porque me distraí.

O calor subiu em meu rosto.

As sobrancelhas escuras da minha mãe se ergueram.

— Com o quê?

— Passei muito tempo arrancando ervas daninhas no jardim.

Isso era verdade, mas não completamente. Só deixei de fora a parte do vovô, John e a Horizonte de Eventos. Mamãe suspirou e se virou para me encarar.

— Joia, venha aqui.

Escorreguei para fora da cama e me aproximei, devagar. Ela me deu um abraço, não muito apertado, e se afastou um pouco, segurando meus ombros para me olhar.

— Estou muito preocupada com você, meu amor — falou.

Engoli em seco.

— Você dá ouvidos demais a seu pai. Ele tem boas intenções, mas quero que você tenha um bom emprego quando crescer. Que seja alguém na vida.

Estremeci. Ela tinha medo de que eu não me tornasse alguém na vida? De que eu já fosse ninguém agora mesmo? Olhei de volta para ela e assenti.

— Seu pai é um homem doce — continuou —, e você sabe que eu o amo, mas não pode levá-lo tão a sério.

Eu não estava gostando daquela conversa. Amo as lições do papai e suas histórias, e a forma como continua desejando as coisas, mesmo que elas acabem nunca se realizando. E daí se ele quer um coqueiro em Iowa?

Mamãe beliscou meu queixo bem de leve.

— Você é tudo o que temos, Joia. Quero que nos deixe orgulhosos.

Um breve tremor atravessou meu corpo, como se meu coração estivesse se partindo, uma profunda rachadura na terra, e todos os tipos de medos obscuros surgissem de lá. Engoli em seco.

— Eu também quero deixar vocês orgulhosos — sussurrei.

E nada poderia ter sido mais verdadeiro.

Embora mamãe não dissesse, dava para ver que estava triste, da mesma forma que eu percebera todas as outras vezes em que algo dentro dela murchava. Às vezes acontecia perto do meu aniversário, perto do aniversário de morte de Passarinho, e ela mudava. Fazia basicamente as mesmas coisas, mas havia um grande peso em seus olhos, e ela passava muito tempo quieta, às vezes chorava à mesa do jantar, sem motivo algum, e quando falava era só para dizer que eu havia feito algo errado. Ela também se irritava bastante, mais do que o normal. Essa era a pior parte, porque não havia nada que eu pudesse fazer para melhorar as coisas.

Sempre que ela mudava assim era por causa de Passarinho. Às vezes eu tinha medo do meu aniversário, porque receava que mamãe ficasse triste ou irritada — ela não ficava assim só por um dia, mas por semanas, às vezes meses, até que algo acontecia e a tirava desse estado. O problema é que nunca dava para saber quando começaria; de vez em quando meu aniversário passava e mamãe continuava sendo mamãe, sorrindo mais do que eu acharia possível nessa data.

Eu sempre sabia quando mamãe estava de volta, porque ela passava a acariciar minhas costas como antes. Mas ela mudava de tempos em tempos — às vezes perto do meu aniversário, às vezes quando eu perguntava sobre Passarinho, como na vez em que perguntei qual era a comida preferida dele. Quando isso acontecia, eu ficava com muita raiva de mim mesma por mencionar meu irmão, e, por isso, é claro que aprendi a nunca falar sobre ele. Era

arriscado demais. Só que, embora eu tivesse aprendido a evitar o assunto, ela continuava virando aquela outra mamãe, e eu sempre me perguntava o que havia feito de errado. Por exemplo, ela ficou triste algumas semanas antes do meu aniversário de doze anos, e eu fiquei muito irritada comigo mesma por simplesmente ter um aniversário.



Vovô saiu do quarto na hora do jantar, sentou-se em sua cadeira e encarou o prato vazio. Ficou chupando as bochechas. Mordi o lábio e continuei a pôr a mesa, tentando não lembrar como o desafiara indo embora com John.

— Como está se sentindo? — perguntou papai ao vovô.

Ele perguntava isso o tempo todo desde que tinham saído do hospital no dia anterior.

Vovô deu de ombros e depois inclinou ligeiramente a cabeça em minha direção, e fez uma cara feia, irritada e intensa.

Fingi não perceber e levei para a mesa as tortilhas, o arroz com feijão, um pouco de abobrinha que minha mãe fritara e o molho apimentado da sra. Rodriguez. Era a vez da mamãe cozinhar. É engraçado, porque papai aprendeu a fazer comida mexicana com a sra. Rodriguez e cozinha melhor do que mamãe. Ela não gosta de cozinhar, então comemos muito feijão enlatado, embora seja mais caro que feijão cru. Ela adora molho apimentado, mas como papai não sabe prepará-lo muito bem, eles me mandam buscar um pouco com a sra. Rodriguez, que não fala inglês e sempre olha para mim como se sentisse pena. Não sei se é porque mamãe não me ensinou espanhol ou porque sou meio magricela e mamãe não cozinha muito bem. Que seja. Busco um pouco do molho dela e, em troca, papai tira a neve da entrada de sua casa durante o inverno.

Mal havíamos começado o jantar quando percebi que vovô não estava comendo. Isso era estranho, porque ele sempre devora a comida e só para quando o prato está vazio. Mamãe olhou para papai.

— Vovô? O que houve? — perguntou ele.

Meu estômago ficou embrulhado. Vovô ia contar a eles o que eu fizera. Senti vontade de vomitar.

De repente, vovô agarrou a faca e o garfo e começou a bater os talheres no prato com os punhos. Eu arfei e saltei da cadeira.

Nós três nos entreolhamos enquanto o som metálico de vovô preenchia a sala.

— Vovô — disse papai, se levantando, mas vovô já havia ido para a cozinha.

Mamãe olhou para mim com os olhos arregalados. Corremos a tempo de ver vovô carregando nosso pote de arroz de cinco quilos na direção da porta de tela. Papai e vovô

brigavam pelo pote, e puxando para lá e para cá, acabaram derrubando todo o arroz no chão da cozinha. Os grãos claros deslizaram pelo piso de linóleo como uma cachoeira branca e seca. Vovô abriu a porta e começou a chutar o arroz para fora de casa, para o quintal.

Papai segurou os braços do vovô às costas.

— Vovô! Pare com isso! Não tem *duppies* aqui!

Meu estômago deu um nó, e manchas escuras apareceram em minha visão. Agarrei-me à bancada da cozinha para não cair. Papai e mamãe tentavam conter vovô, esmagando o arroz a cada passo, escorregando nos grãos, até que conseguiram levá-lo para fora. Ouvi o barulho do motor do carro ligando, e então papai e vovô partiram.

Pisquei até me livrar da escuridão. Mamãe cambaleou de volta para a cozinha, deixando a porta bater ao passar. Naquele momento, seu olhar era de pura incredulidade e medo, mas, no instante seguinte, seu rosto já havia retornado ao estado sóbrio habitual, como uma cortina se fechando sobre ela, até ela sumir também.

Em silêncio, nos pusemos de quatro e começamos a catar o arroz que vovô derrubara, o arroz que, de algum modo, deveria afastar os *duppies*, o arroz que comeríamos no dia seguinte, e no próximo, e no próximo.

— O molho da sra. Rodriguez estava bom? — indagou mamãe calmamente.

Assenti. Sim, estava.

# CAPÍTULO SEIS



— Qual a idade da Terra?

John me perguntou aquilo alguns dias depois, quando fugi no meio da noite para encontrá-lo na Horizonte de Eventos.

— Cerca de quatro bilhões e meio de anos — respondi.

Estávamos dentro da árvore e tínhamos acabado de salvar a galáxia de Andrômeda de alienígenas e explosões de quasares e buracos negros gigantes. Mamãe e papai dormem bem cedo, então nem repararam que saí escondida. Recostei a cabeça na parte interna do tronco, mastigando uma das barrinhas de granola do John.

— Quatro bilhões e meio? Só isso?

Apontei o feixe de luz da minha lanterna para seu rosto.

— Ei! — queixou-se ele, virando a cabeça para evitar a claridade.

Escondi um sorriso.

— Como assim, “só isso”? É tempo pra caramba — argumentei.

— Não se comparado à idade do universo.

— Quatro bilhões e meio de anos ainda é tempo pra caramba.

John deu um meio sorriso.

— Se quatro bilhões e meio de anos fossem um ano, os seres humanos estariam na Terra pelo equivalente a vinte e três minutos — completei.

Esse era meu factoide preferido em todo o mundo, extraído do meu livro de geologia preferido.

John fez uma pausa e disse:

— Vinte e três minutos?

— Aham. — Enfiei o resto da barrinha na boca. — Os dinossauros caminhavam na terra até aproximadamente duas semanas atrás.

Aquele era meu segundo preferido.

— E o que aconteceu antes disso?

Dei de ombros.

— Período pré-cambriano. Durou a maior parte de janeiro até novembro.

John desenhava oitos com a lanterna na casca da árvore.

— Bom, a luz viaja à velocidade de trezentos mil quilômetros por segundo, e cobre quase dez trilhões de quilômetros em um ano — disse ele. — Isso é um ano-luz. A estrela mais próxima de nós, depois do Sol, é a Próxima do Centauro, que fica a cerca de quatro anos-luz daqui.

Isso era quase quarenta trilhões de quilômetros. Minha cabeça doía só de pensar em um trilhão de qualquer coisa.

— E como a luz dessa estrela demorou quatro anos para chegar até nós — continuou —, a essa altura ela já pode ter explodido, e nós ficaríamos sem saber disso por anos!

Ele acertou o chão com o punho.

— Por que você quer ser astronauta? — perguntei.

John inclinou a cabeça para olhar as estrelas pelo buraco no alto da árvore.

— Quero descobrir o que existe lá fora. — Ele ficou em silêncio por um instante. O canto das cigarras era quase ensurdecedor. — Este planeta é só um pontinho minúsculo se comparado ao restante do universo.

Amassei a embalagem da barrinha e a enfiei no bolso.

— Você não vai se sentir sozinho? — perguntei.

— Eu poderia ir a qualquer lugar. Ganímedes. Io. E além.

— Mas você não...

— Não preciso de ninguém.

Não soube o que dizer. John soou meio bobo naquele momento, porque ele tinha que depender de alguém, de seus pais ou de seu tio, para conseguir comida e tal. Mas havia raiva nas palavras dele, assim como no silêncio do vovô, ou disfarçada nas palavras do papai e da mamãe, no modo como escovavam os dentes e até mesmo como se abraçavam. E quando a raiva encontra um espacinho para vir à tona, ela se espalha por todo lado como o arroz, e não importa o quanto você tente limpar, ela gruda nos cantinhos, e é impossível de eliminar por completo.

Depois que papai trouxe vovô de volta (os dois foram dar um passeio para esfriar a cabeça), ele ficou em seu quarto por dois dias seguidos, saindo apenas para ir ao banheiro. No entanto, sua presença se fazia sentir mais fria do que nunca, um frio pior que o de nossos invernos rigorosos, um frio que vinha de dentro, de algum lugar horrível. E o pior de tudo foi que papai passou aquele tempo todo sem cuidar do jardim. Ele sempre vai para lá depois do trabalho e mexe aqui e ali, inspecionando o crescimento das folhas. Porém, desde que vovô derrubara o arroz, papai não fora nem uma vez ao jardim. Reguei as mudas de árvore para ele.

Eu estava pensando no vovô e no papai, e no arroz e nos silêncios, e não achei que minha boca estivesse planejando fazer algo a respeito disso, mas eu estava errada, porque as palavras saíram:

— Meu avô acha que tem um *duppy* lá em casa.

John fazia teatrinho de sombras na parede.

— SÉRIO?

— É. Ele jogou arroz por todo o chão da cozinha e do lado de fora.

As sobrancelhas de John saltaram.

— Por quê?

Eu fizera a mesma pergunta ao papai no dia seguinte.

— Para afastar os *duppies* — respondi.

— Arroz?

— Se os *duppies* se deparam com o arroz em volta da casa, eles têm que contar cada grão antes de entrar.

— Você acha que eles *realmente* têm que contar cada grão?

John fez um cachorro com os dedos, e a imagem aumentava e diminuía na superfície do tronco.

— Bom, é o que meu pai diz — falei, tentando ignorar um sentimento estranho que se contorcia dentro de mim. — E é melhor deixar muito arroz do lado de fora, já que os *duppies* não são muito inteligentes e não sabem contar até um número muito alto.

John soltou uma risadinha.

— Eles só sabem contar até nove, então ficam confusos e precisam começar de novo — continuei. — Nunca entrarão na casa porque ficarão presos lá fora, contando.

— Só até nove? — perguntou John, com um sorriso estranho.

Eu não respondi. Um brilho surgiu nos olhos dele.

— Então, se eu for na sua casa vestindo um lençol branco e soltar uns gemidos lamurientos, ele vai pirar, certo?

Dei um pulo.

— Você não faria uma coisa dessas.

John riu. Eu puxei uma mecha do meu cabelo.

— Meu avô não é tão mau assim.

— Ah, é? Ele cospe nas visitas para cumprimentá-las?

— Ele geralmente fica no quarto. Não sei o que está acontecendo com ele — insisti, mas sabia que estava fazendo como meus pais, inventando desculpas por vovô.

Embora no fundo não quisesse defendê-lo, também não queria que John dissesse coisas desrespeitosas sobre ele, mesmo que fossem verdade. Mas estava ficando dividida por dentro. Seria errado aquela raiva toda viver à espreita em nossa casa, escondendo-se nos cantos? Será que eu estava errada por sempre ter desculpas para justificá-la?

— Você é muito tensa, sabia, Joia? — disse John.

Pude sentir meu rosto se fechar.

— O que quer dizer com isso?

— Você tem tantos pensamentos que poderia tranquilamente morar aí dentro. — John cutucou minha testa. — Você precisa esfriar a cabeça de vez em quando. Relaxar, entende?

Eu o encarei. Gostava de morar na minha cabeça.

— E algo me diz que isso é coisa de família — disse John. — Não consigo imaginar seu avô relaxado. — Ele deu uma risadinha. — Enfim, com ou sem lençol, vou passar na sua casa amanhã. Talvez ele apareça.

Congelei.

— E se aparecer?

John sorriu.

— Se aparecer, vou conversar com ele. Escute, Joia, se vou passar a frequentar sua casa, não vou querer ser afugentado todas as vezes que estiver por lá — disse, sua voz tão firme quanto um bloco de granito. — Quero que fique tudo bem entre nós, sabe? Não é certo que ele saia por aí tentando assustar as pessoas.

Um arrepio de terror e entusiasmo percorreu meu corpo quando ele falou aquilo. Tentei imaginar o que vovô faria em um segundo encontro, e nada do que pensei me fez sentir muito bem. Saímos sorrateiramente da Horizonte de Eventos e voltamos à estrada. Geralmente, quando ando pela estrada à noite, converso com as estrelas conforme elas se espalham pelo céu. Naquele momento, no entanto, mal reparei nelas.



John decidiu aparecer lá em casa sem o lençol. Respirei aliviada ao abrir a porta e encontrá-lo de short e camiseta.

— Ele está aqui? — perguntou, enquanto eu o deixava entrar.

— Acho que sim — respondi.

Eu havia arrumado um pouco a casa, só para ele, e tudo estava calmo e limpo. A cozinha e a sala de jantar brilhavam, douradas, à luz do sol. O ar fresco da manhã se fora havia muito.

— Onde ele está? — sussurrou John.

Dei de ombros.

— Provavelmente no quarto — respondi em voz baixa, gesticulando com a cabeça para a porta fechada. — Meu avô está sempre lá.

— O que ele fica fazendo lá dentro?

— Não tenho ideia — respondi, sem graça.

Peguei uma maçã da mesa e dei uma polida na casca. John olhou para mim.

— Sério? Você *não tem ideia* do que ele faz?

Eu pensava muito no que vovô fazia no quarto, já que somos vizinhos de parede, mas nunca ouvi som algum vindo de lá. Nenhum som. Nunca.



— Acho que ele lê bastante — falei. — Dorme. Talvez escreva cartas para a família na Jamaica.

John me olhou de soslaio.

— Dorme e escreve cartas? Se eu fizesse isso todos os dias, também cuspiria nos outros.

Ele deu um passo na direção do corredor, onde ficavam os três quartos da casa. Agarrei seu braço.

— Espere. Aceita um copo d'água? Algo para beber?

Os olhos de John brilharam.

— Não.

Ele puxou o braço de volta e caminhou devagar pelo corredor até o quarto do vovô. Ergueu o punho para bater à porta.

Prendi a respiração. Parte de mim queria correr até ele e tirá-lo da casa, afastá-lo do vovô e do silêncio sem fim, mas meus pés estavam enraizados no chão como um algodoeiro. Não poderia detê-lo nem que quisesse, mas então percebi que também não queria. Não de verdade. Não uma vez que ele estava fazendo aquilo para que pudesse me visitar sem causar problemas. E admito que estava curiosa para ver como John seria capaz de falar com vovô sem ficar com medo.

Por outro lado, se vovô tentasse fazer algo contra John, será que eu o impediria? Será que *conseguiria* impedi-lo?

Os nós dos dedos de John bateram rapidamente na porta.

Silêncio. Nada.

John bateu mais uma vez.

Vovô estivera tão irritado, primeiro quando viu John, e depois durante o jantar, na noite do arroz, que eu não sabia muito bem o que ele faria se ficasse com raiva de novo.

John virou-se para mim com um sorriso no olhar. Ele estendeu a mão para a maçaneta.

Minha mão se lançou rapidamente e agarrou o braço dele. Nem pensei, aconteceu muito rápido. Mas isso não impediu que John abrisse a porta do quarto do vovô e espiasse lá dentro.

— Droga. — disse ele, em seu tom de voz normal, mas pareceu tão alto que tive um sobressalto. — Ele não está aqui.

Respirei aliviada, e a terra pareceu voltar a respirar também. Só o embrulho em meu estômago que não se desfez.

— Estranho — falei. — Ele está sempre aí dentro.

John arqueou uma sobrancelha.

— Ou é isso que você pensa. — Ele abriu mais a porta e disse: — Hum. Maníaco por organização. Eu sabia.

John fez menção de entrar de vez no quarto, mas eu o puxei e o conduzi pelo corredor. Não era certo deixar que ele saísse bisbilhotando as coisas do meu avô.

— Ele quase nunca sai do quarto — falei. — Gosta de ficar lá.

— Aham.

John parou na sala de estar ao ver as fotos de família penduradas na parede. Estavam lá havia tanto tempo, intocadas e imóveis, que eu não me lembrava da última vez em que olhara para elas de verdade. John as observava de perto, como se estivessem lhe dizendo algo, sussurrando em seu ouvido.

— O que foi? — perguntei, inquieta.

Ele olhou para mim e em seguida para as fotos, e de novo para mim, dizendo:

— Você se parece com ele.

— Hã?

— Com seu irmão.

Mordi o lábio.

— Também se parece com seus pais.

Balancei a cabeça.

— Não é verdade. Meu cabelo não parece com o de nenhum dos dois.

O cabelo da mamãe era grosso e sedoso, como água escorrendo por seus ombros. O do papai era crespo. O meu era uma explosão de frizz com um ou outro cacho.

John estudou meu rosto.

— Sua testa. É da sua mãe. E seu queixo.

— Sério?

Foi estranho ouvir que eu me parecia com meus pais. Sempre ouvi que não tinha nada a ver com eles.

— E vocês tinham um cachorro? — perguntou John, apontando a cabeça para o pequeno pelado mexicano que ficava em uma prateleira, entre as fotos.

Enrubesci.

— Não, isso é um xolo.

— Um o quê?

— Xolo. Uma abreviação de Xoloitzcuintli — respondi, pronunciando bem devagar e de forma articulada, cho-lo-ítz-cuin-tli. — São cães mexicanos milenares que protegiam o rei de espíritos malignos. Eram até enterrados com o rei para guiá-lo no pós-morte.

John observou o cachorro.

— Espíritos malignos? Legal.

Assenti.

— É por isso que temos um xolo perto das fotos da família, para que ele nos proteja.

Não mencionei que tradicionalmente os pelados mexicanos ficam perto da porta de entrada da casa, e não das fotos de família. Mas não éramos uma família inteiramente mexicana, só em parte. Então acredito que podíamos fazer as coisas de forma um pouco diferente.

— Interessante — disse John, virando-se para olhar outra foto na parede. — Quem é essa?

— Minha avó. Ela morreu quando eu era pequena.

John analisou a foto, aquela em que vovó estava no topo de uma montanha, seu vestido branco e solto ondulava ao vento. Vovô havia tirado aquela foto havia muito tempo, quando

tudo ia bem. Ele deve ter sido um cara bem diferente, porque os dois eram muito felizes juntos. Faziam caminhadas pela County Line Road ao pôr do sol, e dançavam bastante na sala de estar. Papai, mamãe, vovô e vovó, todos em casa, arrasando. É sempre estranho pensar nisso.

John ainda olhava a foto da vovó.

— Tem algo em sua avó que não consigo decifrar. — A intensidade no olhar dele me surpreendeu. Então John balançou a cabeça. — Uau. Ela parece ser durona.

Lancei um olhar questionador para ele.

— Uma senhora do tipo “não se meta comigo” — continuou, coçando a nuca.

Dei de ombros.

— Não cheguei a conhecê-la.

— Você tem os olhos dela — afirmou.

Senti um aperto na garganta. Como ele via todas aquelas pessoas em mim?

— Não tenho nenhuma foto da família da minha mãe — falei, mas queria ter, para que ele pudesse vê-los em mim também. — Não sei nada sobre aquele lado da família.

— Bem, eu não sei nada sobre ninguém da minha família — replicou ele.

Achei que fosse dizer mais alguma coisa, mas apenas contraiu os lábios.

Quase esqueci que John era adotado. Eu costumava me perguntar se meus pais não teriam me roubado de algum lugar. Quando saímos, as pessoas olham para eles, depois para mim, e perguntam, hesitantes: “É a sua filha?”, como se eu fosse filha do vizinho ou só uma menina completamente desconhecida os seguindo. E sempre temos que responder que sim. Algumas famílias nunca precisam dizer nada, seus corpos gritam a resposta por elas: a cor do cabelo, o formato do nariz, a curva dos olhos. Meu corpo não grita que sou filha dos meus pais; apenas sussurra.

O corpo de John, no entanto, nem chega a sussurrar.

— Como é na sua casa? — perguntei.

Ele não olhou para mim.

— Eu odeio todos eles.

Fiquei chocada. Jamais diria isso da minha família, mesmo que fosse o que eu sentisse de verdade.

— Por quê? — perguntei.

John continuou observando a parede com as fotografias.

— Eles nem são minha família de verdade.

Seus olhos corriam de uma foto para outra, e para a estatueta do pelado mexicano, sempre retornando à da vovó. Meus dedos brincavam com o forro dos meus bolsos.

— O que você sabe sobre sua família verdadeira?

Ele finalmente desviou o olhar das fotos e se voltou para mim.

— Bem, eles eram negros. — Suas palavras eram frias, sarcásticas. — Mas isso eu descobri sozinho.

— Você nunca chegou a conhecê-los?

John me encarou.

— Nunca ouviu falar de adoção fechada?

Balancei a cabeça.

— Bom, há dois tipos de adoção: aberta e fechada. Na adoção aberta, você sabe o nome de seus pais biológicos, onde moram, e pode até visitá-los de vez em quando. Na adoção fechada, você só fica sabendo a idade e a raça da sua mãe biológica. E é isso.

John contraiu os lábios.

— Quantos anos ela tem? — perguntei com cuidado.

— Vinte e nove. — As palavras saíram com dificuldade. — Pronto. Agora você sabe tudo o que eu sei sobre ela.

Se eu fosse John, encararia toda mulher negra que parecesse ter vinte e nove anos que encontrasse e ficaria imaginando se ela seria minha mãe biológica. Não é de se espantar que ele fosse tão corajoso. As chances de encontrá-la eram mínimas.

No entanto, quando olhei para ele, não parecia nada corajoso. Muito pelo contrário.

Não queria que ele ficasse ali olhando as fotos, e o levei para a sala de jantar.

— Papai ficou muito impressionando com minha limpeza do jardim — falei —, mas só mencionou as áreas que você catou.

Um sorriso sorrateiro chegou aos olhos dele.

— Tinha ervas daninhas imensas.

— É, papai se esquece de arrancar as ervas daninhas até que elas estejam enormes. — Percebi que gotículas de suor surgiram no nariz de John. — Sinto muito, mas não temos ar-condicionado aqui.

Ele deu de ombros.

— Não me importo. Ar-condicionado é uma coisa falsa. Deveríamos ser capazes de suportar os raios de luz que viajam quase cento e cinquenta milhões de quilômetros para chegar até aqui.

Servi água gelada para nós dois, tirei dois bolinhos de carne do congelador e os esquentei no micro-ondas. Enquanto comíamos, o sol da manhã projetava um retângulo de luz que atravessava a mesa da cozinha. John movimentou os cubos de gelo em seu copo, observando-os cintilar à luz do sol.

— Sabe, o Sol está lá o tempo inteiro, e ainda assim a maioria das pessoas nunca pensa de verdade nisso. — Sua voz voltou a ficar firme, diferente de quando ele estava falando sobre a mãe. Seus ombros também relaxaram um pouco. — E *você*, já pensou no Sol?

— Ele é quente — arrisquei, meio sem jeito.

John deu uma mordida no bolinho.

— É sim, coisa de quinze milhões de graus Celsius. E é feito apenas de gases, certo?

Eu não sabia, mas assenti mesmo assim.

— Certo.

— Então, o que segura todo esse gás no lugar? O que impede que ele se espalhe pelo espaço?

O braço que não segurava o copo gesticulou no ar. Franzi a testa.

— A gravidade?

— Isso! — John espalmou a mão na mesa, animado, e abriu um sorriso enorme. — Gravidade!

Sorri de volta. Um dia, ele seria um ótimo professor. Eu já podia imaginá-lo dançando na frente da turma, seus alunos levantando a mão, implorando para que John os escolhesse. Pena que ele iria para o espaço.

Seus olhos começaram a faiscar de repente, e ele disse:

— O Sol não tem só muita gravidade, tem também muita pressão.

Ele foi até a pia pegar mais água, e eu o segui.

— Pressão — repeti, devagar.

Eu pensava em rochas, não em força e pressão, mas estava eufórica, como se meu cérebro estivesse se desenvolvendo, fazendo conexões que eu jamais percebera antes.

— Até essa pia usa pressão — disse ele, abrindo a torneira de metal. A água fria jorrou. — A caixa d'água fica acima da casa, e a gravidade leva a água até as torneiras.

— Então a água fica parada nos canos, só esperando ser liberada — concluí.

John sorriu e disse:

— Parece que você entendeu...

De repente, ele agarrou o chuveirinho da pia e me acertou com um jato d'água.

O líquido frio se espalhou pela minha roupa. Gritei e avancei para cima dele, meio rindo, meio gritando. John segurava o chuveirinho com firmeza, mas consegui direcionar o jato d'água para o rosto dele. A água escorreu por sua pele, e ele gargalhava com a boca escancarada.

— Você tirou dez! — gritou ele.

— Argh, você é terrível! — berrei, mas foi difícil pronunciar as palavras porque eu estava rindo muito.

Ele continuou jogando água em meu rosto, e seu braço livre segurava meu pulso para que eu não fugisse.

— Está vendo? Pressão d'água!

Eu consegui desviar meu corpo bem a tempo de evitar mais um jorro de água fria, surpreendendo John, que ainda segurava meu pulso.

O jato passou por mim e acertou vovô em cheio.

Não sabia de onde ele viera e nem quando chegou, mas lá estava ele. Atrás de mim.

Pingando.

Eu não sabia se ria, gritava ou saía correndo, e acho que no fundo fiquei tão confusa que não fiz nada, só fiquei lá de pé, imóvel.

O maxilar do vovô estava trincado enquanto ele olhava para nós, os olhos faiscando de raiva.

Mas John certamente não ficou parado. Olhou do vovô para mim e explodiu em gargalhadas, agarrando a barriga. O chuveirinho pendia da pia da cozinha, expelindo jatos de água fria.

Não sabia que vovô era capaz de se mover tão rápido. Ele passou por mim e avançou em John, que ainda estava com um sorriso nos lábios. Vovô o agarrou pela camiseta e começou a sacudi-lo com violência e raiva, seus punhos sólidos como pedras. John se debateu, e talvez fosse mais forte do que meu avô pensava, porque, em um momento da briga, um de seus punhos acabou se soltando da camiseta e acertando o rosto de John, que berrou e cambaleou para trás, em direção à bancada da cozinha. Vovô partiu para cima dele de novo, tentando empurrá-lo em direção à porta da frente.

O grito agudo de John ecoou em meus ossos. Corri até vovô, partindo para cima dele com meus punhos e tentando separá-lo de John. No entanto, vovô não conseguiu ir muito longe, porque a porta de tela da cozinha se abriu e mamãe entrou carregando várias sacolas de compras.

Ela olhou para nós, largou as sacolas e berrou:

— Joia!

Deixei que ela me tirasse de cima do vovô e ficasse entre eles, e eu, como um escudo.

— O que está acontecendo? — gritou ela.

— O que está fazendo em casa tão cedo? — disparei.

Suponho que não tenha sido a coisa mais inteligente a se dizer em um momento como aquele, mas foi o que primeiro me veio à mente.

— Pare com isso! — gritou ela para vovô, e então se virou para John. — Quem é você? O que está fazendo aqui? — perguntou, a voz aguda e esganiçada.

Olhou de novo para meu avô, que ainda segurava a camiseta de John.

— Estou aqui — declarou John com firmeza — porque Joia me convidou. E o avô dela me deu um soco na cara sem motivo algum.

As mãos livres de John afastaram vovô, que foi para o outro lado da cozinha.

— Vovô, isso é verdade? — perguntou ela.

Ele olhava de cara feia para John.

— É verdade — falei, me sentindo enjoada. — Vovô deu um soco nele.

— Acho que o avô da Joia se esqueceu de toda aquela coisa de *mi casa es su casa* — respondeu John, passando a mão na bochecha.

As narinas do vovô se inflaram, e seus olhos pareciam rochas sílex faiscando ao encarar John. Sua respiração estava acelerada, e ele transferia o peso do corpo de uma perna para outra, como se estivesse pronto para saltar novamente em John a qualquer momento.

Mamãe colocou-se na frente dele e disse:

— Já chega. Você não vai tocar nesse jovem, está me ouvindo?

Vovô olhou feio para ela.

— Ele é convidado da Joia. É *nosso convidado*. Você não tem o direito de encostar um dedo nele.

Ela o encarou de frente, as mãos nos quadris. Nunca vi mamãe falar de maneira tão autoritária com ele.

— Vá embora! Agora — disse ela.

Vovô fechou a cara para ela, e depois para John. Virou-se, deu alguns passos até a mesa da sala de jantar e pegou um saleiro. Encarando John, jogou um pouco de sal no chão.

— Saia — repetiu mamãe.

Seu tom de voz me deu arrepios.

Vovô agarrou o saleiro e, segurando-o, sacudiu o punho para John. Então saiu pisando forte pelo corredor, batendo a porta do quarto ao entrar.

Soltei a respiração que nem percebi que estivera prendendo. Ainda jorrava água da pia da cozinha, então fechei a torneira. John esfregava o rosto casualmente, como se levasse um soco toda manhã.

Mas eu vira o medo em seus olhos.

— Está doendo muito? — perguntei.

— Não acredito que ele bateu em você — disse mamãe, levando a mão à testa.

— Veja com os próprios olhos, então — disse John, apontando para a pele da bochecha que já começava a inchar.

— Ai, meu Deus. — Ela tocou de leve a pele ao redor do olho de John. — Deixe-me pegar um pouco de gelo. — Mamãe atravessou a cozinha em direção à geladeira. — Por que o chão está encharcado? E suas...

As roupas molhadas grudavam em minha pele. Era difícil esconder uma guerra de água.

— John estava me ensinando sobre pressão da água — falei, pateticamente.

— Pressão da água? — Mamãe franziu a testa ao colocar umas pedras de gelo em uma das sacolas de compras e enfiá-la em outra sacola para que não pingasse.

John deu um meio sorriso.

— Joia me perguntou sobre a física por trás das torneiras, e eu estava ensinando a ela — disse. — Acho que a aula saiu um pouco do controle. Vamos secar tudo, não se preocupe. Vai ficar mais limpo do que estava antes.

— Entendi. — A pele ao redor dos olhos de mamãe relaxou, como normalmente acontece quando ela reprime um sorriso. — Pode me chamar de Rose — disse, entregando a ele o saco com o gelo.

Fiquei confusa. Rose? Não sra. Campbell?

Ele pegou o saco e o pressionou na bochecha.

— Meu nome é John.

— John? — A voz dela ficou grave.

Ele confirmou.

Eu me encolhi.

Ela o observou por um bom tempo. Por fim, secou as mãos na calça e as estendeu para segurar a mão direita de John.

— Que bom que está aqui, John. — Ela me olhou. — Vocês escolheram um ótimo dia para uma aula sobre pressão da água.

Abri um sorriso.



Não demorou muito para mamãe e John se entenderem. Ela fez com que nós dois sentássemos à mesa da cozinha e nos trouxe chá gelado, e até apareceu de repente com um pacote daqueles biscoitos caros que eram seus preferidos.

— Quando você chegou a Caledonia? — perguntou a John, empurrando o prato de biscoitos na direção dele.

— Faz só algumas semanas. Estou visitando meu tio Tim por um tempo.

Mamãe franziu as sobrancelhas.

— Tim McLaren?

Ela era educada demais para mencionar que o sr. McLaren era branco.

— É — confirmou John, bebendo seu chá gelado. Inclinou ligeiramente o rosto para alcançar melhor a brisa murmurante do ventilador. — Ele é irmão da minha mãe.

Ela o observou.

— É mesmo?

John sorriu seu sorriso branco como a lua.

— Sou adotado.

As sobrancelhas de mamãe se arquearam, compreendendo, e então se franziram de constrangimento.

— Não sei nada sobre meus pais biológicos — declarou ele, embora mamãe não tenha perguntado —, mas meus pais adotivos são ótimos, então acho que tudo bem.

Meu queixo caiu. Sua raiva havia desaparecido. Onde estava aquele véu negro que se entropusera na frente de seu rosto alguns instantes atrás, na sala de estar? Agora era como se sua adoção não fosse importante, algo de que só se lembra quando está entediado demais para pensar em qualquer outra coisa.

Mamãe sorriu como em um comercial de margarina.

— O sr. McLaren é um homem maravilhoso — disse com entusiasmo.

Tentei não arregalar os olhos. Mamãe sequer o conhecia.

John pegou um biscoito.

— Ele é legal — concordou, diplomático.



— Onde você mora?

— Em Norfolk, na Virgínia. Papai é professor universitário, e mamãe trabalha em uma companhia de seguros. — Sorriu, depois contraiu o rosto, reposicionando o saco de gelo na bochecha. — Não faço ideia do que minha mãe faz, mas ela trabalha no prédio mais alto da cidade.

— Uau.

Os cotovelos da minha mãe estavam apoiados na mesa e ela segurava o copo de água gelada com ambas as mãos, seus olhos dançando. John poderia falar de besouros rola-bosta que ela continuaria encantada. Estremeci. Talvez ela estivesse sendo legal porque se sentia culpada por vovô ter dado um soco nele.

Mesmo assim, ela jamais olhou para mim daquele jeito.

— Que bom que sua família é ótima — disse mamãe.

— É, é bem legal — respondeu John.

Os músculos das minhas costas se contraíram, como sempre acontece quando alguém está mentindo. Só que eu não sabia se John estava mentindo para mamãe ou para mim.

Ele pegou outro biscoito.

— Eles estão muito animados porque estou estudando para ser astronauta.

Prendi a respiração. Mais um cientista. Mamãe ia dar um chilique.

Ela sorriu.

— Com seu interesse pela física, tenho certeza de que será um astronauta espetacular. — Então, olhou para mim, como se lembrando de repente que eu também estava à mesa. — Você não acha, Joia?

Assenti, incapaz de dizer qualquer coisa.

# CAPÍTULO SETE



Mamãe nos disse para passar a tarde ao ar livre. Falou que eu não precisava me preocupar com minhas tarefas, e até sorriu ao convidar John para jantar conosco na noite seguinte, o que me surpreendeu, afinal eu sabia que ela estava triste. Não que ela nunca sorrisse quando fica triste, mas, normalmente, são sorrisos falsos e nunca chegam aos olhos, como se algo os estivesse prendendo nos cantos da boca, impedindo que se espalhassem para além dos lábios.

Naquele dia, parecia que o sorriso dela envolvia a casa inteira.

A última vez que ela deu um sorriso grande como aquele fora dois invernos atrás. Ela havia me levado para o parque estadual da Caledonia, onde todos vão andar de trenó quando neva. Naquele dia, a neve estava grudenta e brilhante, do tipo que queima os olhos ao refletir a luz do sol quando as nuvens vão embora. A colina tinha trilhas bem marcadas graças às crianças mais velhas e parecia se estender para sempre. Nós observávamos as crianças descerem aos trancos e barrancos, às vezes perdendo o controle dos trenós, que derrapavam.

Eu não queria subir aquela colina. Não mesmo. Mas mamãe disse para mim: “Andar de trenó é uma das melhores coisas de Iowa, meu amor. Não dá para fazer isso no Texas.” E a forma como sorriu ao dizer isso, um sorriso que parecia aquecer a neve e reduzir a velocidade dos trenós, fazia tudo, tudo ficar bem.

Depois disso, subimos a colina, e ela me acomodou entre suas pernas no trenó. Lá fomos nós, deslizando na neve, gargalhando e gritando mais alto do que qualquer um. Ao chegar ao fim da colina, ela ergueu as mãos, triunfante, me tomou nos braços e gritou como se o céu, o sol e o brilho cintilante fossem nos impulsionar colina acima de novo.

E foi isso o que aconteceu.

Aquela foi a última vez em que eu a vi sorrir de verdade. Depois daquele dia, eu me esforcei muito para trazer aquele sorriso de volta, mas, por algum motivo, ela se transformou naquela mãe triste e nada mais adiantou. Fiz um boneco de neve para ela no quintal, mas como isso não funcionou também, desenhei pelo menos uns oito cartões para ela até o papel colorido acabar. E quando *isso* não funcionou, implorei a ela que me levasse para andar de trenó de novo. Mamãe acabou atendendo ao meu pedido, mas não passou de uma tarefa, como

limpar a casa, e ela ficou o tempo todo ao pé da colina me esperando. Eu senti que aquilo estava tão errado que chorei quando cheguei em casa. Percebi naquele dia que o sorriso dela devia ter sido um equívoco. Teria sido melhor jamais tê-lo visto.

Por isso, é claro que não queria ir lá para fora agora que mamãe sorria como o sol, mas como poderia explicar a John que eu temia que o sorriso dela fugisse pela janela ou escapasse pelas rachaduras da parede? No fim, me convenci de que mamãe estava sorrindo por causa dele, não por minha causa, e que não devo desejar algo que jamais terei. Quando a deixei na cozinha, ela estava lavando o prato que usamos para comer os biscoitos, cantarolando baixinho, e eu precisei me controlar para não entrar correndo de novo em casa e me agarrar às pernas dela, como fazia quando era pequena.

Tentei me esquecer daquilo tudo enquanto John e eu corríamos pelas plantações, que estavam quentes como um forno ao sol de meio-dia, e não paramos até chegarmos ao topo da colina onde ficava a Horizonte de Eventos.

— Você tem sorte de ter uma mãe tão legal — comentou John, quando já estávamos dentro da árvore.

Suspiramos de alívio ao sentir o ar fresco em nossas peles. Ele me ofereceu uma garrafa d'água.

— É — falei, desconfortável, e abri a garrafa.

A água desceu morna, como se eu estivesse engolindo ar quente. A bochecha dele ainda estava inchada, e ia ficar assim por um bom tempo.

John me flagrou olhando para ele.

— Está tudo bem. — Seus lábios se curvaram o quanto sua bochecha inchada permitiu. — Não será a última vez que alguém me bate.

— É mesmo? Em que outras brigas você se meteu?

Não conseguia imaginá-lo brigando com alguém, e me contorci tentando acomodar as pernas embaixo do corpo.

— Hapkidô. Sou faixa verde. A gente apanha bastante. — Ele olhou para mim e ergueu as sobrancelhas. — *Bastante* — completou, balançando a cabeça.

— Hapkidô?

— É um tipo de arte marcial. Até que sou bom para a minha idade. — Ele fez uma pausa. — Pelo menos é o que os mestres dizem.

— Como seus pais deixam que você faça hapkidô se você se machuca? — perguntei.

— Eles não gostam que eu lute — disse John, brincando com a garrafa d'água nas mãos —, mas sabem que eu gosto.

Não entendia como alguém podia gostar de apanhar.

— Além disso — continuou John —, quando você chega à faixa verde, já sabe se defender bem. Um dia serei faixa preta.

— E depois?

— Depois todo mundo sabe que você é o melhor.

Cutuquei a sujeira embaixo das minhas unhas. Não sou a melhor em nada, nem de perto. Nem em matemática, educação física ou artes. Até mamãe tem medo de que eu não seja ninguém quando crescer, e talvez que eu não seja ninguém agora.

— Acho muito legal que seus pais deixem você fazer hapkidô — falei.

A felicidade em seus olhos se esvaiu, como se minhas palavras a tivessem esmagado em mil pedacinhos.

— Como eu disse antes, eles são um saco.

Minha garganta ficou seca.

— Mas achei que...

— Escuta, Joia — disse ele, mas dessa vez sua voz não estava tão fria —, as pessoas só querem ouvir que você tem pais ótimos, que você nunca pensa na vida que eles roubaram de você.

Meu queixo caiu.

— Que eles o quê?

John ergueu o olhar para o buraco iluminado no topo da árvore.

— Como posso ter certeza de que meus pais, meus pais *verdadeiros*, queriam mesmo me abandonar? Como saber que eles não estão lá fora agora, procurando por mim neste exato momento?

Não soube o que dizer.

— Como posso chamar Jack e Susan de *pais*? Eles não se parecem comigo. Eles sequer falam sobre o fato de eu ser adotado. Ou negro. — Seus lábios se arrastaram ao som daquela última palavra. *Negro*. — Eles só dizem: “Somos todos humanos por dentro.” — John soltou uma risada de desdém. — Como se isso ajudasse alguma coisa.

— E já que as pessoas não ouvem o que você quer dizer — completei, devagar —, por que se dar ao trabalho de falar a verdade?

John olhou para mim, surpreso.

— É. Tipo isso.

Não dissemos mais nada depois disso. John e eu só ficamos encostados no interior da Horizonte de Eventos, aproveitando o trinado dos pássaros e o ar úmido que preenchia o céu vespertino. Era estranho conversar sobre coisas importantes em vez de coisas triviais, tipo o que comi no almoço ou se fiz as tarefas. Eu não queria parar de falar sobre coisas importantes, então virei para John e disse:

— É como com Passarinho. Penso nele o tempo todo.

— Mas não fala muito sobre ele, não é? — perguntou John, assentindo.

Balancei a cabeça.

— Não muito. E também ninguém quer ouvir.

Eu me levantei e saí da Horizonte de Eventos. John apressou-se a ficar de pé e foi atrás de mim. Encontrei um bom galho baixo em um bordo e subi nele.

— Da mesma forma que meus pais não vão me ouvir quando eu tentar explicar a eles por que estava batendo no meu avô — disse, olhando para John lá embaixo.

O tronco da árvore era sólido, e os galhos mais próximos bifurcavam-se com suavidade. Fiquei de pé, me agarrando firme ao tronco, e passei para o galho seguinte. John estava subindo logo atrás.

— Eles não podem ficar bravos com você — argumentou John, apontando para a própria bochecha inchada com a mão livre. — Sua mãe viu tudo.

— Eu salvei a vida do meu avô, e ainda assim eles ficaram com raiva de mim — falei, procurando o próximo galho.

— Sêrio?

John parecia espantado.

— Por isso sei que eles não vão ficar felizes ao saber que bati nele.

A casca da árvore arranhava minhas mãos. Agarrei o tronco, me equilibrei e passei ao próximo galho, que subia e se alongava em um ângulo íngreme. Mordi o lábio. Parte de mim de repente queria escalar aquela árvore até o fim, até o ponto em que os galhos se transformavam em finas ramificações, e me dobrar com as folhas e com o vento.

Talvez até voar.

— Tudo bem, talvez não pulem de alegria. — John estava agachado no galho que eu acabara de deixar. Estávamos quase na mesma altura. — Já entendi. Mas eles não podem esperar que você fique parada, assistindo ao que seu avô faz, sem sentir raiva.

Não respondi, porque estava ficando confusa. Ele tinha razão: se eu tivesse feito o que vovô fizera, meus pais certamente ficariam irritados *comigo*. Só que, por algum motivo, eu não deveria ficar com raiva. Vovô é o nervoso. Eu sou a responsável. Com a cabeça no lugar.

No entanto, é difícil manter a cabeça do lugar e ver as coisas que vovô faz e guardar todos esses segredos sobre o penhasco, os *duppies* e sei-lá-mais-o-quê que me dão arrepios na espinha. Mamãe não ficaria feliz de saber de nada disso porque o sei-lá-mais-o-quê não é prático e racional. Papai também não ficaria nada feliz, porque acharia que estou brincando com espíritos e com coisas com as quais não se deve mexer.

Acho que não sei mais o que eles esperam de mim.

John se balançava em direção a um galho pouco acima do meu, o último antes de os galhos da árvore ficarem finos e altos demais. Um chapim nos espiou, trinou e saiu voando.

— Além do mais — completou John —, você estava protegendo um amigo, certo? Como isso poderia ser tão ruim?

Olhei para ele na mesma hora. Um *amigo*. De alguma forma, essa palavra derreteu a escuridão de sentimentos confusos em meu peito. Posso não ser capaz de contar à mamãe que quero ser geóloga, nem ao papai sobre as visitas ao penhasco, e também posso não levantar muito a mão na escola para falar, mas com John — John sabia tudo sobre mim. Como um amigo deveria saber.

Bom, ele sabia *quase* tudo, e o que faltava, eu estava ansiosa para lhe mostrar. Ele talvez não acreditasse em *duppies*, mas se podia dividir a Horizonte de Eventos comigo, por que eu não poderia compartilhar meu penhasco com ele?

— John — falei, torcendo para que ele não pudesse escutar meu coração batendo forte —, quer ir a um lugar legal amanhã antes do jantar?

Ele balançou a cabeça, incrédulo.

— Joia Campbell, que tipo de pergunta é essa? — Ele estava escorado em uma bifurcação de galhos e coçava a nuca. — Claro que quero. Você e eu, nós vamos a qualquer lugar juntos.

Os olhos dele sorriram para mim.

E eu quase explodi de felicidade.

## CAPÍTULO OITO



John e eu nos encontramos no dia seguinte na Horizonte de Eventos. O sol já estava alto e brilhante no céu. Não marcamos em minha casa, embora fosse mais próxima do penhasco, porque agora vovô passava mais tempo fora do quarto, fazendo coisas para nos proteger dos *duppies*, como espalhar vasilhas com água pela casa e pendurar ferraduras, meias e suéteres vermelhos nas paredes. Eu nem sabia que vasilhas d'água podiam proteger, mas pela forma como vovô as pusera às portas dos quartos e até mesmo no banheiro, acho que podiam, sim. Eu me senti meio mal por ele estar se dedicando tanto, mas é difícil sentir-se mal de verdade por quem deu um soco em seu amigo.

Caminhamos pela estrada de terra que levava à trilha que conduzia ao penhasco. O binóculo estava pendurado no pescoço de John, como se ele quisesse examinar tudo bem de perto. Uma pontada de pânico se revirou em meu estômago: será que eu queria mesmo lhe mostrar meu penhasco? Meu círculo? Por um instante, pensei em passar direto pela trilha — ele jamais saberia, a grama alta a escondia tão bem. Em vez disso, eu poderia mostrar a John a lagoa coberta de limo, e poderia pescar um punhado para jogar nele. A expressão em seu rosto valeria o risco de retaliação.

— Alôôôô! — chamou ele, acenando na frente do meu rosto. — Terra chamando Joia.

Dei um pulo.

— O quê?

— Eu disse: “Você acha que eu deveria levar meu protetor bucal ou meu capacete para o jantar hoje?”

Olhei para ele, intrigada.

Ele apontou para a própria bochecha, ainda um pouco inchada.

Senti o pescoço queimar, e chutei um graveto no chão.

De repente, John caiu na gargalhada.

— Foi só uma piada, Joia! Não é culpa sua se seu avô é maluco. Além disso, com você me dando cobertura, eu encaro ele.

O sorriso de John era contagioso, e eu fiquei ali, sorrindo e olhando para ele como uma idiota. Por que John não tinha medo do vovô como todo mundo? Em vez disso, lá estava ele, jogando sua gargalhada na relva, e as folhinhas de grama se dobravam como se sua risada fosse gotas de chuva.

— Vamos — chamei. — A trilha é por aqui.



Precisei apontar a trilha para John, mas ela era tão evidente para mim que poderia encontrá-la até mesmo dormindo.

Papai havia me mostrado o penhasco pela primeira vez quando eu tinha oito anos, apesar de mamãe ter ficado bem chateada quando descobriu aonde estávamos indo. “Não há nada que ela precise saber a respeito daquele penhasco”, dissera. Papai contraiu os lábios e assentiu, como se concordasse com ela, mas me levou até lá mesmo assim.

Aquela primeira caminhada parecera durar para sempre, como se o sol estivesse preso no céu e nós fôssemos andar e andar até não poder mais, mas de repente chegamos ao rochedo de granito e ao espaço vazio onde o chão deveria estar. Os pelos da minha nuca se arrepiaram.

— Está sentindo isso? — perguntou papai.

Eu não sabia bem o que era o *isso*, mas os pelinhos da minha nuca certamente sabiam.

— Foi daqui que seu irmão pulou — contou ele, colocando de repente a mão em meu ombro, firme e forte.

Eu não poderia me mexer mesmo que tentasse. Ele observou o espaço aberto por muito tempo, e o rochedo ficou lá, nos observando também, ouvindo cada palavra que dizíamos, talvez da mesma forma como ficou, observou e ouviu os barulhos que Passarinho fez antes de pular.

Papai se virou para mim e disse:

— Há *duppies* aqui, Joia.

A voz dele era grave, e embora ele já tivesse falado de *duppies* comigo antes, sua voz jamais soara daquele jeito, estranha e severa. De repente, senti vontade de chorar.

— Os *duppies* estão em toda parte, mas gostam mais de certos lugares. Este penhasco tem *duppies*, e foi um deles que fez Passarinho pular. O *duppy* o enganou.

— Talvez não devêssemos mais chamar meu irmão de Passarinho — falei.

Papai balançou a cabeça.

— Não sei, Joia. Seja lá qual foi o *duppy* que o enganou, pode se aborrecer novamente. Acho que devemos continuar usando o nome Passarinho.

Mas ele não pareceu muito seguro ao dizer aquilo.



Estremeci ao pensar no que o *duppy* poderia fazer se ficasse irritado outra vez.

— Será que a gente deveria perdoar o *duppy*? — perguntei.

O padre da mamãe falava muito sobre perdão.

— Não dá para perdoar isso — disse papai com a voz dura.

Meus olhos se encheram d'água. Queria que ele me abraçasse, que dissesse que estava tudo bem e que iria me proteger de todos os *duppies* que já existiram e que viriam a existir, mas não. Em vez disso, ele tirou a mão do meu ombro e olhou para o penhasco, e eu senti um frio onde a mão dele estivera.

— Existem *duppies* bons aqui também?

Na verdade, não me importava com a resposta, só queria que ele olhasse para mim e se lembrasse de que eu estava ali com ele.

— Duvido muito — respondeu papai, com o olhar ao longe. — A maioria dos *duppies* é má porque alguém fez algo que os irritou. — Papai fez uma pausa. — Aquele que enganou meu filho estava muito, muito irritado.

— Por quê? — perguntei. — Quem o irritou?

— O vovô.

Papai não ficou sabendo, mas, mais tarde, naquele mesmo dia, voltei escondida ao penhasco que continha a legião de *duppies*, os bons, os maus e os sei-lá-mais-o-quê. A caminhada não pareceu tão longa dessa vez. Voltei até o lugar em que o chão desaparecia e me recostei no rochedo — era muito pequena para subir nele naquela época. Foi aqui que meu irmão morreu, pensei. E no momento exato em que o *duppy* mandou que ele pulasse, eu estava nascendo. Passei as pontas dos dedos nas ranhuras ásperas do rochedo, e não saberia explicar, mas senti como se pertencesse àquele lugar, àquele penhasco.

Para ser sincera, não sei se há *duppies* lá, nem se eles existem mesmo. Mas o que sei é que, da primeira vez que fugi de casa e fiquei parada na beira do penhasco, meu coração ficou preso na garganta, porque eu sabia que *havia algo ali*, algo muito, muito importante. A terra também sabia. Da grama ao rochedo, das nuvens dispersas às árvores a distância, todos se inclinaram para a frente, dividindo aquele segredo silencioso.

É difícil explicar o que acontece quando você percebe que algo é ainda mais importante do que aquilo que você já achava importante. Quando, de repente, aborrecer seus pais é o de menos. É como se o universo desmoronasse. Ou se reconstruísse. Foi exatamente isso o que aconteceu naquele dia, quando o céu pareceu desabar sobre mim, quando descobri que havia algo ali. O mesmo algo que repuxou as fibras em meu peito e não parou até que eu colhesse minha primeira pedra. Foi assim que começou. Em um mês eu havia encontrado minhas oito pedras, e, desde então, adicionara uma pedra por ano.

John não disse nada enquanto percorríamos a trilha — pelo menos, não com a boca. No entanto, o farfalhar de seu short e o modo como arrastava os pés (ao contrário de mim, que os erguia devagar e os pousava suavemente no chão) pareciam gritar. Era estranho estar no

comando, diferente de quando subíamos até a Horizonte de Eventos. Talvez ele estivesse pensando o mesmo.

Meus pensamentos ecoavam alto em minha cabeça e, quando me dei conta, estávamos chegando. Quando avistei a ponta do rochedo, parei, e John estacou atrás de mim.

— O que foi? — perguntou em voz baixa.

Balancei a cabeça. Como poderia explicar a ele tudo o que havia acontecido ali, tudo o que aquele lugar significava?

— Ali na frente tem um penhasco — falei.

Não pretendia que minha voz saísse em um sussurro, mas foi o que aconteceu.

— Legal.

Um pensamento ruim me atravessou como um raio queimando a terra. Virei-me e encarei John.

— Como você não sabe sobre o penhasco?

Ele arqueou as sobrancelhas e recuou um pouco.

— Como assim?

— Todo mundo na cidade sabe sobre este penhasco. Sobre minha família.

— Seu avô?

— Minha *família*. Como você não sabe?

John deu de ombros, mas me observava com cuidado. Cauteloso.

— Como eu disse, estou visitando meu tio.

— Tá, mas há quanto tempo está aqui?

— Algumas semanas.

*Algumas semanas*. Seria possível que não soubesse sobre Passarinho? Sobre o penhasco? Que o tio dele não tivesse falado sobre os vizinhos amaldiçoados dos quais deveria manter distância? Hesitei, olhei para o chão e imaginei cavar um buraco próximo às varas-douradas aos pés de John, um buraco imenso onde eu pudesse enterrar aqueles medos. Se fosse verdade que ele ainda não sabia nada sobre Passarinho, por que lhe contaria? Para que também achasse que nós éramos aberrações?

— Joia, o que houve?

Desviei o olhar, mas o embrulho em meu estômago diminuiu um pouco. De qualquer forma, era tarde demais para voltar. Quando ergui os olhos, vi um búteo-de-cauda-vermelha sobrevoando ao longe, nos observando. Respirei fundo, fingindo que olhava o gavião, mas, na verdade, estava dizendo a mim mesma para ficar calma. Por fim, me virei para John.

— É bem íngreme. Cuidado onde pisa.

John e eu fomos mais devagar conforme nos aproximávamos da beira do penhasco e observamos, em silêncio, a terra que se estendia diante de nós. Nunca havia mostrado a ninguém o lugar de onde Passarinho pulou. Todo mundo na Caledonia já sabia, e de qualquer forma, eu sempre ia lá sozinha. Minha garganta ficou seca. Ele provavelmente vai zombar de mim, pensei, envergonhada. É isso o que eu ganho por tentar fazer amigos.

Eu não sabia mais o que falar, então disse:

— Foi aqui que meu irmão morreu.

John estremeceu.

— Ele caiu?

Balancei a cabeça.

— Pulou.

— Pulou *daqui*?

John olhou para baixo, para a queda vertical de milhões de anos de dolomita, calcário e arenito, de fósseis e de coisas que ficavam escondidas sob os oceanos e que agora estavam a céu aberto, expostas.

Hesitei. O sol estava forte, e o calor se espalhava pela terra, o ar denso e úmido.

— Ele tinha cinco anos. Pensava que podia voar.

Queria lhe contar sobre o *duppy* que enganara meu irmão, mas achei que John não acreditaria. Ainda não.

— Uau — disse ele.

Esperei que dissesse que meu irmão era burro, e que, portanto, eu devia ser também.

— Pobre garotinho. — Seus lábios se contraíram com tristeza, enquanto ele olhava para baixo mais uma vez. — E você vem muito aqui?

— O tempo todo.

Foi quando ele notou minhas pedras. Ele as observou por um longo tempo, seus olhos indo de uma pedra a outra, tão atentamente que comecei a ficar nervosa.

— Você fez isso? — perguntou ele, finalmente.

Assenti. Para minha surpresa, John não perguntou por quê. Em vez disso, andou ao redor do círculo, devagar, até completá-lo. Então soltou o ar devagar.

— Você é mesmo surpreendente, Joia — declarou.

Não soube bem como responder, portanto não falei nada. Depois de um tempo, John começou a mexer no binóculo pendurado no pescoço.

— Sabe — disse ele —, lá em casa, na Virgínia, tínhamos uma árvore no quintal. Eu subia nela todos os dias, era muito bom nisso.

Assenti. Claro que era.

— Eu tinha um amigo chamado Nick, e ele também subia muito nela. Fazíamos um monte de coisas juntos. — Sua expressão mudou. — Há dois anos, Nick se mudou, mas antes de ir me deu de presente suas luvas de ciclismo. Depois, encontrei um buraco no tronco da árvore e as guardei lá. Eu me sentava no galho mais próximo, bem ao lado delas. — John cavucava o chão com a ponta do sapato. — De certa forma, era como se ele nunca tivesse ido embora.

A princípio, não entendi por que ele estava me contando aquilo. Eu estava mostrando meu penhasco a ele, não estava perguntando sobre seus amigos. Então, aos poucos, compreendi: John não estava rindo. Não estava tirando sarro de mim. Um ar pensativo havia tomado seus

olhos, como se ele tivesse voltado no tempo e estivesse me observando enquanto eu arrumava minhas pedras.

— Gostei daqui — comentou John, virando-se e olhando o rochedo, as árvores a distância, o céu. — Não é à toa que vem aqui. Eu também viria.

Naquele momento, não confiava no que poderia sair da minha boca. Como meus pais, que me conheciam a vida inteira, não eram capazes de entender por que eu ia ali e John, que eu conhecera havia apenas alguns dias, conseguia? Por que tentar fazer alguém compreender certas coisas pode levar mais que uma vida, enquanto outras pessoas leva apenas poucos instantes?

— Para que serve o círculo? — perguntou John.

Dei de ombros, tentando fingir que não era nada de mais.

— Fico dentro dele, penso nas coisas.

Ele me encarou.

— Como o quê?

Não pude mais me conter.

— Há algo aqui. Você consegue sentir?

Ele parou por um bom tempo, a cabeça inclinada para o lado, e eu me senti esmagada pelo silêncio da espera. Por fim, ele disse:

— Não, não estou sentindo. — Mas não olhou para mim. — Você acha que é um *duppy*? — arriscou ele.

— Acho que não. A maioria dos *duppies* gosta de enganar as pessoas, mas quando estou preocupada ou aborrecida, venho aqui, e este lugar me acalma. Ele me escuta.

Eu me contive, certa de que havia falado demais, e encarei o chão. John estava começando a conhecer meus segredos, e isso me assustava.

— Gostei daqui — repetiu ele, em tom respeitoso.

Arregalei os olhos.

— Sério?

Ele sorriu.

— Talvez este lugar seja mais legal do que a Horizonte de Eventos, mas jamais direi isso outra vez.

Gargalhei, e meu riso preencheu o céu. Mal podia acreditar. Ele não estava aos gritos, me chamado de aberração. Uma represa se rompeu dentro de mim bem naquele momento em uma torrente de felicidade, e eu queria dividir com ele tudo o que sabia.

— Também subo nesse rochedo — contei, animada. — Quer ver onde me sento?

— Claro — disse ele, sorrindo.

John subia em pedras tão bem quanto em árvores. Não precisei mostrar a ele onde apoiar as mãos nem nada, e ele me seguiu, acompanhando meu ritmo. Eu sabia a melhor forma de escalar o rochedo, afinal começara a fazer isso aos dez anos, quando passei a ter a altura necessária para alcançar a primeira reentrância boa para me apoiar, uma ponta nodosa de

pedra que era protuberante o bastante para permitir que eu me esticasse até a próxima, agarrando a rocha com dedos firmes. Às vezes finjo ser um lagarto ou um super-herói, outras vezes subo a rocha só para ficar mais perto do rochedo, para que ele possa me abraçar. Agora sei que rochedos não podem me abraçar (tenho idade suficiente para saber essas coisas), mas se você passa muito tempo com uma rocha, um penhasco ou um rio, começa a sentir que eles não estão realmente mortos, não da forma que nos ensinam na escola. Quer dizer, meu rochedo não vai me convidar para ir ao cinema ou coisa do tipo, mas ele sabe que estou ali, escalando-o. Também sabe quando estou chateada, e me conforta. Por isso, deve ter alguma espécie de coração, mesmo que seja de uma forma que não entendemos.

Escalamos até chegar à saliência onde eu me sentava, tateando a enorme pedra áspera de granito com as pontas dos dedos. Escalar um rochedo de granito é muito diferente de escalar, por exemplo, uma rocha de calcário, que tem milhares de reentrâncias para as mãos e os pés. O granito é muito mais arredondado, a superfície é como pele áspera, e é preciso ser muito bom alpinista para não cair. A saliência que uso é protuberante como uma maçã do rosto, esculpida pelo vento e pela chuva ao longo de milhares de anos, e dá vista para o penhasco de um lado e para a terra do outro. No entanto, fica no meio do caminho até o topo do rochedo, que ainda se estende por quase o dobro da altura em que estávamos. No total, ele deve ter uns doze, quinze metros, e vai se arredondando até fazer uma ponta suave no topo. Para dizer a verdade, a maioria das crianças o acharia alto demais para escalar, mas John não estava com medo. Só estava suado, e contive um sorriso. Ele não achava a subida fácil.

Minha saliência era pequena para nós dois, mas nos esprememos. Nossa, como eu desejava ter um suprimento de água e barrinhas de cereal como havia na Horizonte de Eventos, porque quando o sol não estava torrando a gente, o granito em que estávamos sentados fritava nossos corpos. John se recostou na pedra enquanto recobrávamos o fôlego.

— Achei que fôssemos até o topo.

Balancei a cabeça.

— Tentei algumas vezes, mas a rocha fica mais lisa e é muito difícil encontrar reentrâncias para se apoiar. — Fiz uma pausa. — A vista deve ser linda.

Ele concordou.

— Deve mesmo. Podemos tentar subir juntos, um dia, se você quiser. Mas teremos que trazer algumas coisas, principalmente água. — John sorriu ao limpar a testa com o antebraço. — Está quente pra caramba.

— Acho que já ouvi você dizer que deveríamos ser capazes de suportar os raios de luz que viajam cento e cinquenta milhões de quilômetros para chegar até aqui — provoquei, chutando o pé dele.

Ele me deu a língua.

— Eu consigo. Só estou dizendo que está fazendo calor.

— Bom, você já teria torrado se não fosse pelo campo geomagnético da Terra — falei.

John hesitou.

— Campo geomagnético. Certo — disse ele, incerto. Parecia meio envergonhado. — Já ouvi falar disso, mas não muito.

Sorri. Era minha vez de ser a professora.

— É que o Sol emite um fluxo de partículas chamado vento solar — falei, me recostando na pedra —, e esse fluxo seria capaz de corroer a camada de ozônio e transformar nosso planeta em algo parecido com Marte. Mas o campo geomagnético da Terra desvia esses ventos solares.

— Legal. Tipo um campo de força.

— É. Ele também nos ajuda fazendo as agulhas das bússolas apontarem para o norte e ajuda os pássaros a encontrarem o caminho de casa.

Assim que aquelas palavras saíram, congelei por dentro. E se Passarinho precisasse de ajuda para encontrar o *próprio* caminho de casa?

John observava o búteo-de-cauda-vermelha pelo binóculo.

— Sabe, Joia, você é muito inteligente.

— Sou nada.

Ele voltou seu olhar para algo distante no horizonte.

— Pare com isso, é sim. Nenhum dos meus amigos de onde eu moro sabe sobre o campo geomagnético.

Não respondi nada, mas, caramba, como foi bom ouvir aquilo.

— Se você se inclinar para cá — informou ele, reposicionando o binóculo —, verá a Horizonte de Eventos.

— Sério?

John me passou o binóculo, e, de fato, lá estavam o bosque e a Horizonte de Eventos, erguendo-se sobre a copa das demais árvores.

— Que legal! — exclamei, baixinho. — A gente podia se comunicar com espelhos, eu no penhasco e você na Horizonte de Eventos.

— Ou você podia simplesmente me ligar — falou, rindo.

— Não tenho celular.

Meus lábios se contraíram. Odeio ter que dizer isso.

Ele franziu a testa e deu de ombros.

— Bom, se comunicar com espelhos é muito mais legal mesmo.

Observamos as nuvens no céu, discutindo se eram dragões, tartarugas ou aviões. Depois que o convenci de que eram dragões, ficamos quietos, observando e pensando.

— Pode ficar com ele — disse John de repente.

Lancei a ele um olhar inexpressivo.

— Meu binóculo. — Ele ergueu-o um pouco. — Para poder me ver quando eu estiver na Horizonte de Eventos.

— E o que você vai usar para me ver?

Ele sorriu.

— Minha visão biônica.

Não confiei em mim mesma para dizer nada. Até aquele dia, o penhasco era meu segredo, meu refúgio, onde ninguém poderia me encontrar; ninguém poderia me seguir escalando aquele rochedo de granito; ninguém conseguiria entender o que o círculo de pedras poderia significar. O penhasco era o único que realmente sabia como era ser eu. Acho que eu havia desistido de tentar fazer com que outras pessoas entendessem. E não percebi que havia desistido de ter esperanças até aquele momento, pensando aquilo tudo, com John sentado ao meu lado.

Eu era inteligente o bastante para não desejar o impossível, mas, de algum modo, foi o que consegui.

Quando descemos do rochedo, guardei o binóculo de John na pequena reentrância onde escondia meu graveto que uso para cavar.

— Quer procurar pontas de flecha? — perguntei.

— De que tribo?

Dei de ombros.

— Ninguém sabe, mas elas estão por todos os cantos. Encontro muitas em meu quintal, e aqui também.

Cavamos um pouco em busca de pontas de flecha, e fiquei feliz quando John encontrou uma bem legal. Eu o convenci a dormir com ela sob o travesseiro naquela noite; talvez trouxesse sorte. Também fiquei feliz porque queria que ele ganhasse algo em troca do binóculo, e o penhasco lhe deu uma ponta de flecha por mim. Além disso, nunca esquecerei a expressão em seu rosto quando a encontrou. Estávamos cavando perto das raízes de uma árvore quando ele começou a gritar e a comemorar, ficou pulando que nem criança. Tão animado que parecia ter esquecido por um momento que queria ser astronauta.



Quando voltávamos para casa para jantar, o sol de fim de tarde raspava nossa pele como uma faca quente.

— Então, se seu avô acha que tem um *duppy* em casa, parece que o arroz não funcionou, não é? — perguntou ele.

— Acho que não. Mas ele está fazendo de tudo para se livrar do *duppy*.

Meus sapatos arrastavam no cascalho da estrada. O ar estava tomado pelo canto das cigarras, barulhentas e escondidas.

— Parece difícil se livrar dos *duppies* — observou ele. Depois de um tempo, riu. — Talvez o tal pelado mexicano esteja tirando uma soneca e não esteja protegendo sua casa agora. Talvez tenha comido muitos tacos.

Ri também, apesar de sentir a pele formigar. Não tinha tanta graça.

— Parece que os jamaicanos não são os únicos que acreditam em *duppies* e coisas assim.

— Por que você não acredita? — perguntei.

John fez um barulho com a língua nos dentes, e um bom tempo se passou até que respondesse:

— Se há coisas desse tipo por aí — sua voz estava grave —, elas não se importam comigo.

Meu coração suspirou silenciosamente. De todos os *duppies*, *banshees* e espíritos ancestrais que povoavam a terra, todos os anjos e santos que se escondem nos buracos das árvores e ficam sentados no topo dos telhados — nenhum deles se importava com John? Como aquilo seria possível?

— Talvez o espírito certo ainda não tenha encontrado você — falei.

— Como assim?

— Bom, talvez alguns tipos de pessoa atraiam certos tipos de espírito. Como acontece com amigos — acrescentei, sem tanta certeza. — Não se pode fazer amizade com qualquer um — disse, baixando o olhar. — Eu acho. Enfim, talvez você só precise procurar o tipo certo de espírito ou anjo. — Brinquei com um cacho de cabelo. — Meu pai acha que, quando nascemos, Deus nos dá um anjo da guarda para nos proteger o tempo inteiro. Talvez seu anjo da guarda tenha perdido você, quando foi adotado e tal, e esteja à sua procura. Além do mais — acrescentei, ficando animada ao pensar nisso —, o rochedo se importa com você.

John riu, sarcástico.

— O rochedo?

— É. Hoje ele ficou feliz porque o escalamos.

John ficou em silêncio.

Eu o encarei.

— Mas pode acreditar, você não quer um *duppy* o procurando. Isso não é nada bom.

— Nada bom. Tá certo. — Ele fez uma pausa. — De qualquer forma, não tem um pingão de importância, porque logo estarei no espaço.

Estremeci. Odiava a ideia de que um dia ele partiria para sempre, para tão longe que nem um espírito poderia encontrá-lo.

No entanto, não tive oportunidade de pensar muito sobre isso, porque, quando fizemos a curva na longa estrada de cascalho que levava à nossa casa, vovô estava do lado de fora, na varanda da frente.

Esperando por nós.



## CAPÍTULO NOVE



John e eu ainda estávamos bem longe de casa, tão longe que vovô parecia ter apenas alguns centímetros de altura. Mesmo de onde estávamos, dava para ver seus braços cruzados por cima da surrada camiseta branca.

— Para uma pessoa que nunca sai do quarto, ele gosta muito de vir me receber — disse John, secamente.

— Eu nunca vi meu avô desse jeito.

John riu, nervoso.

— É que você nunca o vê.

Ele tinha toda a razão. Era mais do que isso, até: eu me esforçava bastante para *não ver* vovô, mesmo que ele estivesse na sala de jantar, sentado bem ao meu lado.

Mamãe e papai também faziam isso, a não ser que vovô precisasse de alguma coisa, e ele quase nunca precisava. Ouvi algumas pessoas sussurrarem entre si que vovô vivia entre nós como um fantasma, mas eu não concordava muito, porque fantasmas são bem evidentes. Para mim, na verdade, vovô estava mais para uma fina camada de poeira que cobria cada milímetro da casa, que simplesmente deixamos de notar depois de um tempo.

Quer dizer, até alguns dias atrás.

Engoli em seco.

— Tem certeza de que quer vir jantar?

John olhava direto para a frente, na direção do vovô.

— Você acha que vou fugir?

As passadas dele ficaram mais largas.

Meu coração batia alto, quente e pegajoso em meu peito. No entanto, quando nos aproximamos, a porta se abriu, e papai saiu de casa. Disse algo ao vovô — ainda estávamos longe demais para ouvir — e então o levou para dentro, puxando-o pelo braço.

Vovô olhou para nós ao entrar, e a porta de tela se fechou depois que ele passou. Nunca achei minha casa pequena, mas naquele momento parecia, com vovô lá dentro e tudo mais. Eu me perguntei se haveria espaço suficiente para respirar, quanto mais para jantar.

— Hoje é o dia da minha mãe cozinhar — comentei, tentando parar de pensar no vovô. — A comida dela é razoável.

— Só razoável?

John observava um avião no céu.

— Digamos que se você vir um pedaço de carvão achatado no seu prato, pode ser que seja carne.

John riu.

— Entendido. Então, se ela servir carvão, é melhor eu derrubar meu prato acidentalmente no chão.

— Não, não faça isso. Ela só vai pegar o carvão, lavá-lo e devolvê-lo para você. — Lancei-lhe um olhar significativo. — Pode acreditar.

John riu mais alto, e, quando percebi, eu também estava rindo. Era estranho rir da minha mãe, mas estranho de um jeito bom. Queria ficar ali fora e fazer piadas com ele para sempre.

Essa vontade foi ainda maior quando abri a porta da frente.

Mamãe estava na cozinha, e algumas panelas ferviam no fogão. Um cheiro bizarro e sufocante enchia a cozinha. Meu estômago se revirou de vergonha, e lancei um olhar de *viu-eu-avisei* para John. Ele estava sorrindo para mamãe.

— Olá, Rose — cumprimentou. — Que cheiro bom.

— É uma receita nova — disse ela. Havia tirado as roupas do trabalho e vestido um short e uma camiseta. Seu cabelo estava preso em um nó no topo da cabeça. — Chama-se Frango à Reserva.

— Frango à Reserva? — perguntei.

— É porque você reserva o caldo e a gordura para fazer o molho — respondeu ela, segura.

O frango fervia no fogão como se fosse explodir a qualquer momento. Ou sair voando pelos céus.

— Cadê meu pai?

— Está com o vovô — respondeu ela.

Sua voz estava calma. Calma demais.

Fiquei tensa.

— Quando vamos comer? — perguntou John, olhando o caos de ingredientes picados pela metade na bancada da cozinha.

— Daqui a pouco. Deixe-me ver seu rosto — pediu mamãe, erguendo delicadamente o queixo de John. Ela franziu os lábios e lhe deu outro saco de gelo. — Crianças, vocês podem pôr a mesa? — perguntou ela, e me entregou cinco pratos.

Prendi a respiração. Cinco pratos. Um para cada um de nós.

Uma mesa do tamanho de um campo de futebol não seria grande o bastante.



Mamãe pôs o Frango à Reserva e o arroz na mesa com um floreio.

— Acho que essa é uma forte candidata a se tornar uma receita de família — declarou ela.  
— Na verdade, foi bem fácil.

Pisquei diante dos nacos de carne dura e murcha. Parecia que tinham sido serrados até a morte, pela forma como mamãe havia tentado desossá-los, e depois endurecidos ao fogo. Uma camada rala e deprimente de molho cobria o frango.

— Que ótimo — falei, ao mesmo tempo em que John dizia:

— Ainda bem que estou com fome.

Mamãe estava radiante. Espetou um pedaço e serviu John, e depois pôs um para mim. As cadeiras do vovô e do papai estavam vazias.

Mamãe olhou para onde eles deveriam estar, e o sorriso deixou seus olhos.

— Então, onde vocês dois foram hoje à tarde?

Foi estranho ouvi-la dizer *vocês dois*. Joia e John. Ela pareceu gostar de dizer aquilo.

John cortou o frango e enfiou um pedaço na boca.

— Passamos o dia subindo em árvores.

— É mesmo?

Mamãe media as palavras. Ela não gosta quando subo em árvores.

— Sim — respondeu John.

Papai conversava com vovô no quarto. Em voz baixa. Tensa.

— Joia, não deveria fazer John subir em árvores com você — disse ela, tentando soar alegre.

— Ela não me obrigou — comentou John. — Não mesmo. Na verdade, fui eu que sugeri.

— Ah, é?

— Aham. Árvores são o lugar perfeito para realizar testes de gravidade — falou ele. — Quando se senta só nos galhos mais baixos, claro.

— Entendi.

Dava para ver que mamãe estava com dificuldades para decidir se acreditava nele ou não.

Os olhos de John pousaram no suéter vermelho que vovô pregara na parede da cozinha, abaixo da ferradura.

— Ei — disse ele —, por que...

A porta do quarto do vovô se abriu. Papai saiu sozinho, com os pés descalços pesando no chão. Ele parecia mais cansado do que de costume.

Mamãe virou-se para ele.

— Nigel, esse é o amigo de Joia sobre o qual lhe falei.

Os olhos de papai avaliaram John da cabeça aos pés, detendo-se na pele escura e na bochecha machucada. Caminhou até onde John estava sentado.

— É um prazer conhecê-lo. Eu sou o sr. Campbell — cumprimentou, pondo a mão no ombro de John.

— Eu sou o John.

Os olhos de papai se arregalaram.

— John?

O nome solitário pairou no ar. Papai lançou um olhar para mamãe como se perguntasse “por que você não me contou?”, e depois voltou a olhar para John. Seus olhos semicerrados e penetrantes pareciam tentar levantar a pele de John, para ir um pouco mais fundo e talvez desencavar Passarinho.

John estremeceu.

— Nigel... — falou mamãe.

— Bem. — Papai se apressou em dizer, a voz trêmula. — Estamos felizes por você ter vindo.

Papai se sentou e pôs um pouco de arroz no prato. Serviu-se só do molho do frango. Nenhum de nós olhou para a cadeira onde vovô sempre se senta.

— O que está achando de Iowa? — perguntou papai, ainda fitando o rosto de John.

— É outro planeta — respondeu John, olhos bem abertos.

Um pequeno sorriso surgiu nos lábios do papai.

De repente, um som de algo se quebrando veio do quarto do vovô. Algo de vidro.

Fez-se uma pausa longa e terrível. Baixei os olhos para o prato.

— Está tudo bem? — perguntou John, sobrancelhas franzidas de preocupação; ou talvez confusão.

— Tudo bem com o vovô — respondeu papai.

Peguei outro pedaço de frango, embora não estivesse com fome.

— Sabe, nosso filho se chamava John — comentou papai, subitamente.

— Sério? — perguntou John, educado.

Mamãe lançou um olhar ao papai.

— É, sim — continuou ele. — Eu escolhi o nome. John.

— Nigel, pare com isso — repreendeu mamãe em voz baixa.

Olhei para ela. Seu rosto estava tenso. Só de olhar também fiquei toda tensa.

Uma sequência de batidas veio do quarto do vovô.

— De quantos sinais você precisa, Rose? — papai perguntou à mamãe. — Quais são as chances de um John — ele fez uma pausa para enfatizar o nome — vir até aqui e virar amigo da Joia?

— Nigel, não aja como um lunático. As chances são bem altas, na verdade — argumentou ela, mas o olhar estranho em seu rosto me assustou.

— Quer mais frango? — perguntei a John. — Ou água?

Mamãe ainda estava virada para o papai.

— Deixe Joia e John aproveitarem o jantar.

Levantei-me.

— Vou pegar água — anunciei. — Alguém quer gelo?

— Eu quero — pediu John.

Não sabia se ele queria gelo para sua água ou para sua bochecha.

As batidas continuavam a vir do quarto.

— Você está se recusando a enxergar a realidade — insistiu papai, sua voz estava tensa. — Deixe que eu ensine a ela, para que saiba dessas coisas.

Meu estômago embrulhou.

— Na verdade, está tudo bem — falei a ninguém em particular.

Por que papai estava insistindo daquele jeito?

A cabeça de John se virava para olhar cada um de nós, como o espectador de uma partida de tênis.

— Joia precisa saber sobre o mundo espiritual — disse papai, secamente. — Não pode ser mera coincidência ela ter conhecido John. No mínimo, é má sor...

Mamãe se levantou e bateu a mão na mesa, e o móvel saltou com a força de sua pancada. Um silêncio pesado pairava no ar. Olhamos para ela.

Só era possível ouvir as batidas do vovô.

— Sente-se, Joia — disse ela em voz baixa. — Eu pego a água.

Não havia percebido que ainda estava de pé, e me sentei, enjoada.

Ficamos em silêncio depois disso. Nós três ouvimos mamãe abrir a torneira da cozinha, ouvimos a pressão acumulada que impulsionava a água para nossos copos. Ela retornou e colocou-os com calma na frente de cada um de nós.

John encostou o saco de gelo na bochecha.

— O frango está maravilhoso, Rose — disse ele.

As sobralhas de papai se ergueram quando John chamou mamãe pelo nome.

John roeu o último pedaço de frango e o engoliu com a água.

— Ficaria ótimo na grelha, também — continuou.

— Você acha? — A voz de mamãe ainda estava tensa.

— Aham. Com carvão — disse John, lançando um sorriso para mim.

Caí na gargalhada.

— Com bastante carvão! — gritei.

Tive um ataque de riso bem ali, na frente dos meus pais. Não sei o que me deu naquele momento, mas o que quer que tenha sido se libertou, e foi alto, assustador e livre. E acho que contagioso, porque depois do choque inicial, John também caiu na gargalhada, até que ficamos os dois rindo, com direito a boca aberta e dor na barriga.

Papai e mamãe trocaram olhares confusos conosco. Comigo.

E, para falar a verdade, eu não estava nem aí.



John e eu ficamos inúteis depois disso. Lágrimas escorriam por nossos rostos, e estávamos com tanta dificuldade de recobrar o fôlego que papai e mamãe nos mandaram lá para fora enquanto tiravam a mesa. Não me lembrava da última vez em que não fui eu que limpei tudo depois do jantar, mas lá estávamos nós, correndo pelo meu quintal inclinado, segurando os sapatos, muito depois do jardim do papai, sentindo a grama macia e quente sob os pés.

— Viu a cara deles? — gritou John.

— Você é terrível — falei, rouca de tanto rir. — Carvão!

John se abaixou, arrancou um pouco de grama e jogou em mim. Consegui enfiar um tanto dentro da camisa dele, e travamos uma guerra de grama até ficarmos completamente suados, até ter grama grudada em nossa pele, rosto e cabelos, até as estrelas aos poucos começarem a piscar na metade escura do céu.

— O que foi aquilo? — perguntou ele depois de um tempo.

— Não faço ideia. — Uma sensação estranha se agarrou por dentro em minha pele. — Eles nunca discutem desse jeito, não sobre Passarinho.

— Olhe — disse ele, abrindo os braços —, não posso fazer nada se meu nome é John.

— Eu sei, mas...

— Mas o quê?

Olhei para ele.

— Qual *era* a possibilidade de nos conhecermos e ficarmos amigos?

— John *é* um nome bem comum — observou ele.

— Ainda assim — insisti. — Papai parece achar que é má sorte eu ter conhecido você.

As palavras saíram mais rápido do que eu esperava, rápido demais para que eu pudesse contê-las.

John riu com desdém.

— E o que eu poderia fazer?

O jeito como ele disse aquilo me deu arrepios.

— Não sei — admiti —, mas papai parecia mesmo preocupado.

John virou de costas. Depois de um bom tempo, olhou para mim. Seu rosto não tinha mais aquela expressão estranha.

— O que você acha que seu avô estava fazendo? — perguntou.

— Não faço ideia — confessei, catando umas graminhas presas em meus antebraços —, mas pareceu bem transtornado.

— Bom, lendo um livro é que não estava — disse John. — Você não sabe mesmo por que ele é tão esquisito?

— Ele era bem normal antes de Passarinho morrer — observei, ignorando o embrulho em meu estômago.

John estava com a cabeça virada para o céu.

— Ei, está vendo aquilo ali? É Júpiter.

Ele apontou para uma estrela brilhante que não piscava, só ficava lá parada, toda elegante e bonita.

— Júpiter? — perguntei baixinho, olhando para cima, para os milhões de quilômetros de céu.

Estava feliz pelos planetas não se importarem se seu avô não fala ou se você tem um amigo chamado John, ou ainda se os segredos de sua família são como as camadas infinitas da terra.

— Como sabe que não é uma estrela? — perguntei.

— Estrelas brilham, planetas não. Se não brilhar pode ser um planeta, um satélite ou um cometa mais lento. — Ele coçou a panturrilha com o outro pé. — Mas aquilo é Júpiter, com certeza, porque tem uma coloração meio avermelhada.

O aroma de alecrim do jardim do papai chegava até nós, o aroma que deveria nos proteger dos *duppies*. Eu me perguntei se vovô estaria com fome ou triste porque papai se esquecera de levar comida para ele. Aquele pensamento me surpreendeu: até então, eu só pensava em vovô sentindo raiva. Nunca fome. Ou tristeza.

John e eu olhamos o céu até sentir dor no pescoço, e observamos as estrelas surgirem na escuridão e assumirem seus postos na vigília noturna sobre a terra. Quando os mosquitos começaram a atacar tanto que tudo o que fazíamos era estapear o próprio corpo, John foi para a casa dele, e eu entrei.

A casa estava silenciosa, a tevê, desligada. Os sons estranhos que vinham do quarto do vovô haviam parado. No entanto, meu coração estava cheio e inchado. No dia anterior, vovô dera um soco em John, mas parecia éons atrás. E como John podia ser um amigo tão bom, e ao mesmo tempo estar pronto para ir para o espaço e deixar todos para trás?

Foi então que percebi algo no chão da cozinha: a ponta de flecha do John. Deve ter caído de seu bolso, pensei, ao pegá-la no chão. Ele deveria deixá-la embaixo do travesseiro aquela noite, por isso agarrei a ponta de flecha, calcei os sapatos e escapuli porta afora.

O céu nunca fora tão grande. Eu me senti como uma formiga abrindo caminho pela terra escura conforme corria pela estrada de cascalho, enquanto subia a pequena colina e descia do outro lado. Corri mais rápido do que os mosquitos poderiam alcançar. Para minha surpresa, sequer estava nervosa por bater à porta do sr. McLaren à noite. John teria acabado de chegar em casa e estaria acordado, mesmo que os outros tivessem ido para a cama cedo.

Não precisei me preocupar com isso, porque havia várias janelas iluminadas. Acho que não se preocupavam com a conta de luz como meus pais. Parecia quente e agitada aquela casa. Cheia de vida.

Toquei a campainha e ouvi passos lá dentro. Escondi a ponta de flecha nas mãos.

A porta se abriu, e o sr. McLaren estava diante de mim. Ele era mais alto e mais velho do que eu lembrava, com o cabelo fino bem curto e linhas de expressão que cercavam sua boca, embora ele não estivesse sorrindo. De repente, senti-me insegura.

Ele olhou para mim, surpreso.

— Ora, Joia — disse ele. — O que houve?

Meu pescoço queimava.

— Hã, eu só queria entregar algo ao John.

— John? — O sr. McLaren franziu a testa. — Que John?





Na manhã seguinte, cavei buracos por toda parte. Cavei mais longe de meu círculo do que nunca, enfiando meu graveto na terra dura e compacta, fazendo buraco após buraco, após buraco. Meus bolsos estavam lotados de seixos, carregados com o peso da mentira de John.

Ou quem quer que ele fosse.

Cada parte de mim doía, com o tipo de tristeza mais triste que eu podia imaginar, uma dor que tomava meu sangue, minhas unhas e meu fígado. Não sabia que era possível sentir tanta dor. E não sabia que a voz do sr. McLaren podia ficar gravada em minha mente, ecoando para sempre aquelas duas horríveis palavras: “Que John?”

A dor dentro de mim se intensificou, e trinquei os dentes.

Como podia ter sido tão burra?

*Plop, plop, plop.* Três seixos pela boca idiota do John, que seus lábios se colassem e nunca mais se abrissem. Um seixo pelo aborrecimento e pelo medo que mamãe sentira no jantar da noite anterior. Dois seixos pelo meu tornozelo torcido no caminho até ali. Dez seixos para que eu nunca mais falasse com John de novo.

Ainda tinha muitos outros seixos. Muitos.

Estava tão concentrada que nem ouvi os passos atrás de mim.

— Achei que encontraria você aqui.

Ergui-me com um salto e me virei, dando de cara com John. Minha garganta se fechou.

— Fui até a casa do sr. McLaren ontem à noite. — Era uma acusação.

— Eu sei.

As mãos dele se enterraram mais nos bolsos do short.

— Seu *tio*.

— É, sim.

John olhava para o chão, não para mim.

— Não é.

— É, sim.

— Para de mentir para mim — falei, levantando a voz, e meus dedos apertaram os seixos em minhas mãos. — Ele nem sabia quem você era. Onde mora de verdade?

— Com ele.

Rápida como um raio, atirei uma pedra em John. Ela passou direto por cima do ombro dele. Seu queixo caiu, ele olhou para mim como se eu fosse louca. Fiquei tão surpresa quanto ele.

— Vá embora — falei.

— Joia. Preciso contar uma coisa.

— Sai daqui!

Comecei a atirar nele pedra após pedra, após pedra, tentando me livrar de toda a dor que sentia por dentro. John correu até mim e torceu um dos meus pulsos, e, quando me dei conta, estava no chão, meus joelhos enterrados na areia recém-revirada, meu braço ainda preso.

— Me larga! — gritei, contorcendo-me; meu cotovelo e meus ombros doíam.

— Preciso contar uma coisa! — gritou ele.

— Não quero saber — falei e me contorci ainda mais.

— Cala a boca! Não me chamo John, tá? Está feliz agora?

Fiquei parada e olhei para ele.

— O quê? Como assim?

O rosto dele inteiro se contorceu.

— Meu nome é Eugene.

— Você mentiu sobre seu nome?

As mãos dele seguravam meu pulso com muita força, como se eu tivesse me debatido mais forte do que ele esperava.

— É — admitiu ele depois de um tempo, sem nem olhar para mim. — Não foi de propósito.

— Mentir para mim? O que isso quer dizer? E por que você mentiria sobre...

A expressão suave em seu rosto desapareceu.

— Quem se importa? — perguntou ele.

Soltou meu braço e se afastou, e eu me levantei, desajeitada, tirando a terra dos joelhos, e fui pisando forte atrás dele.

— Qual o problema com Eugene? — gritei atrás dele.

Ele se virou. Seus olhos estavam raivosos, ferozes.

— É o nome do pai do Jack.

Jack. O pai adotivo. Não entendi nada.

— Nem um nome ela foi capaz de me dar.

Ele cerrou os punhos com força.

— O nome do seu pai é John? — perguntei.

— Eu não sei! — gritou ele, de repente. — Não sei nada, tá legal?

E me deu as costas.

Era tão estranho ouvir John, o astronauta e melhor futuro professor do mundo, dizer que não sabia nada. É claro que ele estava falando de sua família biológica, não de Júpiter, pressão ou

quasares, mas, mesmo assim, minhas entranhas se reviraram como um galho de árvore retorcido quando o ouvi dizer aquilo: em um momento, parecia que ele sabia tudo, e no outro, não sabia nada de nada.

Engoli em seco, mas o embrulho no estômago não desapareceu.

— Você estava em casa quando toquei a campainha? — perguntei.

— Estava.

Ele enfiou a ponta do sapato na terra. Cruzei os braços.

— Então por que não disse nada?

— Teria que explicar tudo a meu tio — admitiu ele em voz baixa. — Ele ia ficar muito irritado comigo se descobrisse.

— Ah, e eu não ia ficar irritada?

— Você não está entendendo.

E tinha razão. Eu não estava entendendo, nem um pouco. Como ele pôde se apresentar como John daquele jeito?, pensei, bufando. Quer dizer, também não gosto do meu nome, mas não saio por aí dizendo para as pessoas que meu nome é Jenny. Além do mais, mesmo que ele quisesse se dar um nome diferente, por que não poderia ter escolhido Sam? Ou Tom?

Posso jurar que o sol se moveu alguns centímetros durante aquele silêncio.

Ele se remexeu, constrangido, e fitou o chão, a grama. Alguns dos seixos que eu enterrara apareciam, pontiagudos.

— Por que você enterra pedras? — perguntou ele.

Dei de ombros, virei-me e caminhei em direção à trilha, afastando-me do penhasco. Se ele podia ter segredos, eu também podia.

— Escute, Joia — disse, parando à minha frente. — Eu estava falando sério quando disse que éramos amigos.

— Então como devo chamar você? — As palavras saíram mais agressivas do que eu pretendia.

— Pode me chamar de John.

Inclinei o pescoço e olhei para ele. Ele respirou fundo.

— Sério. John.

— Aham.

Por um momento, ele pareceu um menininho.

— Podia ser meu nome secreto. Não gosto de ser chamado de Eugene, mas John? John é um bom nome. Forte. — Ele bateu os punhos no peito, duas vezes, como um gorila, e não conseguiu evitar um sorriso. — Gosto de como me sinto quando meu nome é John.

Sua voz estava firme novamente, e ele estendeu a mão para mim.

— Combinado? — perguntou.

Senti meus lábios se franzirem. Como um nome poderia mudar a forma como ele se sentia a respeito de si mesmo? Foi então que percebi que talvez fosse isso que vovô havia tentado

fazer ao apelidar meu irmão de Passarinho. Talvez quisesse que ele se sentisse invencível. Imponente.

Apertei a mão dele, devagar.

— Pode ser — disse, mas não tinha mais certeza.

Não tinha mais certeza de nada.



Quando cheguei em casa, papai estava assistindo a um jogo de futebol na tevê — futebol mesmo, não o americano. Futebol, para os americanos, é jogado com as mãos mais do que com os pés. Pensando bem, então, o nome não faz muito sentido aqui. Enfim, futebol é, de longe, o esporte preferido do papai.

Ele parecia bastante vidrado no jogo, por isso fui direto para o meu quarto pegar papel para desenhar flores selvagens, mas ele disse:

— Onde você estava, minha querida?

Parei e respondi:

— Estava com John, fazendo nada.

Mas aquilo era mentira. Não ficamos fazendo nada. Brigamos. No penhasco, um lugar onde eu não deveria ir. E o nome dele não era John. Quantas mentiras é possível contar com tão poucas palavras? Uma sensação desagradável se esgueirou e se instalou sob minha pele, e engoli em seco. Queria sair correndo da sala e me esconder debaixo das cobertas. Eu me sentia muito feia.

— Esse menino. John. Não sei, não.

Papai me lançou um olhar que dizia muito mais do que suas palavras.

— Como assim? — perguntei, cautelosa.

Será que ele sabia a verdade a respeito do nome de John? Então percebi que eu também não sabia nada sobre John. Talvez papai estivesse certo; havia mesmo algo estranho nele. De repente, parte de mim se arrependeu de guardar seu segredo.

— Não gostei de ele ter chamado a sua mãe de Rose. — Papai fechou a cara e voltou sua atenção para a tevê. — Não é certo que uma criança fale assim com um adulto. É falta de respeito.

— Foi mamãe que disse para chamá-la assim.

Papai balançou a cabeça, e eu fiquei em dúvida se era por causa da mamãe, de mim ou de John.

— Ela gosta de acreditar que esse tipo de coisa não importa, mas importa. — Ele me lançou um olhar demorado. — Os menores detalhes podem ser os mais significativos.

Não fazia ideia do que papai estava falando.

— Só... tome cuidado, tá? — Ele fitou a tevê por um tempo. — Ter um menino chamado John próximo de nossa família... — Ele fez um barulho com a língua nos dentes. — Não quero má sorte dentro desta casa.

Engoli em seco. Será que eu estaria trazendo ainda mais azar ao chamar Eugene de John? Do nada, senti vontade de conversar. Senti vontade de conversar mais do que jamais conversara com meus pais, de perguntar a eles sobre Passarinho, sobre vovô e os silêncios, e senti vontade de ter minhas perguntas respondidas, de uma vez por todas. E então, talvez para aliviar um pouco do peso em meu peito, perguntei:

— Papai, o que vovô estava fazendo ontem à noite?

Papai virou-se para mim.

— O quê?

— Quando John estava aqui. O que vovô estava fazendo no quarto, com aqueles barulhos todos?

Olhei para o papai, e ele para mim. Dava para perceber que ele sabia que eu estava esperando uma resposta. Seu rosto estava quase assustado, mas logo se suavizou.

— Ele estava chateado por causa de umas coisas.

— Que coisas?

Papai balançou a cabeça.

Eu fiquei ali, esperando.

— Não devemos falar sobre isso — disse ele.

— Que coisas? — insisti. — Por que não?

Papai falou mais alto.

— Agora não, Joia. Estou vendo o jogo.

Senti um vestígio daquela mesma tristeza dentro de mim, e meus olhos se estreitaram. Fui até papai e fiquei entre ele e a tevê.

— De que coisas não devo falar? — perguntei.

— Joia. — A voz dele ficou mais alta e irritada.

— Se vovô está aborrecido, eu não deveria saber o motivo?

— Não fale comigo nesse tom de voz — repreendeu ele.

— Eu quero saber — insisti, e percebi minha própria voz se elevando.

Cruzei os braços e fui tomada pelo mesmo misto de emoções de quando atirei as pedras em John: estava surpresa, porém poderosa. Não conseguia acreditar que papai queria voltar a ver tevê. Ele está agindo como se eu fosse uma estranha, pensei, rangendo os dentes. Se vovô decidiu dar um ataque na nossa frente, na frente de meu amigo, eu não deveria saber o motivo? Por que não merecia saber?

Bem naquele instante, a foto da vovó — na montanha, com o vestido branco e esvoaçante — caiu da parede da sala.

Não soprara qualquer brisa. Nada batera. A foto simplesmente caiu da parede, *pá-pum*.

Papai fitou a foto da vovó, e depois me encarou. Eu também estava assustada, mas não me movi.

— Eu quero saber — repeti.

Papai pigarreou.

— Vovô acha que John é um *duppy* — disse ele, com uma voz estranha.

— John? — Minha boca estava seca. — Ele não é um *duppy*.

— O arroz era para ele. — Papai cerrou os lábios, pegou o controle remoto e desligou a tevê.

De repente, fazia sentido que vovô não quisesse que eu fosse com John pelas plantações de milho, e porque ficara tão transtornado quando fui. E se vovô achava que John era um *duppy*, é claro que jogaria arroz no chão e sal no piso de casa.

— Então é por isso que vovô fez um X no chão da primeira vez que viu John? — perguntei, pensando alto.

Papai fez uma careta.

— Não era um X, Joia. Era o número dez em algarismo romano.

Números acima de nove afastavam os *duppies*.

Papai suspirou.

— Tá bom? — perguntou, como se quisesse acabar logo com aquela conversa.

— Mas John não é um *duppy* — insisti, mais alto.

— Às vezes eles assumem a forma humana para nos enganar.

Um arrepio percorreu meu corpo.

— Sêrio? — perguntei.

Papai assentiu.

— Mas John não é um *duppy* — repeti, porém sem a mesma convicção.

Ele alisou os cabelos e desviou o olhar.

Foi quando um pensamento me ocorreu.

— Você disse que vovô estava aborrecido com *umas coisas* — falei, cautelosa. — O que mais?

Papai se levantou.

— Já chega.

Saiu da sala e não disse mais nada. Eu sabia de pelo menos um motivo para isso: falar sobre um *duppy* acaba chamando sua atenção e pode atraí-lo para sua casa.

No entanto, ambos tínhamos visto a foto da vovó cair da parede. E isso significava que o *duppy* já estava ali.



O que aconteceu foi que o ganchinho de metal do porta-retratos da vovó estava meio solto, e por isso a foto caíra. Quando fui pegar a moldura do chão, esperava que ela fosse queimar minhas mãos ou que saísse voando pela sala, mas era mesmo só uma foto, fria e morta. Eu a estava pendurando de volta na parede quando vi um lampejo de luz.

Fiquei imóvel. Havia uma corrente de ouro caída no canto junto à parede, bem onde estava a foto da vovó, quase escondida no carpete. Uma corrente fina. Fui até lá e ergui o colar, e ele girou, brilhando à luz da lâmpada.

Era lindo. O tipo de beleza que faz com que você fique em silêncio por dentro.

Mordi o lábio. Havia quanto tempo que aquilo estava ali? E era ouro de verdade, dava para ver pelo brilho e pelo peso, portanto não era da mamãe. Suas únicas joias de ouro eram aqueles brincos. Em todo o caso, se fosse de mamãe e ela o tivesse perdido, todos nós saberíamos, já que teria pedido nossa ajuda para procurar.

Engoli em seco. Talvez tivesse vindo de um *duppy*. E se fosse isso mesmo, não era muito sábio usá-lo. Deslizei a corrente de ouro entre o polegar e o indicador, de novo e de novo. Por outro lado, podia ser só um colar. Mamãe certamente diria isso.

Abri o fecho e o coloquei no pescoço, sentindo-me adulta. Nunca tinha usado nada de ouro verdadeiro. Se alguém me perguntar, direi simplesmente que o encontrei por aí, o que não é mentira, pensei. A corrente se acomodou perfeitamente sob minha camiseta.

Fui até o quarto e peguei papel para desenhar, mas não conseguia me concentrar, então fiquei deitada na cama, mexendo no colar e olhando para o teto. Vovô achava que John era um *duppy*. Por isso, andava queimando alecrim e pendurara meias vermelhas e ferraduras para me proteger. E, claro, por esse motivo ficara tão transtornado quando fugi com John. Quem sabe o que um *duppy* teria feito comigo? Talvez vovô tivesse razão em ficar tão nervoso, batendo em pratos, cuspiendo e chegando até a socar John, já que achava que meu amigo era um *duppy*. Já que ele não consegue mesmo gritar.

Era estranho pensar que vovô estivera na verdade tentando me proteger todo aquele tempo.

Minha cabeça dava voltas como a hélice do ventilador ligado em meu quarto. De repente, ouvi um barulho do outro lado da parede. Um *tump-tump-tump*.

Vovô.

Engoli o medo que tomou minha língua de repente. Ele certamente se sentiria melhor se soubesse que John não era um *duppy*, pensei, mordendo o lábio. Precisava admitir que era meio estranho Eugene escolher justamente o nome John, e que John tivesse a aparência que Passarinho poderia ter nessa idade se estivesse vivo. Mas ainda assim.

E talvez vovô estivesse cansado de ninguém perguntar a ele como estava, se estava com sono, ou entediado ou inquieto, ou se queria jogar dominó. Talvez, pensei, eu pudesse lhe perguntar como a vovó era. Ela morreu quando eu era muito pequena, não tinha mais que alguns anos de vida, e não me lembro de nada dela.

Todos aqueles pensamentos me corroíam e não me deixavam quieta. Se eu fosse até o quarto dele e fizesse uma ou duas perguntas, talvez ele ficasse irritado, ou talvez me ignorasse, como

de costume. Ou quem sabe fechasse a porta na minha cara. Não teria problema, acho.

Nunca fui de puxar conversa com vovô, mas, pensando bem, eu também não era do tipo que joga pedras em amigos ou exige que papai conte as coisas.

Meus lábios se torceram em um leve sorriso. Ouvi a porta da frente bater, enquanto papai saía de casa e entrava no carro. Era sua vez de cozinhar, e ele provavelmente estava indo ao mercado. Mamãe ainda estava no trabalho. Havia em casa apenas vovô e eu.

Mais uma vez: *tump-tump-tump*.

Respirei fundo, dei um abraço apertado e rápido em meu coelho de pelúcia e me levantei. O pequeno ventilador branco girava de um lado para outro, e engoli em seco ao deixar o quarto e parar na frente da porta do vovô.

Talvez ele pudesse sentir que eu estava ali, do lado de fora.

Obriguei-me a bater à porta, reprimindo o ímpeto repentino de fugir. Então abri a porta e entrei no quarto dele.

Vovô estava deitado na cama, usando fones de ouvido antigos conectados a um toca-fitas portátil ainda mais antigo. Ouvindo música. Seu braço repousava na mesa de cabeceira ao lado da cama, e ele estivera batendo o punho no criado-mudo ao ritmo da música. Era daí que vinha o barulho.

Seus olhos se abriram de repente, e ele me encarou, pasmo. Apertou um botão grande no aparelho de som, arrancou os fones da cabeça e jogou as pernas para fora da cama, sentando-se na beira do colchão.

Todas as perguntas que eu ia fazer desapareceram de minha cabeça. Meus lábios estavam repentinamente grudados.

Ele olhava para mim com a testa enrugada, surpreso, como se falasse “como ousa simplesmente entrar sem permissão?”

— Oi — falei, coçando o pulso.

Ele franziu a testa, e os cantos de sua boca repuxavam profundamente.

— Tudo bem?

Sabe, há certas ocasiões na vida em que “oi, tudo bem?” provavelmente não é a coisa mais apropriada a se dizer. Como quando alguém está sangrando até a morte. Ou se alguém está preso no elevador. Ou talvez se você acabou de invadir o quarto do seu avô e percebeu que ele não queria que você lhe dirigisse a palavra, mas lá está você, no espaço dele, respirando seu ar e seu cheiro de vovô e fazendo perguntas que não são bem o que você queria dizer.

Ou coisa do tipo.

— O que você está ouvindo? — perguntei, meu couro cabeludo formigando.

Vovô se levantou, devagar. Por um momento, juraria que vi a pele ao redor de seus olhos e da boca relaxando.

— John não é um *duppy*. — As palavras dispararam, como se tivessem vida própria.

A suavidade deve ter sido imaginação minha. Vovô sacudiu a cabeça com violência e olhou para mim, como se dissesse “você não sabe nada”. Então, bateu palma duas vezes, um barulho



estridente e irritado.

Eu me enrijei para ficar o mais alta possível.

— John é meu amigo.

De repente, vovô veio até mim em passos rápidos e gélidos e agarrou meu braço. Olhou bem em meu rosto, olhos negros e arregalados, e me puxou mais para dentro do quarto.

Dei um grito estranho e puxei o braço, resfolegando.

— Ele é meu amigo — repeti, mais alto.

Então, virei-me e corri.

# CAPÍTULO ONZE



No dia seguinte, as nuvens se espalharam e choveu forte. Foi uma daquelas chuvas que duram o dia inteiro, do tipo que se infiltra fundo na terra. Não pude cortar a grama como deveria, e não queria ficar presa em casa pensando em vovô do outro lado da minha parede. Por isso, coloquei os sapatos e saí.

Resolvera não dizer nada aos meus pais sobre vovô ter agarrado meu braço. Eles provavelmente brigariam comigo por ter entrado no quarto dele. E eles teriam razão. O que eu estava pensando? Era óbvio que vovô não queria nada comigo. Nunca quisera.

Eu me senti melhor ao percorrer o longo caminho de cascalho de nossa casa até a estrada, sentindo o cair suave da chuva. Os pingos eram quentes, agradáveis e grossos, do tipo que se espalha ao atingir a pele. Papai diz que caminhar na chuva rega a alma, da mesma forma que rega as plantas e os rios. Embora mamãe balance a cabeça quando ele diz isso, ela sempre deixa toalhas ao lado da porta da cozinha para quando chego em casa.

É algo especial ir ao penhasco quando está chovendo. Meu círculo de pedras fica lá, quieto, paciente e úmido, e o rochedo observa as nuvens cruzarem o horizonte como um velho amigo. Se você prestar bastante atenção por um tempo, às vezes consegue ver a grama passar do marrom ao verde, bem diante de seus olhos. E quanto aos seixos enterrados — bem, fico feliz ao pensar que eles também estão sendo regados e que estão virando terra de novo, lentamente, gota após gota.

Enquanto caminhava pela estrada molhada, em direção ao penhasco, meus pensamentos voltaram para John. Eugene. Talvez, apenas talvez, John tivesse atraído a atenção de um *duppy* ao trocar de nome e nem tivesse se dado conta disso. Da mesma forma que vovô atraía um *duppy* para Passarinho. Da mesma forma que talvez houvesse um *duppy* em nossa casa. Meu coração acelerou ao pensar nisso tudo.

Agachei para pegar uns pedacinhos de cascalho na estrada a fim de enterrar essas preocupações no penhasco, quando avistei o rastro de um cervo na grama alta. O rastro estava fraco, porém recente, provavelmente da noite anterior. Quando dei por mim, estava seguindo a trilha, animada. Quem sabe encontraria um bando de cervos, pensei. Encontrar animais

adormecidos traz boa sorte. É o que papai diz. Não me tomaria muito tempo, e naquele momento um pouco de sorte não faria mal.

A grama se dobrava de leve onde o cervo havia passado, e segui o caminho escorregadio da forma mais silenciosa e cuidadosa possível, olhos abertos e ouvidos atentos como se eu mesma fosse um cervo. A chuva caía do céu e transformava o horizonte em uma névoa cinzenta e difusa. O caminho fez uma curva antes de se abrir para um pequeno lago.

Perdi o fôlego ao ver vovô.

Estava debaixo da chuva forte, sentado em um tronco de árvore coberto de musgo, perto do lago. Sua cabeça estava apoiada pesadamente nas mãos, e os ombros estavam caídos e consternados.

Minhas entranhas se reviraram. Eu achava que ele estava em seu quarto, mas pelo modo como as roupas encharcadas se colavam ao corpo dele, já fazia um tempo que vovô estava ali. E sua tristeza era tão sincera, da forma como as pessoas se sentem quando pensam que estão sozinhas. Parecia que ele vinha aqui havia muito, muito tempo.

Uma vergonha lancinante se espalhou por mim. John estava certo: sempre *presumimos* que ele ficava no quarto. Que gostava de ficar lá. No entanto, ficou claro que não conhecíamos vovô tão bem assim. Ele também não parecia o avô que eu conhecia, o avô que joga arroz e sai pisando duro pela casa e fecha a cara com raiva. Como ele conseguia ter tanta raiva e tristeza dentro de si?

Não sei quanto tempo fiquei ali olhando para ele, como se fosse uma pintura ou um sonho. Em um arbusto próximo, uma graúna-d'asa-vermelha gorjeou para mim, despertando-me do meu devaneio. Tão silenciosa quanto possível, voltei pela trilha em direção à estrada.

Fiquei um bom tempo do lado de fora, colhendo taboas nos canais, até que a minha inquietude passou, e o céu de fim de tarde começou a relampejar a distância. Só então fui para casa, com os sapatos encharcados. Eu me sentia mais tranquila, e minha alma recém-regada crescia. Os sapatos do vovô estavam na entrada, mas a porta de seu quarto continuava fechada. Fiquei me perguntando quando ele havia voltado e se estava se sentindo melhor. O chão estava seco, portanto ou vovô retornara havia algum tempo ou enxugara o piso muito bem. Fiquei curiosa, pensando no que ele estaria fazendo lá dentro. Dormindo ou talvez ouvindo mais música.

Quando entrei em meu quarto, fiquei surpresa ao encontrar os fones de ouvido e o toca-fitas do vovô com uma fita dentro. Em minha cama.

Para mim.

Era reggae, mas para mim era um portal para outro mundo. Um ritmo lento tocava pesado como batidas de coração e se acomodou no meu sangue. Ouvi o lado A inteiro daquela fita cassete sem nome de uma vez só. É isso o que vovô escuta, pensei, deitada na cama, balançando os pés para a frente e para trás.

Era maravilhoso.

E ele compartilhou isso comigo. Eu não conseguia entender. Em um momento ele espumava de raiva, e no outro, estava triste e solitário no lago, e em seguida me deixava ouvir suas fitas. Nunca pensei em vovô como alguém que tivesse *sentimentos* — como ele vivia mudo, presumi que seu coração também fosse. Mas acho que estava errada.

Sentada na cama, segurei o velho toca-fitas do vovô no colo, e parecia que uma porta invisível estava sendo esculpida aos poucos na parede que dividíamos. E isso fez com que eu me sentisse muito especial.

Ouvi aquela fita o máximo que consegui, até perceber que estava atrasada para encontrar a sra. Rodriguez. Corri até minha bicicleta e pedalei para a casa dela, que ficava depois da estrada, na cidade. Era dia de buscar o pote de molho apimentado que ela sempre deixava separado para mim na geladeira. Nessas tardes em que a visito, acho que deveria servir de companhia a ela, mas nunca sei direito o que fazer. Apesar de ser velha, ela sabe cuidar muito bem de si mesma. As louças no armário balançam quando ela passa de tão firmes que são seus passos.

Foram esses mesmos passos pesados que ouvi após tocar a campainha. A porta se abriu, e a brisa fria do ar-condicionado arrepiou minha pele. A sra. Rodriguez abriu um sorriso largo quando me viu. Seu longo cabelo grisalho estava preso para trás, bem bonito e arrumado. Ela era bonita para uma senhora de idade.

A sra. Rodriguez riu, beijou-me na bochecha e me puxou para dentro de casa, um oásis em meio ao calor escaldante do verão. Ela já rumava para a cozinha, onde o molho me esperava. Às vezes ela também manda um pouco de *arrachera* ou frango ao *mole* quando sobram.

Como sempre, os aromas da casa me deixaram com fome. Seu *molcajete* estava na bancada da cozinha, as beiradas de pedra ainda úmidas com restinhos de tomate, cebola e alho que ela havia acabado de moer para fazer o molho. Fiquei com água na boca. Não pude evitar. Mamãe só usa nosso *molcajete* para manter a porta de tela da cozinha aberta.

A sra. Rodriguez tagarelava comigo em espanhol de forma frenética enquanto se movia pela cozinha, pegando sacolas plásticas para que eu levasse a comida para casa. Eu lhe ofereci um sorriso amarelo, tentando disfarçar meu desconforto. Quer dizer, ela sabe que não entendo uma palavra que está dizendo. Talvez pense que, se ela falar comigo por tempo suficiente, um dia um interruptor em meu cérebro vai ligar, e eu vou responder em um espanhol suave e perfeito. Ou talvez ela se sinta sozinha e precise conversar com alguém.

Ela empilhou os potes de plástico com um floreio, quase como se fosse um mágico: o cardápio de hoje era salada de cacto, *tinga* e molho apimentado. Assenti, satisfeita, quando os potes desapareceram dentro de duas camadas de sacolas plásticas, que ela então me entregou.

— *Gracias, señora Rodriguez* — falei com um sorriso excessivamente grande, que eu esperava que fosse distraí-la de minha pronúncia terrível.

Ela me deu o abraço de sempre, suave e apertado. Então, virou-se para a escada e gritou alguma coisa. Dei um pulo de surpresa. Ela segurou minha mão. *Espere um pouco.*

Uma jovem desceu as escadas, seus cabelos lindos, longos e esvoaçantes. A curva de seu nariz era exatamente a mesma do nariz da sra. Rodriguez.

— Miriam! — gritei, e me atirei em seus braços.

Miriam era neta da sra. Rodriguez e tinha ido para a faculdade no ano anterior. Ela sempre ficava de babá para mim, e, quando foi embora, meus pais chegaram à conclusão de que eu estava crescida o bastante para ficar em casa sozinha. Eu sentia uma saudade absurda de Miriam, de quando fazíamos *sopes* e *gorditas* de massinha e fingíamos comê-las ou servir uma a outra.

Miriam gargalhava enquanto me abraçava.

— Que surpresa boa, Joia! — disse ela, sorrindo. Brincos dourados pendiam, elegantes, de suas orelhas. — *Abuelita* não me disse que você viria aqui hoje.

De repente, fiquei envergonhada.

— Hoje é dia de comida — falei.

— Mas é claro! — disse Miriam, assentindo. — Você sempre vem buscar a comida da vovó, que nem um relógio.

— A comida dela é muito boa — respondi, ruborizada.

Miriam gargalhou.

— Ah, a gente sabe. Você sempre volta querendo mais, não é?

Miriam disse algo para a sra. Rodriguez em uma torrente de espanhol, e ela também gargalhou. Suas bocas sorriam da mesma maneira. Talvez fossem todos aqueles aromas familiares ou a forma como a sra. Rodriguez lembra um pouco minha mãe, mas naquele momento senti como se fizesse parte daquele lugar. Então o instante se dissipou, e eu percebi que há mais partes de mim que não pertencem.

Como na escola. Eu me sentava com Daniella e Silvia na hora do almoço, e elas eram legais e tudo mais, mas quando ficavam muito animadas ou quando queriam contar um segredo, passavam a falar espanhol. Às vezes, misturavam espanhol e inglês e nem se davam conta, assim como as pessoas não notam que estão respirando. Nesse caso, eu só esperava e deixava os sons passarem direto por mim, incompreensíveis. Quando as meninas caíam na gargalhada, às vezes eu ria também, o que só fazia com que elas gargalhassem ainda mais.

Mas Miriam nunca ria de mim. Talvez tenha sido por isso que não me contive e perguntei:

— Você conhece aquela raça de cachorro, xolo?

A sra. Rodriguez inclinou ligeiramente a cabeça para trás, e Miriam lançou um olhar para a avó antes de dizer:

— Conheço, sim, Joia. Por que quer saber?

A sacola de plástico de repente me pareceu mais pesada. Olhei para baixo e fitei os pares de sapatos ao lado da porta.

— Funcionam? — perguntei em voz baixa.

— Como assim?

Queria conversar sobre *duppies*, mas elas não sabiam o que eles eram, então continuei:

— Tipo... os xolos nos protegem dos espíritos?

A sra. Rodriguez desandou a tagarelar. Colocou o rosto diante do meu e falou comigo devagar e em voz alta, como se aquilo fosse me ajudar a entender algo importante. Como sempre, as palavras dela apenas dançaram ao redor da minha cabeça, fizeram cócegas em minhas orelhas e então fugiram. Ela bufou, frustrada.

Em seguida, ela e Miriam conversaram pelo que me pareceu uma eternidade enquanto eu esperava, parada ali, meus olhos vagando pelas estatuetas de terracota nas paredes, pelo pequeno aquário no canto — encarando tudo, menos elas. Por fim, Miriam colocou a mão em meu ombro.

— Joia, algumas pessoas acreditam nos xolos, mas outros acham que as histórias sobre eles não passam de folclore. — Ela me observou. — Por que a pergunta? Tem alguém tentando assustar você?

Miriam deve ter achado que alguém na escola estava me pregando uma peça.

— Não — respondi. — Não é nada disso...

— Então não se preocupe, Joia — concluiu ela, dando tapinhas de leve em meu ombro. E de repente parou. — Que colar bonito — disse, olhando o pedacinho da corrente visível sob minha camiseta. — Olhe só para você, toda crescida. Você não usava joias.

— Obrigada.

Sorri, mas parecia que meu rosto havia se transformado em plástico.



Quando cheguei em casa, a porta do quarto do vovô estava fechada, mas talvez ele estivesse no lago. Quis correr até a casa de John e contar que estava descobrindo os segredos do meu avô, um a um: o que ele faz em seu quarto, onde vai quando não está em casa e que carrega uma tristeza profunda sob a pele.

No entanto, só o fato de pensar em John e seu nome secreto fez com que eu me contraísse por dentro. Em vez disso, peguei minha caneta preferida e comecei a rabiscar, até que me peguei escrevendo um bilhete para vovô. Foi estranho escrever “querido vovô”, porque todos os outros bilhetes que deixei para ele foram só algumas frases diretas, como se tivesse medo de que a tinta fosse me perseguir por escrever seu nome. Esse, no entanto, era um bilhete de verdade. Agradei a ele por ter me deixado ouvir sua música e disse que gostei muito. Então desenhei uma florzinha ao lado do meu nome, porque eu quis.

Mas quando estava deslizando o bilhete por baixo da porta, senti um cheiro estranho vindo de seu quarto. Fiquei tensa. Algo estava queimando. Aspirei o ar com atenção. Alecrim. Vovô estava queimando alecrim.

Fiquei parada na frente da porta, sem saber o que fazer. Parte de mim queria entrar lá e gritar que arroz e alecrim são comida, e que provavelmente não têm nada a ver com *duppies*. A outra parte queria entrar lá e fazer vovô parar de queimar alecrim, por via das dúvidas, pois percebi, sobressaltada, que talvez isso poderia fazer mal a John.

## CAPÍTULO DOZE



No dia seguinte, fiquei no meio do meu círculo de pedras. Cúmulos brilhavam como amontoados de pérolas no céu. O rochedo de granito assistia, e sua sombra angulosa se projetava na terra.

Senti um peso deixar meu peito, como se uma águia tivesse dado um rasante e o levado embora. Fazia um tempo que não ficava dentro do meu círculo — estive muito distraída e preocupada nos últimos dias — mas parecia que eu estava voltando para casa. Minhas doze pedras também me observavam, fortes, orgulhosas em me ter de volta.

Depois de um tempo, saí do círculo e caminhei até a beirada do penhasco. Também fazia algum tempo desde a última vez em que eu parara na pontinha do penhasco, meus dedos dos pés formigando com todo aquele vazio a meio movimento de distância. Quando era mais nova, às vezes ia até lá e me desafiava a fechar os olhos, mas sempre que fazia isso ficava tonta e os abria com pressa.

Se existissem *duppies* naquele penhasco, eles já teriam me empurrado havia muito tempo. Mas não fizeram isso. Eu não sabia bem por quê. Talvez estivessem esperando que eu ficasse mais velha — embora não tivessem pensado assim no caso do Passarinho. Não mesmo.

Ou talvez ainda não tivessem me empurrado porque aqui há *duppies* bons. Talvez os *duppies* do bem houvessem me protegido dos *duppies* do mal, como se tivesse sido travada uma guerra invisível ao meu redor, com *duppies* maus tentando me atacar e *duppies* bons me defendendo, enquanto a jovem Joia ficava lá, de olhos fechados, bem na pontinha do penhasco.

Ou talvez *duppy* nenhum tivesse me empurrado porque eles não existem. Nada ou ninguém me faria cair, não importava quanto tempo eu ficasse no penhasco, mesmo que desafiasse todos os *duppies* do universo a virem me pegar.

As nuvens se enfileiraram e foram ficando cada vez menores, até se fundirem ao horizonte. Fechei os olhos e comecei a sentir a tonteira familiar, mas não os abri. Não dessa vez.

— Passarinho — sussurrei.

O som das cigarras zumbindo no ar.

— Passarinho — repeti, mais alto.



Continuei ouvindo as cigarras, mas havia algo mais. Então, de repente, eu o vi. Em minha mente. Ele estava grande, mais velho que eu, alto, forte e sorridente. Estendeu os braços para mim, convidando-me.

Então pulou.

Quando era mais nova, falava com Passarinho o tempo todo, como algumas crianças fazem com amigos imaginários. Só que Passarinho não era imaginário. Ele apenas não existia mais, só isso. No entanto, havia muito tempo que não fazia isso. Às vezes, quando imaginava Passarinho falando comigo, eu colocava palavras em sua boca para que ele me dissesse o que eu queria ouvir, fazia com que me contasse minhas piadas preferidas ou ríamos juntos de algo que a professora dissera em sala. Só que, quando vi Passarinho aquela tarde, não estava imaginando coisas. Não estava fazendo-o estender os braços para mim, bem abertos.

Eu vi Passarinho.

Enterrei um seixo aquela tarde, mas não por Passarinho. Acho que parte de mim temia que, se falasse em voz alta o que havia ocorrido, deixaria de ser verdade. E o Passarinho que vi estava tão nítido em minha visão, tão absurdamente real que eu não podia arriscar perdê-lo, mesmo que fosse em um seixo.

O seixo que enterrei foi para meu avô, porque senti como se ele estivesse pesando dentro de mim e precisasse tirá-lo de lá. Foi estranho enterrar uma pedra *para* ele — geralmente era *por causa* dele, por ele fazer nossa casa ficar em silêncio. Daquela vez, no entanto, foi diferente.

Para começar, não estava acostumada a vê-lo. Antes, quando vovô saía do quarto, ficava sentado na sala ou na varanda ao pôr do sol. Ele nunca queria nada, e nós nunca lhe perguntávamos coisa alguma, até que, depois de um tempo, acho que ele simplesmente desaparecia, bem diante de nós.

Porém, agora, ele não apenas estava fora de seu quarto, como também estava fora de casa, triste, escutando música, que de tão viva se infiltra em seu sangue, acreditando em *duppies* e queimando alecrim. E talvez gostasse de chocolate. E a maneira como seu rosto suavizava, mesmo que só por um instante — será que aquele era o Pooba que Passarinho conheceu?

Peguei o binóculo de John, escalei o rochedo de granito e me acomodei na saliência acima dos campos que se estendiam até as montanhas, a distância.

Era divertido usar o binóculo: eu podia ver ninhos de pássaros, perceber as diferentes formas como as árvores vestiam suas cascas e como as moscas pareciam douradas à luz do sol. Apontei-o para a Horizonte de Eventos. John estava lá, seu corpo parecia do tamanho da minha mão. Ajustei o foco e curti a empolgante sensação de estar espionando John. Então percebi que *ele* estava *me* observando; era difícil distinguir, mas lá estava ele, acenando, pulando e gesticulando animadamente, para que eu fosse ao seu encontro.

Estava tão engraçado fazendo aqueles gestos espalhafatosos. Gargalhei. Depois, desci do rochedo e corri o mais rápido que pude até a Horizonte de Eventos.



— Correr até aqui não é moleza — declarei, arfando, ao entrar no bosque. A luz do sol se agarrava às bordas das folhas.

John sorriu e me passou uma garrafa d'água.

— Você veio rápido.

— Então, o que aconteceu? — perguntei, enxugando a testa com a manga da camiseta.

— Você nunca vai adivinhar o que encontrei — disse ele, com olhos brilhantes.

— O quê?

Ele parou, parecendo um pouco culpado.

— Você tem me influenciado, ok? Estive cavando por aí e encontrei isto.

Ele estendeu a mão para mim, segurando alguma coisa. Quando abriu os dedos, perdi o fôlego.

Era um xolo.

— Mentira! — exclamei, sorrindo.

Era parecido com o que tínhamos em casa. Olhei para John.

— Você achou isso por aqui?

— Aham — respondeu, todo orgulhoso, e me entregou a estatueta. — Estava perto da árvore mais próxima da Horizonte de Eventos.

— Como acha que ele veio parar aqui? — perguntei.

John enfiou as mãos nos bolsos, pensativo.

— Bem, alguém o colocou aqui. Não iria simplesmente aparecer sozinho.

O cachorro era uma coisinha brilhante de cerâmica, com a barriga maior do que a do xolo que tínhamos em casa, mas lá estava ele, a carinha poderosa, a pose protetora.

— Talvez seja um cachorro comum — falei, sem certeza. — Não um pelado mexicano.

John gargalhou.

— Você está de brincadeira, não é? Ele é igualzinho ao seu.

Tive que admitir que ele tinha razão.

— Você deveria colocá-lo na entrada da sua casa — sugeri, estendendo-o para ele. — Ele vai protegê-la dos espíritos.

— O xolo é para *você*, não para mim — insistiu ele. — Você acredita nessas coisas, então deveria ficar com ele.

— Mas já temos um, e você não — falei.

— E daí?

— E daí que você deveria ter algo para protegê-lo... tipo uma camada de proteção.

— Olha só para mim, pareço precisar de camadas de proteção? — perguntou ele, exibindo os braços.

— Só fique com ele, tá? — falei, hesitante.

— Tá bom, tá bom — concordou John.

Ele foi até a Horizonte de Eventos e trouxe mais um pouco de água. Caminhamos em silêncio e nos sentamos à sombra de um dos bordos. Ele esvaziou a garrafa em um único e demorado gole. Dei minha garrafa para ele, que aceitou, encostou a cabeça no tronco e fechou os olhos.

— Sabe de uma coisa? — perguntou ele, os olhos ainda fechados.

— O quê?

— Antigamente eu não queria ser astronauta.

— Sério?

— É.

Ele abriu os olhos e ficou observando o topo das árvores.

— O que queria ser? — perguntei, e minhas mãos começaram a cavar a terra sob as folhas frescas.

— Bombeiro. — Ele deu um sorriso suave. — Sabe, salvar as pessoas e tudo mais. Voltar para resgatar o gato.

No momento em que disse aquilo, consegui visualizá-lo correndo para as chamas, uma expressão poderosa e concentrada em seu rosto.

— E o que aconteceu? — perguntei.

— Estávamos de férias na Flórida. Disney World e tal. Quando almoçávamos, no meio da diversão, minha mãe disse “Não seria legal trabalhar aqui?”, e eu respondi “Não, quero ser bombeiro”, e ela falou “Ah, você quer resgatar pessoas! Seu pai e eu também somos assim”.

— John balançou a cabeça, uma expressão tensa em seu rosto. — Por algum motivo, fiquei morrendo de raiva quando ela disse isso. Como se ela achasse que eles precisavam me resgatar de minha mãe biológica. Depois disso, fomos ao Kennedy Space Center, e pensei em todas aquelas naves indo para o espaço e aquelas sondas explorando o universo para nunca mais voltar... — Ele deu de ombros. — Pareceu muito melhor do que ser bombeiro.

Fiz uma pequena pirâmide de terra e alisei as laterais. Pelo canto do olho, vi que John parecia triste, mesmo que ele não tivesse dito nada. De repente, o que ele disse fez sentido.

*Nunca mais voltar.*

— Sempre quis ser geóloga — afirmei.

— Sempre?

Assenti, escolhendo folhas e gravetos no chão.

— Houve um tempo em que não sabia o nome da profissão, claro, mas estava sempre cavando, catando pedras e observando penhascos.

A última parte saiu sem querer. Não queria que ele pensasse que eu era maluca e pensava em Passarinho o tempo inteiro.

Ele franziu a testa.

— É como se o penhasco fosse tudo para você. — Ele falou com muito respeito, como se estivesse falando sobre as luas de Júpiter.

Assenti e comecei outra pirâmide, tentando não deixar transparecer que me sentia exposta como uma girafa no topo da montanha. Bem na hora em que ia dizer que deveria ir para casa, John começou a me ajudar. Fizemos uma cidade de pirâmides à sombra daquelas árvores, e levamos muito menos tempo do que eu levaria fazendo tudo sozinha. Tinha fossos, estradas e pontes, até mesmo um estábulo para os cavalos. Ficou incrível, com uma riqueza de detalhes incomparável a tudo o que eu já fizera antes.

Quando estávamos indo embora, vi John largar o xolo em uma pilha de folhas.

— Você não quer mesmo o xolo? — perguntei.

Ele deu de ombros, envergonhado.

— Na verdade, não.

— Então fico com ele — falei, abaixando-me para pegar a pequena estatueta.

Não sabia ao certo se deixar o xolo para trás daria azar, e definitivamente não queria descobrir. Além disso, um xolo a mais em casa não faria mal a ninguém — apesar de preferir, de todo o coração, que John ficasse com ele. Não sabia se o fato de ele ter tentado deixá-lo para trás já seria sinal de azar.



No caminho para casa, não pude deixar de pensar que havia mais do que uma centelha de tristeza quando John falara em ir para o espaço e nunca voltar. Conforme fui me aproximando de casa, meus pensamentos se voltaram para vovô, e pensei em como ele certamente estaria lá, invisível e esperando. Duas pessoas tristes. Mas por que vovô se trancaria no quarto daquele jeito? Por que simplesmente não falava sobre o que o incomodava para se sentir melhor? Bem, talvez não *falar*, mas... bem, se expressar de alguma maneira.

Os sapatos do vovô estavam à porta quanto cheguei em casa, o que significava que ele já estava de volta. Mamãe também havia chegado do trabalho e estava sentada à mesa da cozinha, mexendo em uma pilha de contas. Ela sempre insiste em cuidar das finanças da casa, já que faz o mesmo tipo de coisa no trabalho. Porém, quando a vejo com aquela pilha de papéis que diz que estamos devendo dinheiro, ela fica com umas linhas de preocupação na testa e ao redor dos olhos. Sempre sei que não devo piorar seu estado de espírito. O melhor a fazer é deixá-la em paz e ficar o mais quieta possível.

No entanto, a tristeza de John e a do vovô estavam pesando muito em meus pulmões, e eu estava estourando de vontade de perguntar à mamãe sobre tudo isso. Por algum motivo, imaginei que ela não ia querer saber da tristeza do vovô, então, em vez disso, falei:

— Mamãe?

Ela suspirou, passou para outra conta e apoiou a testa na palma da mão.

— O que foi, meu amor?

— Como fazemos uma pessoa triste se sentir melhor?

Ela estava lendo o que quer que estivesse escrito naquele pedaço de papel, seus olhos se moviam de um lado para outro muito rápido.

— Às vezes é difícil — falou, mas eu sabia que ela estava pensando na carta.

Então pegou um caderninho e escreveu algo nele. Eu me mexi, inquieta. Ela queria que eu fosse embora.

— Mas e John? — perguntei.

Mamãe ergueu a cabeça, e meu estômago se contraiu. Agora ela estava prestando atenção.

— Ele está triste — continuei.

— Por quê?

Silêncio.

— Não sei — menti.

Mamãe deixou a caneta na mesa.

— A gente faz o melhor que pode, Joia, mas às vezes a tristeza precisa seguir seu curso natural. Pode levar muito tempo, dependendo do caso.

Fez uma pausa, como se de repente tivesse pensado em algo mais. Mas no momento seguinte ela estava de volta, estudando-me com atenção. Olhou a sujeira em minhas pernas, em minhas mãos.

— Vá tomar um banho, tá? Você está cheia de folhas no cabelo.

— Tá bom.

— Daqui a pouco vou começar a fazer o jantar.

Perdi o fôlego ao abrir a porta do quarto. Vovô deixara outra fita cassete em minha cama. Minha pele formigou de animação. Ele estava do outro lado de minha parede, provavelmente esperando que eu encontrasse o presente. Será que ele queria que eu ouvisse a fita antes de agradecer ou o contrário? Sorri e enfiei a fita no aparelho.

Na hora em que ia apertar o botão do *play*, mamãe bateu à porta.

— Joia? — A voz dela estava estranha.

— Oi? — respondi.

Arranquei os fones do ouvido e escondi embaixo do travesseiro. Mamãe abriu a porta.

— Acabei de falar com o sr. McLaren ao telefone.

Congelei.

— É?

— Ia fazer uma surpresa para vocês, convidando John para o jantar.

— Você falou com o sr. McLaren sobre John?

Isso não era bom. Não era nada bom.

— Joia. Não tem John nenhum.

Tratei de não mover nenhum músculo em meu rosto.

— Como assim?

Mamãe olhava para mim, seu rosto era um redemoinho de névoa e confusão.

— O que está acontecendo, Joia?

Fitei minhas mãos. Mamãe não entenderia o fato de Eugene ter trocado de nome — e no fim das contas, eu disse que guardaria seu segredo. Devo mentir para mamãe e fingir surpresa também? Mas, se eu contar a verdade, ela ficará aborrecida por eu ter guardado segredo. Meus olhos se encheram de lágrimas de frustração.

Acho que demorei demais para responder, porque ela franziu a testa e entrou em meu quarto.

— Fiz uma pergunta, Joia. — Ela inclinou a cabeça para o lado. — O que está acontecendo? Onde John mora de verdade?

— Não sei — respondi. Até eu ouvia a culpa em minha voz.

Mamãe cruzou os braços.

— O que deu em você? — perguntou ela.

Uma lágrima escorreu pelo meu rosto, e dei de ombros.

— O sr. McLaren disse que está vindo aqui agora mesmo.

Levantei a cabeça, rápido, derramando outra lágrima. Olhei para ela com olhos arregalados e úmidos.

— Joia Campbell, você vai falar com o sr. McLaren, e depois ficará no seu quarto de castigo por mentir.

*Castigo.* Fiquei parada, em choque. Nunca ficara de castigo antes, mas muito pior do que a punição foi ver o rosto de mamãe antes de ela fechar a porta.

Parecia que parte do amor dela por mim havia simplesmente se apagado.

Comecei a chorar e soluçar. Não consegui me controlar. Ainda estava soluçando quando a campainha tocou.

— Joia! — gritou mamãe.

Inspirei profundamente e assoei o nariz com um pouco de papel higiênico. Então, arrastei-me até a porta da frente, onde ela estava me esperando.

Com o sr. McLaren.

E John.

Mamãe parecia tão surpresa em vê-lo ali quanto eu. John estava ao lado do tio, suas mãos enterradas tão fundo em seus bolsos que poderiam ter feito um buraco no short. Quando ele viu meus olhos inchados e vermelhos, um olhar desolado surgiu em seu rosto.

— Oi, sr. McLaren — cumprimentei, fanha por causa do nariz entupido.

— Rose. — A voz dele era austera. — Sinto muito.

Ergui o rosto para ele, surpresa. Sentia muito?

— Eugene me disse que esclareceu tudo com você.

As sobrancelhas de mamãe se franziram.

— Eugene?

— Mas, pelo visto, ele não fez isso.

O sr. McLaren fez uma cara feia e fulminou John com um olhar assassino. John se encolheu.

— Então ele mora mesmo com você? — perguntou mamãe.

— Mora, sim. Mas o nome dele é Eugene, não John. — Ele colocou a mão no ombro de John. — Não é?

— É — murmurou John.

— Ah, que alívio — comentou mamãe, levando as mãos ao rosto. — Por um momento, pensei que ele tivesse fugido de casa ou...

— Foi uma brincadeira muito cruel do Eugene — disse o sr. McLaren, sério.

— Uma brincadeira? — Minha voz saiu aguda demais.

— Conte a elas — ordenou o sr. McLaren.

John estava em silêncio. Olhou para mim e desviou o olhar.

— Tio Tim me contou sobre vocês quando cheguei aqui.

— Continue — disse o sr. McLaren, bufando de raiva.

— Ele me contou sobre... você sabe. Seu irmão. John.

Meu coração se soltou do meu peito e caiu no chão. Ele sabia. Ele sabia sobre Passarinho e sobre minha família esse tempo todo.

— E, no começo, achei que seria engraçado fingir que meu nome era John, de brincadeira.

Minha respiração congelou nos pulmões. Era tudo mentira. O penhasco, as perguntas dele — ele fingira não saber de nada. E o jeito como ficou aborrecendo vovô, a forma como papai pensou que era um sinal John ter vindo até nossa família, a expressão feliz com que mamãe olhava para nós dois juntos, *Joia e John*... fora tudo uma brincadeira.

Vovô estava certo.

John *estava* me enganando.

— Como pôde fazer isso conosco? — perguntei, em voz baixa.

Novas lágrimas corriam pelo meu rosto.

Mamãe levou a mão à testa.

— É melhor vocês irem embora agora — pediu, a voz falhando.

— Como você pôde fazer isso conosco? — repeti, mais alto.

John se encolheu. Meu corpo tremia de raiva.

— Eu odeio você! — explodi. — Você não é John! Nunca será John! Você tem um nome idiota e horrível, e você é uma pessoa idiota e horrível, e não é meu amigo!

— Joia! — exclamou mamãe.

Mas eu ainda não havia terminado.

— Não me admira que sua mãe tenha abandonado você!

O rosto dele desmoronou bem na minha frente, mas não liguei. Dei as costas, corri para meu quarto e bati a porta com força na cara de todos eles.

## CAPÍTULO TREZE



Depois que Eugene e o sr. McLaren foram embora, ouvi uma batida leve em minha porta.

— Pode entrar — disse, enxugando o nariz nas costas da mão.

Mamãe espiou dentro do quarto.

— Como você está?

— Bem — respondi.

Enterrei a cabeça no travesseiro de novo. Mamãe entrou e se sentou a meu lado na cama, pousando uma mão sem jeito em meu ombro. Ela não é muito boa com abraços ou mesmo meio abraços. É quase como se houvesse uma luva de plástico invisível sobre ela, e seu toque não fosse completo. Às vezes ela me surpreende, como naquele dia do trenó ou quando ficou tão feliz e sorridente com John. Só que dói quando ela faz coisas assim — um lugar em meu peito dói de verdade —, porque esses momentos nunca, nunca duram o bastante.

— Sinto muito, Joia — disse ela. — Eu também fui enganada.

Não soube o que dizer sobre isso. Eu fui enganada a princípio, mas depois menti para mamãe. Eugene mentira para nós o tempo todo.

— Pegue um.

Mamãe colocou algo macio em minha mão. Olhei para baixo. Era um punhado de lenços macios. Eu me recompus, e ficamos sentadas na cama, em silêncio. Uma dor de cabeça pulsava entre meus olhos.

Por fim, ela limpou a garganta.

— Você partiu o coração dele, Joia.

O mundo começou a desmoronar. E Eugene não partira o coração de todos nós? Tudo era tão confuso, tão horrível. Queria que mamãe me abraçasse e me ninasse como se eu fosse uma criancinha, de tanto que chegava a doer. Mas seus olhos estavam fixos em um ponto qualquer na parede.

— Vai ter que se esforçar muito para consertar a amizade de vocês — continuou ela.

— Eu não quero ser amiga dele — falei, amarga.



Naquele momento eu estava com raiva dela. Por que mamãe não percebera que Eugene era um grande e cruel mentiroso no instante em que o conhecera?

— Eu entendo, Joia, entendo mesmo. Mas não criei você para falar com as pessoas de maneira tão desrespeitosa.

Ela afastou alguns fios de cabelo do meu rosto.

— Ele mentiu para nós. Disse que se chamava John como uma brincadeira — disparei.

— Foi maravilhoso ver vocês dois se divertindo juntos... ele foi tão gentil. Por um momento, eu... — sua voz foi morrendo.

Os músculos das minhas costas se retesaram.

— Não quero ser amiga dele — repeti.

De repente, não tinha mais vontade de falar naquilo. Sobre nada daquilo. Nada de Eugene, John ou adoção. Não queria pensar em como achava que o entendia ou que ele me entendia. Fiquei com um nó na garganta. Queria quebrar o binóculo dele em mil pedacinhos.

Após algum tempo, mamãe se levantou e saiu do quarto. Quando fechou a porta, abracei meu coelho de pelúcia e rolei para o lado. Tudo aquilo foi uma grande e elaborada peça que ele pregou em minha família. Mas por que ele parecera tão... envergonhado? Como se quisesse encolher até virar um átomo. Se tudo não passou de uma brincadeira, ele não deveria estar feliz por ter nos enganado tão bem por tanto tempo?

Peguei o pelado mexicano de cerâmica em minha mesa de cabeceira. Gostava da expressão no rosto do cachorro — não era bem feliz, mas tinha um rosto forte, que parecia não ter medo de nada, humano ou espiritual. Talvez tivesse percebido que Eugene era um intruso, de alguma forma, e estivesse me protegendo ao expulsá-lo de nossa casa. Não sei quanto tempo fiquei ali, segurando a estatueta, mas quando meus pensamentos pararam de gritar, ouvi um som estranho. Rouco. Fui até a porta e abri uma fresta. E ouvi de novo, vinha do quarto dos meus pais. Fui até lá e parei em frente à porta, ouvidos atentos e aguçados.

Mamãe estava chorando.

Engoli em seco. Odiava ver mamãe chorar. Ou ouvir. E não queria saber o quanto ela estava triste por agora só ter a mim. Voltei para o quarto, afundei a cabeça no travesseiro e coloquei os fones de ouvido do vovô. Na etiqueta da fita havia a palavra “Mento”, escrita em caligrafia curva e cuidadosa. A letra era do vovô.

O som era mais cru, mais antigo; diferente, não era bem reggae. A bateria, as guitarras e os elementos eletrônicos do reggae deram lugar a sons de madeira, arames e serras. A princípio, achei estranho e um pouco chato se comparado às outras músicas que ele havia mandado antes, mas, quando mudei o lado da fita, algo aconteceu: os ritmos haviam penetrado em meus ossos, e dava até para sentir os ventos escuros e úmidos que sopravam na Jamaica. Foi algo sutil aquele tal de mento, mas se fincou em meu cérebro como o musgo à árvore.

Escutei a fita várias vezes, e aos poucos minha tristeza se dissolveu. Imaginei vovô, talvez com a minha idade, dançando. Sendo feliz. Palmeiras se erguendo, orgulhosas como reis. O aroma de frutas maduras flutuando no ar.

Minhas pernas pendiam da beira da cama, e meus dedos dos pés se mexiam no ritmo da música. Mas meus pés queriam mais. Então, eu me levantei, com o toca-fitas na mão, e encontrei o ritmo no chão. Outra música começou. Eu podia visualizar as montanhas sombrias cobertas de árvores, as estradas de terra ziguezagueando, as luzes piscando, as estrelas lá no alto. Acho que meus braços estavam estendidos, tentando tocar o céu.

Os pelos em minha nuca se eriçaram. Abri os olhos. Vovô estava parado à porta com um olhar terno no rosto.

Minha boca se abriu, formando um O. Não sabia se estava encrencada ou não. Parei a música e tirei os fones de ouvido.

— É-é sua música — gaguejei, como se ele não soubesse.

As maçãs de seu rosto se levantaram, como acontece quando alguém está prestes a sorrir. Fiquei tímida de repente.

— Gostei. Do mento — falei.

Ele assentiu, concordando. Seus ombros estavam alinhados aos meus, receptivos. Acho que ele nunca havia feito isso antes.

— Obrigada por dividir comigo — agradei, estendendo o toca-fitas e o fone. — Quer de volta?

Não, ele disse com a mão, acenando-a levemente. Apontou para mim e para a própria orelha. *Ouçá mais um pouquinho.*

— Tá bom — falei. Tentei encontrar algo mais para dizer, não queria que ele fosse embora. — Qual é sua música preferida?

Vovô pensou por um instante. Então pegou o toca-fitas das minhas mãos e apertou o botão para avançar, e depois o *play*, e novamente o de avançar e o *play*, até encontrar o início da canção. Finalmente apertou o *play* e colocou o volume no máximo para que ambos pudssemos ouvir a música escapando dos fones de ouvido.

Era uma faixa divertida, com um som melancólico, rústico. Sorri ao vê-lo balançar a cabeça no ritmo; os olhos de vovô diziam que ele conhecia bem todas as notas, como se estivesse reencontrando um velho amigo. Sua mão batucava na perna.

Eu não podia acreditar. Vovô estava em meu quarto, sendo legal e compartilhando coisas comigo. Estávamos conversando. Juro por Deus, era como ver o Sol explodir. Você acha que nunca vai acontecer, mas um dia acontece.

Queria dar a ele algo em troca, e naquele momento havia uma coisa que eu sabia que iria deixá-lo feliz. Feliz pra valer.

— John foi embora — informei.

Fiquei surpresa ao perceber o quanto minha voz estava alterada.

Vovô respirou fundo. Não foi muito, mas eu percebi. A música acabou, o som parou. A fita chegara ao fim.

— Ele mentiu para mim — continuei. — Seu verdadeiro nome é Eugene, e nunca mais serei amiga dele.

No entanto, enquanto dizia aquelas palavras, senti-me vazia e triste, porque aquela era apenas uma das mentiras que ele contou.

Os lábios do vovô se contraíram com orgulho. Ele colocou a mão em meu ombro, e me surpreendi com seu calor. Então assentiu.

O alecrim havia funcionado.



Eu ainda estava deitada, brincando com meu colar, quando ouvi o som de pneus esmagando cascalho. Era o Buick entrando na garagem. Papai havia chegado do trabalho. Da janela do quarto, ouvi a porta sendo fechada com cuidado — ele nunca bate as portas, e nunca nos deixa bater também. Temos sempre que fechá-las delicadamente, como se estivéssemos remontando uma casca de ovo quebrada.

Ouvi os passos dele na cozinha. Papai tem um jeito leve de andar, como se não tivesse certeza de que o próximo trecho de chão é capaz de segurá-lo.

— Rose? — chamou ele. — Joia?

Pela primeira vez na vida, não respondi. Meus olhos ainda estavam inchados de tanto chorar, e ele só precisaria olhar para mim uma vez para começar a fazer perguntas. Eu não queria falar de Eugene. Não queria pensar no que ele estaria fazendo na casa de seu tio naquele momento, se estava levando uma bronca ou morrendo de rir por ter nos enganado tão bem.

Mamãe, por outro lado, respondeu ao papai, a voz abafada pela porta do quarto. Talvez ela ainda estivesse chorando, com o rosto mais inchado que o meu, apesar de Eugene ser meu amigo, e não dela. Um lampejo de raiva surgiu em meu peito, e eu o repeli, mas não totalmente.

Fiquei deitada de costas na cama, ouvindo as vozes de mamãe e papai. Não entendia as palavras — era difícil discerni-las através de duas portas fechadas —, mas dava para ouvir a tensão, o choque. De repente, eu me senti como o vovô, muda e esquecida, escutando todos a meu redor, sabendo que eles não tinham consciência de como soavam. Por exemplo, será que mamãe percebia como sua voz estava grave e aborrecida? Será que papai ouvia a frieza em sua voz?

O tom da conversa aumentou, ficou mais agressivo, até que a porta deles se abriu, e as palavras desabaram para fora.

— Não me olhe assim — falou mamãe.

Ela estava no corredor, bem em frente à minha porta fechada.

— Eu não disse nada, Rose.

— Disse, sim. Dá para ver na sua cara. E para sua informação, Eugene não tem nada a ver com isso.

Era possível ouvir a respiração deles.

— Você sabe que tem, sim.

— Não aguento mais você.

Fora mamãe quem dissera aquilo. Estava se afastando em direção à cozinha.

— Se ao menos você tivesse...

Algo bateu. Talvez a porta de um armário.

— Pare com isso! — gritou ela. — Pare de falar dessas porcarias estúpidas e idiotas que não existem!

— Dá para você me escutar? — Agora papai também estava com raiva. — Eu já aturei isso tempo demais. É culpa sua. Você se recusa a aceitar o óbvio.

— A única coisa óbvia é que me casei com um idiota.

Fez-se um longo silêncio.

Eu queria chorar, mas estava assustada demais para isso.

— Entendi — disse papai, em voz baixa.

— *Duppies*. Espíritos. Boa sorte, má sorte. Você não percebe, Nigel, que qualquer pessoa minimamente sã neste país diria que você é um idiota?

— Rose, a foto dela *caiu sozinha*.

Outra batida. O tilintar de talheres.

— E daí? — A voz dela se elevou alguns decibéis, como um arame muito esticado. — Coisas assim acontecem o tempo todo.

— Não acontecem, não. Você atrai maldições para nós quando fala assim, e não vou mais aceitar isso. Não vou.

Um som seco, como se ele tivesse socado a bancada.

— Você é mesmo um especialista em maldições, Nigel. — O sarcasmo dela me deu arrepios. — Acorda pra vida.

— Então como você explica vovô ter sentido a presença de um *duppy*? — perguntou papai, e agora a voz dele ficou mais alta. — Eugene fingindo ser John? Fotos caindo? Como você explica o que aconteceu com Passarinho?

— Não se atreva a falar assim do meu filho! — gritou mamãe, a voz esganiçada, seguida do som de um tapa.

Saí correndo do quarto em direção à sala de jantar. O rosto do papai ainda estava virado e com raiva. Nenhum dos dois me viu ali.

— Foi vovô quem matou meu filho — vociferou ela, feroz. — Não venha tentar colocar a culpa em mim.

Pigarreei. Eles se viraram e me encararam. O relógio da cozinha tiquetaqueava alto. Os ombros de papai caíram, como se sua esperança tivesse se esvaído.

— Joia, achamos que você não estava em casa. — A voz da mamãe vacilou.

— Vou sair — falei, seca, e bati a porta ao passar.  
Meu coração estava murchando. Eu podia sentir.

# CAPÍTULO CATORZE



Fui direto para o penhasco. Era a primeira vez que ia lá depois do pôr do sol. A noite pode ser uma hora incerta: é quando parece que as sombras ficam mais sólidas, quando as árvores que você conhece bem mudam de forma e significado, quando os espíritos vagam livremente pela terra. Papai sempre diz que é preciso tomar cuidado durante o crepúsculo e redobrar o cuidado quando anoitece. Se um cachorro latir sem motivo ou um galo cantar no meio da noite, é porque estão vendo algo que você não vê, provavelmente um *duppy*, e estão tentando nos alertar. À noite é quando o mundo espiritual fica mais poderoso e nós, humanos, mais fracos.

Quando era mais nova, morria de medo do escuro por esse exato motivo e ficava tão apavorada que dormia na cama dos meus pais até que mamãe forçou papai a me dizer que, na verdade, os *duppies* não estavam em *todos os lugares* — eles só ficavam em cemitérios. No entanto, papai me contou mais tarde que só dissera aquilo para me fazer voltar para a cama e agradar mamãe. Os *duppies* estão *mesmo* em todo lugar, mas eles não perturbam os humanos se não forem incomodados. Pelo menos, foi o que ele disse. Em todo o caso, nessa época eu já conseguira superar meu medo do escuro, exceto pelo penhasco.

Demorou um bom tempo para que meus olhos se adaptassem à pouca luz. A lua crescente era um sorriso frio, pontudo e iluminado, mas as sombras ficavam muito mais longas, profundas e escuras do que eu estava acostumada. Havia saído com tanta pressa de casa que esqueci minha lanterna, e o mundo estava encoberto pela escuridão, anguloso, frio e estranho.

Uma brisa soprou quando cheguei à trilha, e a grama alta se dobrou como um cobertor no varal. Senti um arrepio. Geralmente, amo o farfalhar da grama, mas, naquele momento, o som me deu calafrios. Fiz uma careta, pensando no xolo de cerâmica que eu havia esquecido de trazer comigo. “Talvez devesse voltar”, pensei. “Papai estava certo. Este não era um lugar bom para ir à noite.”

Trinquei os dentes. Não. Eu já chegara até ali. E, na verdade, minha casa não era um lugar muito melhor que aquele.

Parei ao ver minhas pedras. Elas estavam tão diferentes ao luar, um anel prateado e brilhante, distraído, totalmente alheio a mim. Como se não me quisessem no centro do círculo.

Mordi o lábio e contornei o círculo, atraída para a beira do penhasco como se estivesse em um campo magnético.

O espaço depois da beirada era invisível no escuro, e o breu era profundo e denso, como se eu pudesse pisar no nada e talvez ele conseguisse me sustentar. Contive-me. Essa é a beirada, disse a mim mesma, olhando para o ponto em que meus sapatos pararam. Dar um passo para a escuridão não pode trazer nada de bom, mesmo que ela pareça sólida o bastante. O único indício de que estava diante de um vazio desolado era o vento, girando e uivando no espaço à frente dos meus sapatos. Até o ar era diferente tão tarde da noite, fino e indômito.

Estremeci. Se os *duppies* existissem, eles certamente estariam aqui agora, cercando-me, esperando uma chance de me influenciar a pular do penhasco. E se Passarinho estivesse aqui, ele estaria tentando me ajudar.

— Passarinho — falei em voz alta.

O vento uivava. Cerrei os punhos.

— Passarinho! — gritei.

Fiquei surpresa ao notar as lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

— Ajude a gente! Precisamos de você! Faça alguma coisa e ajude a gente!

Naquele momento, olhei para o céu, esperando ver uma estrela cadente ou a visão que tivera de meu irmão, caindo do céu, ou até mesmo uma águia noturna, corajosa e audaz. Algum tipo de sinal. Mas nada aconteceu.

Enterrei muitos seixos naquela noite, mais do que nunca, mas, pela primeira vez na vida, meus seixos eram pequenos demais. Quando percebi isso, enterrei folhas e gravetos, e, quando isso também não bastou, peguei a maior pedra que consegui encontrar — bem maior do que as pedras do meu círculo — e a arrastei para onde enterro os seixos. Cavei e cavei e cavei até meus ombros doerem e minha camiseta ficar encharcada de suor; cavei até fazer um buraco que comportasse a pedra. Porém, quando já estava amontoando a terra por cima dela, quando estava quase acabando, entrei em pânico: a pedra era pequena demais, percebi, mesmo que fosse a maior que eu conseguisse enterrar. Precisaria enterrar algo como uma montanha, concluí, e então algo se rompeu em meu peito, e eu simplesmente me rendi e chorei.

O que fazer quando suas preocupações se recusam a ir embora? Quando nem mesmo a Terra inteira seria capaz de guardá-las? Em determinado momento, o vento se aquietou, e eu escalei o rochedo aos poucos, mas me senti como uma intrusa ali, sozinha e indesejada.



Quando cheguei em casa, papai me esperava na sala. Uma luminária estava acesa, e o programa de tevê favorito dele havia acabado naquele instante. Fiz questão de tirar os sapatos

bem devagar e de perambular na cozinha, tentando me acalmar.

Ele me olhou por cima da revista que estava lendo. Estava com a mesma cara de sempre, exceto pela barba por fazer. Talvez a briga tivesse sido fruto da minha imaginação, pensei, mas sabia que estava mentindo para mim mesma. Eles nunca, jamais, haviam brigado daquela forma. Podiam provocar um ao outro ou se ofender, mas dessa vez estavam *gritando*.

— Chegou tarde — disse papai, contendo um bocejo.

— Cheguei.

— Onde você foi?

— Fui dar uma volta — menti.

Havia lençóis dobrados no sofá. O copo d'água que papai bebia todas as noites estava na mesinha de centro, ao lado de uma bagunçada pilha de revistas.

Ele me flagrou olhando seu travesseiro.

— Está mais fresco aqui na sala esta noite — comentou.

Mamãe dera um tapa nele. Congelei por dentro só de pensar nisso. E mesmo que estivesse tentando pensar em um milhão de outras coisas, continuava ouvindo sem parar o som da mão dela atingindo em cheio o rosto dele.

— Quer que eu ligue o ventilador? — perguntei.

— Claro.

Ao cruzar a sala, perguntei-me por quanto tempo conseguiríamos ficar sem mencionar a briga; em como aquela seria apenas mais uma coisa para a lista de coisas sobre as quais não conversamos.

Eu estava ficando cansada daquela lista.

— Papai — falei —, vocês vão se divorciar?

Papai engasgou.

— Não, Joia... O que faria você pensar uma coisa dessas?

A pergunta dele foi bem idiota, considerando tudo o que eu tinha visto e ouvido. Não soube responder sem soar desrespeitosa.

— Bom, nós... discordamos às vezes. Só isso. — Ele tirou os óculos de leitura e esfregou o rosto. — Estamos bem, querida. Espere só um ou dois dias.

Suspirei por dentro e me dirigi a meu quarto. Não havia luz escapando por debaixo da porta do quarto dos meus pais, mas fiquei me perguntando se mamãe ainda estava acordada, deitada no escuro. Talvez vovô estivesse fazendo a mesma coisa. Não seria engraçado, pensei, uma casa inteira de pessoas no escuro, deitadas em suas camas, pensando umas nas outras?

Fui para o quarto e fiquei observando as estrelas pela janela. Elas haviam se movido só um pouquinho desde que estive no rochedo. Um lampejo correu o céu, claro e desafiador. Prendi a respiração. Seria um cometa? Ou um meteorito? Mordi o lábio. Eugene saberia o que era aquilo. Se ele estivesse aqui, eu não precisaria nem perguntar. Ele mesmo desandaria a falar, e meu cérebro ficaria um pouco mais inteligente, simples assim.



Mas é claro que não era mais tão simples assim, já que nunca mais falaria com Eugene. Suspirei, e um sentimento horrível tomou conta de mim. Lá no alto, as estrelas ainda brilhavam, pontos de luz de tempos passados. Queria poder voltar no tempo, pensei, abraçando meu coelho de pelúcia. Não sei ao certo o que faria, mas de algum modo, tudo seria melhor. John — quando ainda era John — e eu escalaríamos árvores e gargalharíamos até que nossas barrigas doessem. Eu ainda teria um amigo. Em vez disso, as estrelas pairavam acima de uma pessoa chamada Eugene, que mentiu para todos nós. Passei muito tempo me revirando na cama naquela noite, e as últimas coisas que passaram por minha mente antes que eu adormecesse foram meu círculo, meu rochedo e meus seixos — todas as minhas rochas acomodadas sob o céu escuro e eterno.



Fazia duas semanas que papai estava dormindo no sofá quando mamãe decidiu parar de cozinhar. De vez. Ela fez o anúncio durante o jantar. Estávamos os quatro sentados à mesa, as mariposas batiam nas telas das janelas. Mamãe colocou o espaguete na mesa, e estávamos cortando e mastigando quando percebi de repente que ela não havia tocado na comida. Em nada. Em vez disso, estava com as costas retas nos observando.

— Esta é minha última refeição — disse ela.

Nós três erguemos os olhos para ela. Até mesmo vovô. Esperamos.

— Estou cansada de cozinhar. — Mamãe jogou uma formiga para fora da mesa. — Não. Eu odeio cozinhar.

Papai limpou a boca com um guardanapo.

— Tudo bem — concordou.

— Estou farta de ficar procurando promoções no mercado, comprando comida, limpando as coisas depois das refeições. — A mão de mamãe gesticulava, cortando o ar. — Sabe como isso é tedioso? Como é monótono?

— Eu cozinho, mamãe — ofereci, tentando agir como se estivesse calma. — Meu queijo quente é ótimo.

Vovô voltou os olhos para a mesa novamente.

— Acho que vocês não estão entendendo o que estou falando — disse mamãe, em voz baixa.

Algo em sua voz fez com que os pelos do meu braço se eriçassem. Enrolei muito mais espaguete em meu garfo do que seria possível colocar na boca.

— Joia — disse papai —, use a faca. Você vai fazer uma lambança.

— Tá bom — respondi.

O garfo do vovô arranhava o prato.

— Preciso ir ao banheiro — falei.

— Joia — chamou mamãe.

Meu coração batia alto. Esperei. Mamãe nos olhou.

— Não vou cozinhar nunca mais. — Ela falou bem devagar, como se fôssemos burros.

— Rose — disse papai —, você já falou isso. Entendemos.

Queria me jogar aos pés da mamãe e dizer, soluçando: “Me desculpe por desapontar você, por favor, não nos deixe.” Em vez disso, falei:

— Vamos dar um jeito.

— Ótimo — disse ela.

Afastou a cadeira, levantou-se e saiu.

Cortei meu macarrão em pedaços muito pequenos.

— Eu cozinho amanhã. — Papai falou para mim, depois que ela se foi. — Não se preocupe.

— Também sei fazer *quesadillas*. Com molho de tomate. E omelete.

— Eu sei — disse ele.

Vovô mastigava alto, estalando os lábios. Olhei para ele e fiquei espantada porque ele também me encarava. Ele assentiu discretamente.

— Será que eu deveria falar com ela? — disparei.

Papai suspirou alto.

— Não — disse. — Não acho que ajudaria.

Logo depois, ele se levantou e foi sentar lá fora, na varanda. Levei alguns pratos para a cozinha, mas, quando voltei à sala de jantar para buscar o resto, vi que eles já haviam sido empilhados. Vovô estava de pé, ajudando. Ele nunca havia feito isso antes.

Enrubesci e abri um pequeno sorriso.

Vovô apontou para a própria testa e para o prato intocado de mamãe.

Meu sorriso aumentou.

— Eu adoraria que você me ajudasse a cozinhar — falei.

Vovô assentiu de novo. Eu havia entendido.



Papai havia falado sério: ele cozinhou no dia seguinte. Mas, no dia depois daquele, só chegou em casa quase às oito da noite, então acabei fazendo queijo quente para vovô e para mim. Dois dias depois, quando vovô e eu estávamos fartos de queijo quente, comecei a abrir latas de creme de milho e feijões fritos que estavam no fundo do armário havia pelo menos três anos. Mamãe entrava e saía de casa, sem dizer muito, apenas fazendo um lanche de vez em quando. E eu não sabia onde papai comia, mas não era em casa. Talvez também estivesse

cansado de queijo quente.

A questão sobre cozinhar é que, quando você se habitua a preparar um prato, como queijo quente ou omelete, sua mente começa a divagar um pouco. Mesmo que já houvesse passado duas semanas desde a briga dos meus pais, meu cérebro continuava revivendo as palavras deles, como um filme em *replay*. E embora eu não tivesse entendido tudo, tinha consciência de que meus pais sabiam mais, muito mais do que estavam me contando. E como papai era capaz de culpar mamãe pela morte de Passarinho? Todos sabíamos que era culpa do vovô.

Não foi de propósito, é claro. Se alguém tivesse dito a ele: “Escute, se você chamar seu neto de Passarinho, vai atrair um *duppy* ou confundir a cabeça dele, e dos dois modos, ele vai morrer”, aposto que vovô nunca teria feito isso. E mesmo que tivéssemos aquelas fotos de vovô com um grande sorriso ao lado de Passarinho, foi ele quem matou meu irmão, não minha mãe. Mas depois mamãe chamou papai de idiota, e eu sei que ele é um cara muito inteligente, principalmente quando se trata de plantas e *duppies*. Então talvez todos estejam errados.

Eu estava tão absorta pensando em como minha família estava desmoronando que nem percebi a fumaça grossa que tomara a cozinha. De repente, chamas irromperam do óleo na frigideira. Pulei para trás e gritei, e ainda estava gritando como uma lunática quando vovô adentrou a cozinha como um touro. Ele abafou a frigideira com a tampa, extinguindo as chamas, e desligou o fogão.

Uma fumaça acre se espalhou pelo ar.

— Desculpe, vovô — falei. Queria chorar. — Isso era nosso almoço.

Ele me encarou por um longo tempo, os olhos arregalados de susto. Depois que o medo deixou seu rosto, ele deu de ombros e ergueu as sobrancelhas, tipo “todo mundo incendeia o almoço de vez em quando”. Então, trouxe um ventilador para dissipar a fumaça.

Quando a maior parte dela já havia se desfeito, ele levantou a tampa da frigideira e espiou lá dentro. Ergueu as sobrancelhas; iríamos comer omelete de novo. Dessa vez, queimada.

— Acho que não sei fazer muito mais do que isso — admiti, encarando os pés.

Ele expirou com força, o princípio de uma gargalhada. Suas bochechas se ergueram de novo, e ele foi até o congelador, tirou um pedaço de peixe e o mergulhou na água. Quando descongelou, vovô fritou o peixe com um pouco de bacon, cebolas e pimentas. Depois, abriu uma lata de *ackee*, uma fruta amarela de gosto doce que parece com ovos mexidos, escorreu a calda e adicionou a fruta à mistura. Foi engraçado ver vovô fazendo *ackee* e *saltfish* sem o *saltfish* — que seria bacalhau, seco e com textura de couro —, mas nosso mercado na Caledonia nunca tem *saltfish*, assim como não tem pimenta-biquinho jamaicana, então, em vez dela, temos que usar pimenta-serrano do México. Fiquei surpresa por termos uma lata de *ackee*, para falar a verdade, mas ele teve que procurar muito na despensa até encontrá-la.

Enquanto tudo isso cozinava, ele juntou em uma vasilha um pouco de farinha, sal, fermento, leite e manteiga, misturou com as mãos e moldou a massa em bolinhas do tamanho de limões, achatando-as um pouquinho. Depois, jogou os bolinhos em uma frigideira com óleo e os fritou até que ficassem dourados.

A refeição inteira ficou pronta em um instante. Eu não estava acreditando em como ele era bom na cozinha — melhor do que papai, e muito melhor do que mamãe. Papai devia saber que vovô sabia cozinhar. Por que ele ficou sentado em seu quarto comendo coisas como Frango à Reserva durante todos aqueles anos?

Vovô só fez o bastante para nós dois, o que era surpreendente, já que minha família sempre cozinhava muito para ter sobras. Teria sido ótimo dividir um pouco com papai e mamãe e mostrar a eles que vovô era um cozinheiro fantástico.

— Obrigada — falei, dando tapinhas na barriga. — Estava incrível.

Os cantos de sua boca se ergueram em um sorriso sutil.

— Você aprendeu a cozinhar assim na Jamaica?

Ele assentiu.

— Você deveria cozinhar para papai e mamãe uma noite dessas — comentei, espetando o último pedacinho de *ackee* com o garfo. — Eles ficariam surpresos.

Seu rosto ficou severo repentinamente. Então, compreendi.

— Você só fez o suficiente para nós dois de propósito, não foi? — perguntei, hesitante.

Vovô correu as mãos pelos cabelos grossos e curtos, desviando os olhos. Prendi a respiração. Nunca me dei conta de que segredos poderiam ser mais pesados do que uma mochila cheia de tijolos.

Ele se levantou. Olhou para mim de um jeito que fez com que eu me levantasse também.

— Você bem que podia me ensinar um ou outro truque na cozinha — falei, tentando preencher o silêncio. — Estava ótimo.

Mas vovô não estava mais me ouvindo. Desaparecera em seu quarto e agora voltava com outra fita, que entregou para mim.

Meu sorriso ia de orelha a orelha. Vovô fez um movimento de rolar com os dedos.

— Quer que eu coloque para tocar agora? — perguntei.

Ele assentiu. Parecia um pouco nervoso.

Trouxe o toca-fitas para a mesa da sala de jantar e aumentei o volume para que ambos pudéssemos ouvir.

Para minha surpresa, não havia tambores, guitarras ou música. Dessa vez, alguém estava falando. A voz era granulosa, distante: “Então, aqui estamos, no dia dos namorados” disse, em um sussurro grave, “esperando as mulheres voltarem da loja.”

Olhei para vovô, confusa. Ele inclinou a cabeça, escutando, e seus olhos brilhavam.

A fita continuou rolando: “Enchemos a casa de velas e rosas, e Nigel até limpou o banheiro.”

“Papai, você tem que gravar fitas de tudo?”, perguntou a outra voz.

Nigel. Meu pai.

“Pode apostar que sim”, disse o outro homem e gargalhou. “De que outra forma eu teria provas de que você é maluco?”

Então, entendi tudo.

— É *você* quem está falando? — perguntei ao vovô.

Ainda bem que os olhos não podem saltar das órbitas, porque, se pudessem, os meus teriam rolado pelo chão.

Vovô deu um tapa na mesa de tão animado que estava.

— Gostei da sua voz — falei com delicadeza.

Vovô ficou um pouco encabulado e esfregou a nuca. Um sorriso discreto se espalhou pelo meu rosto.

A fita continuou tocando.

“Enfim”, disse papai, brincalhão, “limpei o banheiro porque quando um homem faz a faxina as mulheres dizem que as coisas ficam mais sujas.”

Sua voz parecia mais jovem. Ou talvez as vozes apenas soem mais joviais quando se está feliz.

“Atenção, atenção”, sussurrou o vovô da fita. “As mulheres estão se aproximando.”

“Estão chegando”, sussurrou papai.

“Foi isso o que acabei de dizer, Nigel. Fique quieto. Elas já estão na porta.”

“Quem tem que ficar quieto agora?!”

Houve um momento de pausa, e de repente os homens gritaram: “Surpresa!”

Acho que mamãe e vovó ficaram mesmo bem surpresas, porque começaram a gritar e gargalhar e falar ao mesmo tempo.

“Mamãe! Mostre a eles *nossa* surpresa!”, gritou minha mãe, brincalhona.

Fiquei confusa por um momento, até perceber que mamãe estava falando com vovó, e então fiquei ainda mais confusa por ouvir mamãe tão... feliz. Tão livre.

A voz dela ficou mais alta e clara: “Ah, esses rapazes são mesmo muito românticos! Chocolates e tudo mais! Agora vejam o que compramos para vocês.”

Papai e vovô começaram a rir.

“Meias?”, perguntou meu pai.

Na gravação, vovó riu.

“Sua cor preferida”, completou vovó.

“Estas são as melhores meias que eu já vi, *mi love*”, disse vovô.

Mas não pudemos ir muito adiante porque, naquele momento, mamãe chegou em casa, o que era estranho, afinal ela deveria estar no trabalho. Ela olhou diretamente para nós, mas não viu o toca-fitas ou os fones de ouvido, nem reparou que vovô e eu estávamos nos entendendo.

É porque havia lágrimas em seus olhos.

— Mamãe — falei, levantando-me. — O que aconteceu?

— O que vamos fazer agora? — Ela se engasgou nas últimas palavras.

A mão dela voou até a boca. Vovô ficou tenso.

Meu estômago se revirou.

— Como assim? — perguntei.

— Joia Campbell, o que anda fazendo naquele penhasco?

Os olhos do vovô se arregalaram. Meu queixo caiu.

— Eu não...

— Acho que agora não importa mais — exclamou ela com a voz chorosa e trêmula. — Nada mais importa.

Então se sentou à mesa, cobriu o rosto com as mãos e ficou muda e imóvel por muito tempo.

— E o que você está fazendo com um círculo de pedras? — sussurrou ela para a mesa.

O mundo começou a girar.

— Não sei do quê...

— Não minta para mim. — Sua voz engrossou, e ela ergueu os olhos. — Você não tinha mais permissão para ir lá. — Fez uma pausa. — Levei anos para fazer as pessoas ficarem à vontade com Nigel e o papo dele, só para ter que lidar com isso agora.

— Mas eu não fiz nada de mais — protestei.

Mamãe resmungou.

— É verdade — insisti.

— Bom, o que quer que tenha sido foi demais para eles. — Mamãe enxugou uma lágrima da bochecha. — O sr. Robinson ouviu por aí que você tem um círculo de pedras. Joia, eu trabalho na prefeitura, você se esqueceu disso?

O sr. Robinson. Chefe da mamãe e prefeito da cidade, o homem no comando de todas as coisas na Caledonia. Era também ministro na Igreja Presbiteriana da Caledonia.

Fora tudo um mal-entendido.

— Eu posso explicar...

— Tarde demais. — Mamãe cobriu o rosto com as mãos de novo. — Já me demiti. Disse que estava cansada das fofocas deles.

Levei um longo e horrível tempo para registrar suas palavras. Quando consegui, quis morrer.

Mamãe se demitira. Por minha causa.

E só havia uma pessoa que sabia a respeito daquelas pedras.

Eugene.

# CAPÍTULO QUINZE



Mamãe ainda estava sentada à mesa quando papai chegou em casa. Eu estava deitada em minha cama com a porta do quarto aberta. Os passos dele pararam à porta da frente. Talvez estivesse espantado ao ver que mamãe já estava em casa.

— Estou desempregada — disse mamãe, em voz baixa.

A temperatura da casa despencou com aquelas palavras.

— O quê?

— Fui demitida. — Mamãe fez uma pausa. — Na verdade, não. Eu me demiti.

— Você o quê?

— Disse ao sr. Robinson que não queria mais trabalhar para ele.

— Ai, meu Deus. Rose, eu sabia que havia alguns problemas, mas por quê?

— Por causa da Joia.

— O que Joia tem a ver com isso?

— Vai lá. Pergunta pra ela.

— Mas...

— Eu disse para perguntar a ela.

Silêncio.

Lágrimas ardiam em meus olhos. Se não tivesse ficado amiga de Eugene, nada disso teria acontecido.

Era tudo culpa minha.

— Joia! — chamou papai.

Eu me arrastei até a sala de jantar. Papai largara sua pasta no meio do chão da cozinha.

— Sente aqui — disse ele.

Eu me sentei.

— O que aconteceu, Joia?

A voz dele falhou, como se estivesse com raiva ou medo. Ou ambos.

Eu queria responder, de verdade. Queria admitir que vou ao penhasco, onde a terra toma conta de minhas preocupações e onde posso ser apenas eu mesma; que fiz um amigo que não

era um amigo de verdade e que cometi o erro de confiar nele, e que agora tenho um gigantesco buraco negro girando dentro do peito. Que estou arruinando a vida de todo mundo.

Queria dizer tudo aquilo, até a última palavra, mas não consegui. Em vez disso, fitei minhas mãos. Uma lágrima escorreu pelo meu rosto.

— Joia continua indo ao penhasco — revelou mamãe.

Papai ergueu as sobrancelhas.

— O sr. Robinson disse que viram um círculo de pedras no penhasco, e há rumores de que Joia faz coisas estranhas com aquelas pedras. Ele não sabe o que acontece lá, mas é um pouco diferente demais. — Mamãe fez uma pausa. — Ele estava rindo, como se fosse uma piada, mas sei o que ele quis dizer. E perguntei — continuou ela — como ele se atrevia a insinuar que minha filha estava fazendo algo de errado e disse que ele era covarde demais para se opor aos rumores de sua própria comunidade.

— Você disse isso a ele?

Mamãe deu um leve sorriso.

— Ele ficou com raiva quando o chamei de covarde. Acabei dizendo também que não queria mais trabalhar para um covarde. Então fui embora.

— Não fiz nada de errado — disse eu, fungando.

— O que fez de errado foi nos desobedecer — repreendeu mamãe, virando-se para mim, com voz austera. — O que importa é que perdi meu emprego porque você não nos escutou.

— Um círculo de pedras? — perguntou papai. A voz dele estava estranha.

Engoli em seco. Por que tenho que contar tudo a eles, se eles escondem todos aqueles segredos de mim?

— Responda a seu pai — ordenou mamãe.

Eis o dilema: o que é pior, abrir a boca e ter uma crise de choro ou ficar quieta e aceitar a culpa?

— Está vendo no que ela está se transformando? — disse mamãe ao papai. Sua voz ainda estava baixa, quase suplicante. — Você enlouqueceu nossa filha com suas superstições.

Ela apoiou a testa nas mãos.

— Eu posso falar com o sr. Robinson — supliquei.

Mamãe grunhiu.

— Vou contar tudo, e ele vai acreditar em mim — insisti.

Papai trincou o maxilar. Seu pomo-de-adão se movia para cima e para baixo. Um choramingo veio de dentro das mãos da mamãe.

— Como vamos pagar a hipoteca?

Papai saiu da sala de estar a passos largos.

— Talvez a sra. Jameson precise de ajuda — sussurrei. — Na padaria.

Mamãe socou a mesa.

— E quem vai me contratar agora que me indispus com o prefeito? — gritou ela.



Os nós de seus dedos estavam brancos. Algo desmoronou dentro de mim, e irrompi em lágrimas.

— Vou dizer a eles que não fiz nada de errado. E você pode recuperar seu emprego...

— As pessoas acreditam no que querem. Discutir não vai ajudar em nada. — Mamãe soltou um palavrão inaudível.

— Desculpe, mãe! — gemi. — Sinto muito, muito mesmo.

— Desculpas não vão manter um teto sobre nossas cabeças!

Papai marchou de volta pelo corredor. Trazia um saco de papel marrom em uma das mãos. A porta bateu quando ele saiu de casa, seus sapatos esmagando com força o cascalho.

— Nigel, aonde você vai?

Meu estômago embrulhou. Mamãe e eu corremos para fora, seguindo-o. Papai entrou no Buick.

— Entrem.

Entramos.

Ele passou a primeira e acelerou por nossa garagem. Suas mãos agarravam o volante com força. Então, dobrou bruscamente na estrada.

Eu sabia que caminho estávamos pegando. Papai estava nos levando para o penhasco.

— Joia é uma garota esperta — disse ele, pisando fundo no acelerador. O carro seguiu adiante com um solavanco. — Se você tivesse me permitido ensinar a ela, ela saberia bem que deve ficar longe do penhasco.

Um coelho atravessou a rua. Papai desviou de modo brusco.

— Nigel! — gritou mamãe, enquanto seu ombro se chocava na porta do carro.

— Mas você manteve Joia na ignorância — continuou ele, como se ela nem tivesse falado. — Se ela não tem uma cabeça boa, é por culpa sua. Você não fez nada para proteger nossa filha.

— Nada? — guinchou ela. — Você acredita nessas bruxarias. Isso é ridículo!

Papai freou subitamente, parando no acostamento. Abriu a porta com agressividade e saiu pisando duro na direção da trilha. Precisamos correr para acompanhar seu ritmo até o penhasco, e quando viu o círculo de pedras, ele congelou. Um grito estranho saiu de sua garganta.

— Isso é culpa sua! — gritou ele para mamãe. — Venho tentando proteger Joia durante todos esses anos.

— Minha culpa? — Mamãe colocou seu rosto a centímetros do dele. — Eu também só estava tentando proteger nossa filha!

— Estou falando dos *duppies*.

— E eu estou falando de você.

Era tão estranho estar com meus pais no penhasco. Perto do meu círculo. Tão errado. Até o ângulo dos raios de sol estava errado. Meus pais estavam na área onde enterrava meus seixos, pisoteando-os.

— Joia — disse papai —, este lugar está infestado de *duppies*. — Então, quase para ninguém, ele gritou: — Não vou perder outro filho para este penhasco!

— Este lugar não está *infestado* de *duppies* — retrucou mamãe, agarrando o braço dele. — É exatamente desse tipo de insanidade que venho tentando proteger Joia.

— E isso não funcionou muito bem, não é? — perguntou papai, apontando para o círculo de pedras. — Não importa o quanto você negue a realidade do mundo espiritual, ele existe e nos pressiona por todos os lados.

— Quanta estupidez.

— E os espíritos estão com raiva da nossa família. Por sua causa, Rose. Você se recusa a respeitá-los...

— A única coisa que sempre quis foi que Joia se tornasse uma moça prática e sensata — replicou mamãe.

Papai soltou um riso de desdém.

— Pense o que quiser. Está muito claro que o fato de Joia vir aqui é um sinal. Algo está ensinando coisas a ela, já que nós não estamos fazendo isso.

Papai foi direto até meu círculo e pegou uma pedra.

Minha pedra do sétimo ano. Prendi o fôlego.

Ele olhou para nós.

— E um *duppy* está esperando para influenciá-la também, se não impedirmos.

E então atirou minha pedra do penhasco.

— Nãããã! — gritei, correndo até ele. — Não! Por favor! Qualquer coisa, por favor...

Agarrei seu braço, mas ele me afastou. Mamãe correu para mim, segurou meus braços e me apertou em um abraço de urso enquanto eu assistia a papai destruir meu círculo e atirar minhas pedras, uma a uma, no vazio. Então ele pegou o saco de papel e jogou punhados de arroz no chão, respingou água benta e cravou um crucifixo onde ficava o círculo.

Durante muito tempo, ouvi gritos ecoando no rochedo, sob o céu sem nuvens. Ainda não sei ao certo se os gritos eram meus.



Não disse nada no caminho para casa, nem no restante da noite, nem no dia seguinte. Nem uma palavra. Na verdade, eu não queria falar nunca mais, pelo resto de minha vida. Quando algo que você ama é tomado de você, as palavras são inúteis. De que adiantam as palavras se elas são vazias, impotentes ou falsas? Por que não ficar em silêncio até o último minuto da eternidade?

Na semana seguinte, meus pais passaram mais tempo em casa. Mamãe pegou o telefone e fez várias ligações para saber se alguém na cidade estava contratando, mas é claro que não estavam. Papai voltava para casa direto do trabalho nas noites em que não fazia hora extra. Compramos muito leite para o cereal. E mais arroz.

Eu ficava em meu quarto.

Mamãe tentou conversar comigo, e papai também; tentaram explicar que estavam apenas me protegendo ao jogar minhas pedras do penhasco. Era para o meu bem. Mas aquele tipo de conversa fazia meus lábios se trancarem ainda mais. Como podiam dizer que estavam me protegendo, quando me partiram ao meio e tiraram tudo o que havia dentro de mim? Minha cabeça doía toda vez que eu pensava no que eles haviam dito naquela tarde terrível.

É incrível como somos capazes de ver as coisas de maneira diferente. Quer dizer, alguém pode dizer “isso é o céu”, e outra pessoa pode vir e dizer “ah, não, essa é a casa dos espíritos”. E ambos estariam observando exatamente a mesma coisa. Ou então, alguém poderia dizer “esse é um lugar especial”, e outra pessoa diria “isso é só um monte de pedras”. E então uma terceira pessoa diria “na verdade, esse lugar é perigoso” e jogaria as pedras penhasco abaixo.

Senti um nó na garganta. Levantei-me, peguei minha coleção de pedras na prateleira e segurei quantas couberam em minhas mãos, agarrando-as com mais e mais força até meus dedos doerem. E embora tentasse não pensar nisso, continuava vendo minhas pedras caírem no vazio.

Só que não queria pensar mais em coisas caindo, por isso deixei minhas pedras na cama e fiquei brincando com o colar de ouro em meu pescoço.

De repente, pela primeira vez, vi Passarinho saltar e voar em vez de cair. Foi uma visão incrível, meu irmão de braços estendidos de novo, abraçando o céu, seu rosto sorrindo como o sol. Um calafrio percorreu minhas costas. Quem sabe, pensei, Passarinho tenha *mesmo* voado naquele dia, e a essa hora meu irmão mais velho esteja lá fora, planando.

Uma mosca preta e gorda parou de zumbir pelo meu quarto e pousou no encosto da cadeira da minha escrivaninha. Ficou ali por um bom tempo, quieta, encarando-me, então esfregou as asas e o abdômen com as pernas traseiras, de novo e de novo, eliminando a sujeira e a poeira, e depois limpando o interior das asas, que tremiam e pareciam teias de aranha brilhosas.

De repente, uma leve batida à minha porta. Levantei-me e abri uma fresta. Uma fina fatia de vovô apareceu diante de mim.

Ele jamais batera à minha porta antes. Abri-a mais um pouco e olhei para ele como se dissesse “minhas palavras ainda não querem sair”.

Os cantos de sua boca se curvaram de leve, e me senti melhor quando ele fez isso. Se havia alguém que entendia sobre ficar sem falar, esse alguém era o vovô.

Os olhos dele percorreram meu quarto. Puxei a cadeira, e nos sentamos, ele na cadeira e eu na cama, ambos em silêncio. Eu me senti tola, como se devesse estar dizendo ou fazendo alguma coisa, e fiz menção de me levantar, talvez para buscar meus dominós, embora não

estivesse com vontade de jogar. No entanto, vovô ergueu a mão como se dissesse “tudo bem a gente apenas ficar aqui sentado sem fazer nada”. Então voltei a me sentar, confusa. Depois de algum tempo, algo mudou, e a estranheza deixou o quarto. E até que foi agradável, ficarmos quietos juntos.

Nunca havia dividido um silêncio com alguém antes. Em minha casa, empunhamos o silêncio como espadas e escudos: nós o usamos para afastar ou machucar as pessoas. Mas lá estávamos vovô e eu, sentados em meu quarto, e foi completamente diferente. A quietude que nos envolveu era o cobertor mais macio e seguro que se podia imaginar. Um cobertor em que eu podia simplesmente ser eu mesma. Vovô devia saber o que acontecera entre mamãe, papai e eu no penhasco — tanto por causa de todos os gritos quanto por nosso silêncio. Só que, desta vez, embora não tivéssemos dito uma única palavra, eu ainda entendia a mensagem dele, alta e clara: “ainda estou aqui.”

Ficamos assim por muito tempo, no quarto quentinho e reconfortante, com nosso coração escancarado. Aprendi, naquele momento, que corações não usam palavras para falar, ao contrário do que dizem os filmes e as músicas. Acho que precisam de muito mais espaço. Enfim, tudo que sei é que meu coração estava com uma febre alta e terrível naquele dia, e que, no silêncio, vovô trouxe consigo uma chuva refrescante.

# CAPÍTULO DEZESSEIS



Algumas noites depois, saí escondida e fui até a árvore dos McLaren. Não consegui me segurar. Estava com saudades do meu penhasco — era como se tivesse perdido um braço ou uma perna — e cheguei à conclusão de que uma árvore no meio de um campo não seria um lugar tão ruim assim. Papai não disse que havia *duppies* por ali. Para falar a verdade, estava farta de ouvir meus pais dizerem que estavam fazendo coisas “para o meu próprio bem”, quando, na verdade, começava a suspeitar de que eles não sabiam de nada.

Qualquer um teria sido capaz de ouvi-lo se aproximar, de tão barulhento que era.

— Você está aí em cima?

Fiquei tensa só de ouvir a voz de Eugene. Olhei para baixo.

— Aham. E não quero nem ouvir que não deveria estar nesta árvore, porque você não deveria ter contado, jamais, e eu nunca mais vou falar com você, *Eugene*.

Assim que aquelas palavras dispararam da minha boca, percebi que eu voltara a falar, e que estava falando com ele, coisa que acabara de dizer que não faria.

— Sinto muito por essa história com meu nome.

— Não estou falando de seu nome idiota. Estou falando do penhasco.

— O quê?

— Não se faça de desentendido — falei, olhando-o de cima.

Metade de mim queria correr até ele e abraçá-lo, porque estava morrendo de saudades, e metade queria arrancar um dos galhos daquela árvore e partir na cara dele.

— O que tem o penhasco? — perguntou ele, coçando a nuca.

Ele estava fingindo muito bem, isso era verdade, mas não ia me enganar de novo.

— Para com isso. Agora minha mãe está desempregada por sua causa, e eles estão botando a culpa em mim, e talvez a gente seja despejado de casa, então valeu por tudo.

— Joia, não sei do que você está falando. Eu não contei nada.

— Para quem você contou? — indaguei, mas estava começando a ficar confusa por dentro.

— Sobre o penhasco? Para ninguém — respondeu ele, simplesmente. — Mas sua mãe perdeu o emprego?

Eu estava tão abalada que não confiava no que seria capaz de dizer, e nesse meio-tempo, Eugene subiu pela corda e sentou-se no segundo galho, o bem abaixo do meu.

— Ou me conta ou desce — falei, surpresa com o tom autoritário.

— Sua mãe está bem? — perguntou ele.

— Só me diga para quem você contou — falei, alto. — E depois vá dizer a todos que era só mais uma de suas mentiras horríveis.

Eugene não disse nada por um bom tempo, e a guizalhada dos grilos cortava a noite, estremecendo o ar ao nosso redor. Pensei que ele fosse descer da árvore e voltar para casa, mas em vez disso ele falou:

— Joia.

— Que foi? — respondi, agitada.

— Tenho vindo aqui toda noite desde que... você sabe — começou ele, a voz insegura. — Para me desculpar pelo meu nome.

Um nó se formou repentinamente em minha garganta.

— Sério? — perguntei. — Verdade mesmo? — Minha voz falhou.

— Verdade mesmo. Eu parava na base do tronco e perguntava “você está aí em cima?”, e quando via que você não estava, eu voltava para casa. Tenho as mordidas de mosquito para provar.

Uma represa que eu nem sabia que estava dentro de mim se partiu, e tive que apertar os olhos com os punhos para conter as lágrimas, mas não adiantou.

— Como pode se desculpar pelo seu nome, e não pelo penhasco? — perguntei. — Tem ideia do que fez com a gente?

— Joia — disse ele em voz baixa. — Eu não contei nada sobre o penhasco.

— Mas eles *sabem* — insisti.

— Quem?

— O sr. Robinson, todo mundo. — Lágrimas escorriam pelo meu queixo. — As pessoas estão comentando sobre como passo muito tempo no penhasco com minhas pedras, e o sr. Robinson não queria que um de seus funcionários fosse motivo de tanto falatório.

— Está falando sério?

— Então mamãe disse a ele que não queria trabalhar para alguém que não tivesse a coragem de enfrentar as fofocas e se demitiu.

— Ela fez isso?

Eugene pareceu impressionado, e isso só me deixou mais aborrecida.

— Ela não tem mais um emprego por sua causa!

— Mas nunca falei nada sobre seu penhasco — insistiu ele. — Nem uma palavra sequer.

— Como posso confiar em você, John? — lamentei-me.

Ele se remexeu em seu galho.

— Quer dizer, Eugene — completei em voz baixa.

— Não, tudo bem — disse ele. — Olha, Joia. — Ele respirou fundo. — No começo, falei que me chamava John de brincadeira. Não conhecia você, você era só a garota da família estranha, com o irmão que morreu ainda criança, e tinha essa história sobre maldições e espíritos. Sabia que você era a menina dos Campbell no instante em que veio para essa árvore.

— Você sabia quem eu era de longe? — perguntei, confusa.

— Quem mais poderia ser, vindo da direção da sua casa, com uma aparência diferente da de todo mundo aqui?

— Ah.

— Então falei que me chamava John. — Ele fez uma pausa. — Tudo bem, queria assustar você um pouco, porque meu tio contou que sua família era supersticiosa. Mas eu não sabia que você seria tão inteligente e divertida. E quanto mais eu era John, melhor ficava. Melhor *eu* me sentia.

— E como seu tio soube... do seu nome? — perguntei.

— Quando ele me contou sobre quem vocês eram, eu ri e disse “Imagina como seria legal se eu fingisse que meu nome é John”, e meu tio respondeu “Não se atreva”, e eu falei que estava só brincando. Nada sério. Ele não fazia ideia do que estava acontecendo até aquela noite em que você apareceu perguntando pelo John.

“E enfim — continuou ele —, qual o problema em mentir o nome?”

Olhei para ele, confusa. Para mim, era um grande problema.

— Minto para meus pais o tempo todo. Na verdade, eles gostam quando faço isso.

— Isso não é verdade — falei.

— É, sim — respondeu ele.

Não soube o que dizer diante disso. Ele parecia tão seguro — mas como seria possível que seus pais gostassem quando ele mentia? Os vaga-lumes estavam começando a aparecer, luzinhas espalhadas por toda a terra. Luzes em cima, luzes embaixo.

— Você é mesmo adotado? — perguntei.

Ele fez uma pausa antes de responder.

— Sou.

— E seu nome verdadeiro é Eugene.

Outra pausa.

— Sim.

— E o sr. McLaren é mesmo seu tio.

— Sim — disse Eugene. — Estou de visita na casa dele porque minha mãe vai ter um filho. De verdade. — Sua voz ficou tensa. — E meus pais me largaram na casa do meu tio enquanto terminam de arrumar o quarto do bebê.

Senti um embrulho no estômago. Não é à toa que ele não queria falar do tio. Ou da família. Como puderam fazer uma coisa dessas com ele?

— E todo mundo quer que eu diga que estou feliz por causa do bebê. Então eu digo, embora seja tudo mentira. E quanto mais digo isso, mais eles gostam, apesar de também saberem que estou mentindo.

Eugene parou por um instante e fitou os vaga-lumes.

— Isso parece muito pior do que simplesmente mentir o nome.

Uma brisa leve soprou, agitando as folhas como chuva.

— Não sei o que aconteceu nessa história do penhasco — disse ele —, mas quero ajudar.

Pensei por um bom tempo.

— Tá bom — falei, finalmente.

Com isso, o sorriso de dentes de lua de Eugene se abriu, o que me fez brilhar por dentro.

Quando descemos da árvore, Eugene disse:

— Você ainda pode me chamar de John, se quiser.

— Não, tudo bem — respondi, devagar. — Mas você não vai ficar chateado se um “John” escapulir de vez em quando, não é?

— Só se você não ficar chateada se eu nunca mais comer Frango à Reserva de novo — respondeu ele.

Lembrei na mesma hora da sua expressão à mesa do jantar naquele dia. Ele não teria mais que se preocupar com a possibilidade de comer a comida da mamãe de novo, mas deixei para contar isso mais tarde. Então, em vez disso, gargalhei e me senti mais leve, como se pudesse respirar de novo. Como se estivesse indo para casa.



No dia seguinte, quando olhei pela janela, fiquei surpresa ao ver que as mudas do papai não estavam muito bem.

Na verdade, estavam murchas. Com todas as horas extras que estava trabalhando na loja, para ganhar mais dinheiro, ele ficou sem tempo de cuidar do jardim.

O pior era que o alecrim estava completamente seco, morto. Até a última folhinha.

Parecia que ninguém além de mim havia percebido. Até surpreendi vovô tirando o suéter, as meias vermelhas e a ferradura da parede, como se ninguém precisasse mais de camadas extras de proteção.

Meus pais não reparavam em nada porque estavam ocupados demais agindo de maneira estranha, como se eu pudesse quebrar a qualquer minuto, como se eu não fosse uma joia, bem dura por passar centenas de milhares de anos na terra. Em vez disso, eles falavam baixo e faziam questão de não olhar para mim mais do que o normal. Eu queria ser quem eles queriam que eu fosse, a boa menina que nunca causava problemas, mas era tarde demais para isso.



Mordi o lábio. Não havia muito o que fazer, mas pelo menos ainda podia regar o que restara do jardim do papai. Estendi a mangueira pelo quintal e fiz pequenas poças d'água ao redor de cada muda de árvore, e depois em volta dos tomateiros e dos pés de pepino. Então arranquei o alecrim morto, com raiz e tudo, e depois joguei no lixo. Vovô devia estar me observando de sua janela, porque foi até o quintal e ficou ali comigo, sob o céu nublado.

Estava pensando no alecrim que acabara de arrancar da terra, em como eu também estava me sentindo meio partida e como vovô também devia se sentir assim, às vezes, quando queria usar as palavras para falar, mas não podia. Ficamos quietos por um tempo, até que virei para ele e perguntei:

— Vovô, por que você não fala?

Ele se sobressaltou, espantado. Como se eu tivesse feito uma pergunta que não deveria ser feita. Ou talvez porque eu estivesse falando de novo.

— Suas fitas eram fantásticas. — Sorri timidamente para ele. — Eu gostei muito da parte em que vocês estavam no rio, brincando na água, gritando e fazendo barulho.

Mamãe pegara algumas algas do fundo lodoso do rio e enfiara nas calças do papai. Ele gritou como um louco. Mamãe também, mas de um jeito triunfante.

Voltei a mangueira para as próximas plantas. Ainda bem que eu estava molhando o jardim, assim não precisava olhar para ele.

— E adorei como você e vovó estavam sempre brincando, contando histórias um do outro.

Com o canto dos olhos, flagrei vovô suspirar.

— Sei que a morte de Passarinho foi muito triste e tudo mais, mas por que você não fala? — Ergui os olhos para encará-lo, finalmente. — O que aconteceu aquela noite?

Os lábios do vovô se retorceram, e a tristeza o cobriu, como se, de repente, ele estivesse de volta ao lago.

— Pode me contar, vovô — falei. — Não direi nada...

Ele se retesou, e segui seu olhar. Mamãe estava descendo o gramado até onde estávamos.

— Joia, procurei você por toda parte — disse ela, e seus olhos se arregalaram ao ver vovô e eu juntos.

— Estávamos aqui o tempo todo — respondi.

Ela deu um leve sobressalto. Era a primeira vez que eu falava em dias.

— Que bom, querida — comentou ela, toda feliz, e então, percebendo que não estava fazendo sentido, acrescentou: — Quer dizer, estou feliz por você estar se sentindo melhor.

Dei de ombros.

— Um pouco.

— Bem, isso é ótimo. — Ela olhou para vovô de novo. — Queria que você se arrumasse. Temos um compromisso.

Olhei para ela.

— Temos?

— Sim, você e eu — disse ela, com pressa.

Por que ela estava agindo como se vovô não estivesse ali a meu lado? Ela nem parecia notar a presença dele.

— Precisamos nos apressar se não quisermos chegar atrasadas.

— Ok — falei, virando-me para vovô. — Você pode terminar de regar o jardim, por favor?

Vovô pegou a mangueira.

— Obrigada.

O queixo da mamãe caiu, e ela corou.

Bem feito. Quem mandou ser mal-educada daquele jeito?



O compromisso, afinal, era com um padre, em uma igreja a uns setenta e cinco quilômetros de distância — longe o bastante para que ninguém nos conhecesse.

— Mas por quê? — perguntei quando pegamos a estrada. — Não frequentamos mais a igreja.

— Eu sei, meu amor — disse mamãe —, mas papai e eu achamos que é melhor você... falar com alguém.

— Sobre o quê?

— Certamente há outras pessoas — continuou ela, ignorando minha pergunta —, mas ele queria tentar isso primeiro.

Suspirei. A chuva tamborilava em minha janela. Caía bem forte e deixava a terra macia e cinzenta. Acho que não precisávamos ter regado o jardim, pensei, puxando o vinil que já estava descascando da porta. Embora tenha sido legal passar um tempo com vovô.

Mas ele ficaria muito irritado se soubesse que eu voltara a ser amiga de Eugene. Minhas entranhas se contorceram pensando em mais um segredo. Se vovô descobrisse que eu estava falando com Eugene novamente, com certeza sairia correndo na mesma hora para arrumar um novo pé de alecrim.

De alguma forma, eu continuava fazendo besteira.

— Joia, pare de estragar a porta — repreendeu mamãe estacionando o carro na igreja.

Um letreiro na entrada dizia: “BEM-VINDO À PARÓQUIA DE SÃO MIGUEL”.

Quando entramos, a recepcionista perguntou:

— Em que posso ajudá-las?

Seu cabelo armado era de um loiro que não podia ser natural. Quer dizer, as pessoas simplesmente não têm um cabelo daquele.

Ela olhou meu cabelo. Talvez estivesse pensando o mesmo.

— Temos um horário com o padre Jim — informou mamãe.

— Ah, sim — disse a recepcionista, seus olhos corriam de mamãe para mim, como se estivesse tentando entender qual era nosso parentesco. Então, sorriu e disse:

— Vou avisá-lo.

E então nos conduziu a uma pequena sala com uma cruz, muitos livros e poltronas confortáveis. Depois de um tempo, um homem entrou e apertou nossas mãos.

— É um prazer conhecê-la, sra. Campbell.

Seu nariz tinha um pequeno calombo, como se uma tartaruginha tivesse se enterrado sob a pele dele, mas seu sorriso chegava aos olhos.

— Esta é minha filha, Joia — disse mamãe. — Estamos aqui porque ela tem... um problema.

— Que tipo de problema? — perguntou o padre Jim, recostando-se em sua cadeira. Ele me olhou, aguardando.

Era isso o que eles queriam? Que eu contasse a um estranho qualquer que tinha problemas com *duppies*, círculos e pedras? Meu peito queimava de raiva, e me agarrei com força às laterais da cadeira.

— Todos temos problemas na vida — disse o padre Jim, sua voz calma e agradável. — Às vezes é bom falar sobre eles.

Isso é o que veremos, pensei.

— Joia, conte ao padre o que aconteceu — disse mamãe, com a voz mais ríspida.

Fiquei parada por um momento, tentando entender o que ela queria que eu dissesse. Então me ocorreu. Estava cansada de tentar agradar a mamãe. E o papai. Eles não estavam tentando *me* fazer feliz, pensei. Eles jogaram minhas pedras do penhasco e me proibiram de voltar lá. Tratam vovô como um idiota. Não querem que eu cave procurando pontas de flecha, fale sobre qualquer coisa importante ou faça qualquer coisa que me deixe feliz, feliz de verdade.

Olhei diretamente para o padre Jim e disse:

— Existem muitos problemas.

Ele esperou.

— Tipo, mamãe não nos faz mais ir à igreja porque diz que religião não passa de um monte de mentiras para deixar as pessoas obedientes.

— Joia! — gritou ela.

— Mas acho que há muitas coisas lá fora sobre as quais não sabemos, e elas estão lá e certamente sabem a nosso respeito.

Mamãe se levantou e agarrou meu braço.

— Vamos embora — disparou ela.

O padre Jim ergueu a mão.

— Sra. Campbell, será que não vale a pena ouvir o ponto de vista da sua filha?

Não esperei a resposta dela.

— E papai também é cristão, mas acredita em outras coisas como *duppies*, azar e sorte, mesmo que não fale disso na frente dos outros, porque, neste país, as pessoas diriam que ele é supersticioso — respondi.

— Por favor, sra. Campbell — pediu o padre Jim, gesticulando para a cadeira da mamãe. Sua expressão ficou sombria. Mamãe se sentou.

— E meus pais estão muito irritados comigo porque eu vou ao penhasco onde meu irmão tentou voar.

— Tentou voar?

Mamãe enterrou a cabeça nas mãos.

— É — falei —, mas em vez disso ele caiu e morreu. Tinha cinco anos.

Silêncio.

As sobrancelhas do padre Jim se ergueram.

— Sinto muito por seu irmão, Joia — falou, e estava sendo sincero. — Que história trágica. Dei de ombros, mas senti um nó na garganta.

O padre Jim cruzou as pernas.

— E você vai a esse penhasco? Que tipo de coisa faz lá?

— Falo com minhas pedras. Ou melhor, falava — contei, lançando um olhar assassino para mamãe.

Ela suspirou alto.

— Com as pedras. — O padre Jim me estudava com atenção.

— É, e também com a grama, com o céu e com o sol. Eles falam comigo.

Eu não podia parar de falar, e padre Jim parecia realmente interessado, o que me fez querer continuar.

— O penhasco é especial — continuei. — Há algo ali.

— Como o quê?

Dei de ombros.

— Não sei. Mas quando você vai lá, percebe que é diferente. Não é como estar em um posto de gasolina ou em um mercado. — Eu me remexi na cadeira. — É... especial. Da mesma forma como dentro de uma igreja é especial.

Padre Jim se inclinou para a frente.

— O que suas pedras dizem?

Pensei por alguns instantes. Elas não usam palavras, exatamente, mas consigo ouvi-las mesmo assim. Que nem vovô. É um tipo diferente de falar, e de ouvir.

— Elas dizem algo tipo “nos importamos com você” — contei.

O tique-taque do relógio de carrilhão que havia naquela sala era alto, e cada movimento do pêndulo marcava os segundos em que ninguém falava. Eu queria muito contar ao padre Jim que enterrava pedras também, mas mamãe estava balançando o pé cruzado por cima da outra perna, o que não era bom sinal.

Por fim, padre Jim finalmente virou-se para mamãe e perguntou com delicadeza:

— Quando foi a última vez em que você foi à missa?

Mamãe franziu os lábios, como se eu fosse a única coisa que a impedia de sair correndo dali.

— Faz cinco anos — respondeu —, talvez seis.

— E está preocupada com as experiências de sua filha no penhasco.

— O pai dela e eu estamos, por motivos diferentes.

Padre Jim se levantou e foi até sua estante de livros.

— Deus fala conosco de muitas maneiras — informou. — Muitas vezes é através da igreja.

Mas se Joia não foi criada na igreja, Deus encontra outras maneiras de falar com seus filhos.

Mamãe ficou parada como uma estátua. Padre Jim pegou um livro na estante.

— Existiu um grande homem que também falava com pedras — disse o padre.

— Sério? — perguntei.

Dessa vez, quem estava inclinada para a frente era eu.

— Ele falava com o sol e com a lua e, bem, com todas as coisas.

— Onde ele mora? — perguntei.

Padre Jim riu.

— Ele já morreu faz uns bons séculos. Seu nome é São Francisco.

— Com licença — disse mamãe, ríspida. — Minha filha fez um círculo de pedras no penhasco. Perdi meu emprego por causa disso.

Padre Jim endireitou os ombros.

— Meu marido acha que há espíritos do mal naquele lugar. Não vou ficar aqui sentada ouvindo você dizer à minha filha que ela é uma santa porque fala com pedras.

Mamãe se inclinou e pegou a bolsa.

— São Francisco suportou muita pobreza e dor — acrescentou o padre Jim.

Assenti vigorosamente, dizendo:

— Não estamos conseguindo pagar as contas.

Um som abafado veio da garganta de mamãe.

— Já chega. Vamos embora.

No entanto, não me movi.

— Padre Jim, existem espíritos maus? Os *duppies* nos influenciam?

Mamãe congelou. Padre Jim ficou parado onde estava por um instante, coçando a parte de baixo de seu queixo. Por fim, disse:

— Há espíritos em todo lugar, anjos e demônios, os bons e os maus. Precisamos ficar atentos para saber de que tipo são e em que tipos confiamos.

— Como sabemos de que tipo eles são? — insisti.

— Pode ser difícil distinguir porque eles vêm em muitas formas diferentes — disse padre Jim. — A melhor maneira é perceber o que eles querem que façamos. Estão nos pedindo para glorificar a Deus ou a nós mesmos?

Eu não tinha certeza de que conversar com minhas pedras era glorificar alguma coisa, mas sempre me senti em casa perto delas.

— Às vezes Deus fala conosco por intermédio de seres humanos — continuou o padre Jim —, mas ele pode usar toda a sua criação.

— Porque Deus está em todo lugar.

— Sim.

— Então minhas pedras são belas porque vejo nelas um pedaço de Deus.

O padre Jim sorriu. E já que mamãe queria muito ir embora àquela altura, ele fez uma prece rápida, pedindo a Deus que nos protegesse do mal e que encontrássemos Suas bênçãos em todos os lugares à nossa volta. Também agradeceu a Deus por se lembrar de fazer as pedras, porque elas podiam nos ensinar a resistir.

Gostei daquilo.

# CAPÍTULO DEZESSETE



Mamãe não disse nada no caminho para casa, e por mim tudo bem. Tive tempo para pensar no que o padre Jim dissera. E quanto mais pensava, mais perguntas eu tinha. Os anjos e os santos precisam mesmo ser humanos? Porque, se não, a árvore do sr. McLaren só podia ser um anjo por ter feito com que Eugene e eu fizéssemos as pazes.

Porém, quando mamãe parou o carro em nossa garagem, os anjos e os santos pareciam muito, muito distantes. O sol pairava sobre as árvores.

— E então? — perguntou papai, vindo nos encontrar no carro.

O ângulo do sol desenhou um contorno dourado ao redor dele. Ele limpou as mãos nas calças. Estavam cobertas de farinha.

— Esplêndido! — disse mamãe, sarcástica. — O padre disse que santos falam com pedras também, então não há nada com que se preocupar.

— Ele disse isso? — Papai se remexeu e, com ele, a luz.

Mamãe deu um sorrisinho.

— Na verdade, ele e Joia se deram muito bem.

— Ele rezou nossa filha?

— Ele fez uma prece por ela.

— Não — disse ele, a testa se enrugando —, eu quis dizer...

— Se ele exorcizou os demônios? — perguntou mamãe, arrumando a alça da bolsa no ombro. — Não, Nigel, não exorcizou. Acho que ele não viu necessidade. Talvez da próxima vez que você pedir um favor, seja melhor me dizer exatamente o que exigir do padre.

Deixei-os discutindo na entrada, piscando para conter as lágrimas. Não sabia o que era pior, apunhalar alguém com silêncio ou com palavras.

Bati à porta do vovô e espiei lá dentro quando não houve resposta. Ele não estava. Em meu quarto, coloquei para tocar uma das fitas de mento do vovô, mas nem a música dele foi capaz de aliviar o peso em meu peito, não enquanto as palavras de papai e mamãe infiltravam nossas paredes. Então, fui até a cozinha e me calcei de novo.

— Onde você vai? — perguntou papai. Ele me olhou diretamente nos olhos, como se eu fosse uma ladra.

— Vou sair.

— Não use esse tom com seu pai — repreendeu mamãe.

— Não vou ao penhasco — falei, e antes que eles pudessem pegar no meu pé por causa *daquele* tom, saí de casa.

Foi exatamente como imaginei: havia pegadas na grama da trilha de cervos. Segui o caminho até o ponto em que ele se abria para revelar o lago. E vovô. Ele estava sentando no mesmo lugar em que estivera antes, a cabeça enterrada nas mãos, as costas muito curvadas. O lago era de um tom pastel delicado, quase um espelho do céu.

Abafei a boca com as mãos e chamei:

— Ei, vovô.

Ele ergueu a cabeça e olhou para mim por um longo instante, como um cervo que não sabia se deveria ficar parado ou fugir. Fiz um pequeno aceno. Ele ergueu a mão, sem jeito, e percorri a pequena colina gramada até onde ele estava. Ele chegou para o lado, para que eu pudesse me sentar também.

As cigarras cantavam alto. Era lindo e assustador ao mesmo tempo. Como algo tão pequeno fazia tanto barulho? E alguém tão grande como vovô não fazia som algum?

Ainda assim, um universo inteiro de silêncio era melhor do que a forma como mamãe e papai estavam falando um com o outro, cada palavra dura e fria. Onde estavam o riso e a felicidade daquele dia dos namorados da fita? A felicidade é como uma criança, percebi, futucando o tronco perto de minhas pernas. Ou a alimenta, ou ela morre.

— Vovô — disse —, por que meus pais estão sempre com tanta raiva?

Sabia que era inútil fazer uma pergunta que não fosse respondida com “sim” ou “não”, mas não consegui me conter.

Vovô suspirou fundo e balançou a cabeça. Não entendi muito bem o que ele quis dizer com isso.

— E por que você está sempre tão triste?

Ele se virou para mim. Eu nunca havia reparado como seus olhos eram profundos, enormes e escuros até aquele exato momento. Eram delicados e eternos de uma maneira terrível, como aqueles buracos negros que se estendem para sempre, que nunca têm fim. Tive vontade de chorar só de olhar para ele. Talvez fosse por isso que vovô fazia questão de nunca olhar para ninguém.

— Você gravou tantas fitas — comentei, um pouco trêmula. — Gosto da forma como você gargalhava.

O rosto de vovô ficou ainda mais triste, e ele se virou para o lago. Depois disso, levantou-se, e após alguns instantes fiz o mesmo. Observamos o lago ficar rosa, coral e roxo, até parecer que estava pegando fogo. Foi então que tive a certeza de que aquele lago conhecia vovô tão bem quanto meu penhasco me conhecia. E enquanto eu ficava maravilhada com as



muitas formas como a terra é capaz de suportar nossa tristeza, vovô pôs o braço ao redor de meus ombros. E foi a minha vez de me tornar um cervo, apavorado, sem saber o que fazer; mas seu braço desajeitado era quente e gentil, e meu coração batia um milhão de vezes por minuto, porque *aquela era o Pooba*.

— É tudo por causa de Passarinho, não é? — perguntei, mas aquilo não foi bem uma pergunta.

Vovô continuava olhando ao longe, de certa forma confirmando.



— Quer dizer que, na verdade, ele é *legal*? — perguntou Eugene mais tarde naquela noite.

Estávamos na Horizonte de Eventos. Eugene ligava e desligava a lanterna, como se fosse um grande vaga-lume.

— Vovô é muito mais do que legal. Ele divide a música dele comigo — falei.

Eugene e eu tínhamos muita conversa para colocar em dia.

— Ora, mas quem diria.

A luz apagou. E acendeu.

— Mas o que aconteceu? — perguntou ele. — Por que a mudança?

Apagou.

Dei de ombros.

— Não sei. Só sei que tudo está diferente agora.

Acendeu.

— Sei. Então quer dizer que ele não vai mais me dar murros na cara?

Apagou.

— Tipo desse jeito? — perguntei, e, na escuridão, me estiquei para apertar o rosto dele.

— Ei, pare com isso! — gritou, mas estava rindo.

Eu também estava, e arranquei a lanterna das mãos dele.

— Pare de ficar ligando e desligando essa lanterna idiota — respondi, acendendo a lanterna e jogando-a de volta para ele.

Depois de algum tempo, ficamos em silêncio. Um silêncio de noite estrelada. Parecia ter um milhão de anos que eu não vinha à Horizonte de Eventos, e considerando que a última vez em que estive lá foi com *John*, acho que era isso mesmo. Ficamos olhando para cima, pela árvore, vendo o círculo de estrelas acima de nós. Havia coisas muito legais em ser astronauta. Dava para ver as estrelas de perto. Podia deixar todos os problemas para trás.

— Na verdade, acho que vovô ainda daria um soco na sua cara — falei.

Eugene se sobressaltou de leve.

— Por quê?

— Porque — respondi, sentindo-me a professora dessa vez — ele provavelmente ainda acha que você é um *duppy*.

Eugene riu.

— Que sou um *duppy*?

Esqueci que nunca contei isso a ele.

— Seu nome era John, sua aparência é muito próxima à que Passarinho teria se estivesse vivo, e vovô achou que você era um *duppy* em forma humana tentando me enganar. Por isso bateu em você.

— Uau. — Eugene balançou a cabeça.

— Bem, você estava *mesmo* tentando me enganar — observei. — Só não era da forma que vovô esperava.

— Um *duppy* em forma humana? — perguntou Eugene, revirando os olhos. — Pelo amor de Deus. — Ele pegou uma barra de cereal do estoque. — Vou dizer a ele que não sou um *duppy*.

— Não faz diferença. Ele pensa assim e ponto.

Eugene me deu uma barrinha de cereal, e mordi com vontade. Aquelas coisas viciavam mesmo.

— O mesmo vale para o sr. Robinson — continuei. — Mamãe acha que nem ela poderia fazer com que ele entendesse.

— Então parece que nós mesmos teremos que falar com ele — declarou Eugene.

Tentei descobrir se ele estava brincando ou não.

— Estou falando sério. Vamos lá amanhã — repetiu ele, enfiando a barra inteira na boca.

O cereal virou uma massa grudenta, tão grande que sua boca nem fechava.

Gargalhei. Eugene tentou rir também, mas não conseguiu, e isso só fez com que eu gargalhasse ainda mais.

— Desse jeito, vovô *definitivamente* daria um soco na sua cara — falei.

Ele me deu uma cotovelada. Ficou um tempão mastigando sua barra de cereal e fazendo barulho. Por fim, disse:

— Por que seu avô está sempre com raiva?

— Perguntei a ele por que está sempre triste — falei. — É por causa do Passarinho.

— Certo, mas por que a *raiva*?

Aí ele me pegou. Quando era mais nova, nunca questioneei a raiva do vovô. Ele sentia isso e pronto. As coisas eram assim. O sol se eleva. O sol se põe. A lua aparece. Vovô sente raiva. No entanto, acho que as pessoas podem ter mais de uma camada, assim como a terra, estratos diferentes empilhados um sobre o outro. Se você cavar, pode descobrir outra camada em alguém. E às vezes essas camadas podem ser surpreendentes.

— Bem — falei —, ele matou Passarinho. Por acidente.

As pontas de meus dedos desenhavam pequenos círculos no chão de terra. Tentei engolir um sentimento furioso que borbulhava em meu estômago quando pensei que, mais uma vez, a

questão era sobre Passarinho. De novo.

— É que... meu irmão está morto durante minha vida inteira, mas todo mundo continua brigando por causa dele. Como se ele estivesse ali, bem em nossa casa.

— Talvez ele esteja — disse Eugene.

— Algo aconteceu naquele dia — insisti. — Vovô me contou.

— Como contou se não fala?

Cutuquei uma mordida de mosquito em minha perna.

— Dá para dizer muitas coisas sem falar.

Ficamos quietos então, como se falar sobre não falar tivesse deixado nossas bocas tímidas. Saímos agachados da Horizonte de Eventos e caminhamos até a beira do bosque, onde as estrelas espalhadas se estendiam de um horizonte a outro. Então, por cima do canto dos grilos e da brisa que soprava pelas fileiras do milho às escuras, havia novamente aquele silêncio, um silêncio quente, espesso e reconfortante como um cobertor. Percebi que daria tudo no mundo para viver rodeada de pessoas, pedras e plantas que pudessem me acolher naquele silêncio.

Então, Eugene falou, mas bem de leve, como se também estivesse sentindo-o.

— Sabe — começou ele —, você e seu irmão são como um sistema binário fechado.

— O quê?

— Um sistema binário fechado. Estrelas, sabe? As estrelas quase nunca estão sozinhas. — Sua voz ficou estranha. — As estrelas podem vir em constelações, só que é mais comum que venham em pares. Um sistema binário.

— Ah.

Foi bom pensar sobre Passarinho e eu daquele jeito, brilhando lindamente no céu.

— Às vezes, as estrelas binárias têm órbitas bem próximas, muito mais do que o normal. É por isso que são chamadas de sistemas binários *fechados*. Então, a estrela com menos massa orbita seu par de maior massa.

— E maior gravidade — observei.

Eugene sorriu.

— Às vezes, essas duas estrelas são tão próximas que chegam a transferir matéria uma para a outra.

— Que o quê?

— Partes das estrelas saem voando para a outra, atraídas pela força gravitacional de sua companheira. E vice-versa. Cada estrela é transformada pela outra.

— Cada uma tem parte da outra? — perguntei.

— Aham — afirmou Eugene. — E por isso a composição das estrelas muda, assim como muda a maneira como elas se desenvolvem no futuro. — Ele inclinou a cabeça para o céu. — É como com você e Passarinho. Ele está em você. E você está nele, onde quer que ele esteja.

Não sei por quê, mas comecei a chorar bem naquele momento. Era a segunda vez que chorava na frente de Eugene em apenas alguns dias. Não gosto de chorar na frente das pessoas,

porque isso revela os buracos que temos por dentro. Acho que, com tanto choro nos últimos dias, eu tinha mais buracos do que pensava. Mas não foi tão ruim com Eugene. Ele ficou a meu lado, próximo, mas sem encostar em mim, e pela maneira como ficou ali, todo atencioso, o coração dele devia estar falando com o meu, e o meu devia estar ouvindo, porque me senti melhor depois de um tempo. Quando recuperei o fôlego, Eugene começou a apontar as constelações no céu, uma a uma.

E ele me lembrou de que as Perseidas estavam prestes a chegar.

## CAPÍTULO DEZOITO



No fim das contas, Eugene estava falando sério sobre conversar com o sr. Robinson. No dia seguinte, nós saímos de bicicleta e nos encontramos na frente da prefeitura.

— Nós somos loucos — falei para ele.

Eugene estava até usando uma camisa respeitável para a ocasião.

— Quem mais poderia fazer isso? — perguntou ele, sorrindo.

Entramos no escritório com ar-condicionado bem a tempo de ver a sra. Bowers, a secretária, terminando de passar rímel nos olhos. Foi bem engraçado, já que ela é velha, e não faz muito sentido pessoas velhas usarem rímel. Na Caledonia ninguém vai reparar mesmo.

— Ora, Joia — cumprimentou ela com um sorriso falso —, o que a traz aqui? — Então arregalou os olhos ao ver Eugene. — E trouxe um amigo. Como é seu nome mesmo? Você é sobrinho do Tim, não é?

— Eu sou o Eugene — disse ele, todo educado.

— Ah, sim, Eugene — comentou ela, pegando uma caneta e revirando-a entre seus dedos. — Tim me falou de você.

Eugene sorriu.

A sra. Bowers estava falando bem alto. Naquele tom de voz que as pessoas usam quando estão pouco à vontade ou assustadas. Olhei em volta da sala de espera. A sra. Jameson estava lá, seu longo cabelo preso para trás em um rabo de cavalo baixo. Ela folheava uma revista.

— Eu gostaria de falar com o sr. Robinson — informei, tentando soar adulta.

— Ah, querida — disse a sra. Bowers, sem parecer lamentar nem um pouco. — Receio que você precise de hora marcada.

— Hora marcada? — perguntei. — Estamos no meio do horário livre.

O sr. Robinson anunciara havia muito tempo seus horários livres, quando qualquer cidadão da comunidade poderia conversar com ele. Mamãe dizia que era só uma desculpa para fofocar, mas parecia uma ideia muito prática.

— Este é seu horário livre — disse a sra. Bowers, sem me olhar —, mas ele está muito ocupado agora.

— Podemos esperar.

— Sinto muito, mas vocês precisarão marcar hora.

Meu sangue começou a ferver. Precisei respirar fundo.

— Mas por que eu...

— Isso é por causa da mãe da Joia? — interrompeu Eugene. — Porque, se estamos no horário livre, não importa qual é o assunto da conversa.

A sra. Bowers prendeu a respiração.

— Ah, não, não tem nada a ver com isso — negou, com a voz ficando mais alta. — É só que... ele não costuma falar com crianças.

— Tenho pena dos filhos dele — retruquei.

— Agora chega — disse a sra. Bowers, os olhos semicerrados. — Não sei por que vocês estão aqui, mas...

— Estamos aqui — falei, dessa vez tão alto quanto ela — para dizer ao sr. Robinson que ele é um covarde por ter medo de boatos, e que aquelas pedras no penhasco não têm nada a ver com ele e não são da conta de ninguém.

O queixo da sra. Bowers foi parar na mesa.

— E agora minha mãe está desempregada e muito triste. O sr. Robinson pode até ser o prefeito e tudo mais, só que isso não quer dizer que ele deve acreditar em tudo que ouve. E deveria defender as pessoas de vez em quando, como minha mãe. E — acrescentei, porque agora que começara não conseguiria parar nem se tentasse —, já que isso era tudo o que eu queria dizer a ele, acho que não preciso vê-lo durante o horário da fofoca. Por favor, dê a ele o recado.

A sra. Bowers sorriu friamente.

— Não se preocupe, Joia. Darei.

No entanto, não fui embora. Nem Eugene.

— Mais alguma coisa? — disparou ela. — Estou muito ocupada.

— Estamos esperando você anotar o recado — afirmou Eugene.

A sra. Bowers ficou tão rosa quanto uma borracha, agarrou um bloco de papel e rabiscou algo nele.

Quando nos viramos para sair, vi que a sra. Jameson desviou rapidamente os olhos de nós. Mas então voltou a olhar para mim. Naquele ínfimo instante, soube que ela já sabia sobre mamãe.

Todo mundo sabia.



— Vamos para o penhasco — disse a Eugene ao sair da prefeitura.

— Tem certeza? — perguntou ele.

Virei-me, com o rosto bem na frente do dele.

— Eu vou — afirmei. — Você pode vir se quiser.

Eugene ergueu as mãos, dizendo:

— Ok, tudo bem — mas ele estava sorrindo.

— Não vou permitir que ninguém me diga aonde posso ir e fique inventando coisas que sequer sabem se são verdade ou não — falei, e minha boca se mexia tão rápido que eu nem tinha certeza de que minhas palavras faziam sentido.

Acho que nunca havia feito isso antes, apenas dizer o que estava passando pela minha cabeça, mas com certeza foi ótimo. As sobrancelhas de Eugene estavam praticamente no topo de sua testa, de tão surpreso que ele ficou. Quer dizer, eu havia contado sobre o que acontecera, mas acho que ele não tinha se dado conta de como as coisas tinham mudado até aquele momento, vendo tudo de perto.

Percorremos de bicicleta os dois quarteirões da Broad Street, que era o centro da cidade, e pegamos um atalho até o penhasco. Era maravilhoso ter Eugene de volta. Sei que vovô é ótimo e tudo mais, mas tenho certeza de que ele não teria ficado parado na frente da sra. Bowers e me deixado falar com ela daquele jeito.

Eu poderia chegar ao penhasco de olhos fechados, como se tivesse uma linha invisível presa a meu coração, esticada, puxando-me pela estrada e pelos campos, diretamente para a montanha. Foi então que percebi que, de muitas formas, os lugares são como as pessoas: pensam nas pessoas queridas quando estão longe, esperam elas voltarem e ficam felizes quando isso acontece. Largamos as bicicletas perto de um canal, e eu corri pela trilha, não tão depressa, mas não muito devagar também, meus dedos esticados, prontos para recuperar tudo o que eu havia perdido. Eugene me acompanhou, sem reclamar ou perguntar por que estávamos ali, como se já soubesse.

Estávamos quase lá quando comecei a rir.

— O que foi? — perguntou Eugene, sem fôlego.

— Quando você falou “estamos esperando você anotar o recado”, era exatamente o que *eu* ia dizer.

— Sério? — Eugene lançou um enorme sorriso para mim.

Assenti.

— Eu não ia tirar o pé dali até ver a sra. Bowers escrever aquele recado idiota, de jeito nenhum.

— Nem eu! — gritou Eugene. — Não teria sido engraçado se tivéssemos dito aquilo ao mesmo tempo?

— Aí poderíamos ter falado que havíamos lançado um feitiço nela. Ela ficaria tão assustada que enfiaria o pincel do rímel no olho — acrescentei. Estava com um sorriso.

Quando chegamos ao penhasco, no entanto, eu congelei.

— Uau! — exclamou Eugene, pasmo.

Acho que parte de mim simplesmente não queria acreditar que fosse verdade que papai havia jogado minhas pedras do penhasco. E um pedaço enorme dentro de mim torcia para que as pedras tivessem, de alguma maneira, voltado, penhasco acima, enquanto eu estava longe, saltado pelas paredes rústicas da ravina e se acomodado em seus devidos lugares.

Não conseguia parar de olhar. Meu círculo realmente se fora. O crucifixo já acumulava uma leve camada de poeira.

Meus pais jogaram meu círculo fora.

Quando algo ruim acontece, às vezes é tudo tão terrível que não há palavras para descrever. E quando algo muito, *muito* ruim acontece, você fica anestesiado por dentro, porque nem mesmo seu coração sabe o que fazer. É estar sentindo uma tristeza tão grande e várias outras coisas terríveis em um instante e, de repente, *puf!*, tudo trava.

Talvez corações possam morrer desse jeito.

— Não acredito que seus pais fizeram isso — lamentou Eugene.

— Foi para me proteger — respondi, amarga.

Olhei ao redor. A área onde eu enterrara meus seixos estava remexida e comprimida nas partes em que meus pais haviam pisado. Doze marcas escuras formavam um círculo na terra, como fantasmas.

Agarrei o crucifixo e o atirei o mais longe que consegui do penhasco. Rodopiou um pouco enquanto fazia um arco no ar, até que a gravidade fez seu papel, e ele mergulhou no vazio. Não vi onde caiu. E percebi que isso não importava mais. A dormência crescia em mim; alguns instantes antes, ela estava em algum lugar à esquerda do meu baço, mas agora se expandia para meus pulmões, meu estômago e meus rins, deixando-me oca por dentro.

Nada importa, concluí. Só Passarinho importa. E ele voou para longe.

— Não aguento mais — declarei, devagar.

Eugene se inclinou para mais perto.

— O quê?

— Não aguento mais — repeti mais alto. Com mais raiva. — Meus pais.

Abaixei-me e coloquei a mão na terra, no lugar onde ficava a pedra do meu sétimo aniversário.

— Eles só pensam em Passarinho — continuei, esfregando a terra fofa com as pontas dos dedos. — Eles brigam por causa do Passarinho. Ficam tristes por causa do Passarinho. — Meus punhos se fecharam. — E quanto a mim?

— Joia...

— E quanto a mim? — repeti.

Foi tão bom dizer aquilo, tão libertador, como se houvesse uma tranca em meu peito, e aquelas palavras tivessem libertado algo que esteve preso todo esse tempo, escondido e esquecido dentro de mim.



— Sabia que eles jamais me perguntaram por que eu venho aqui? — indaguei, e a raiva que saía do lugar recém-destrancado me inundava por dentro. — Sabia que eles sequer olham para mim? Não de verdade, não como você ou vovô fazem.

As sobrancelhas de Eugene se franziram.

— Neste momento, estou olhando para você porque nunca a vi desse jeito.

— E não me importo mais se os *duppies* existem ou não. As brigas dos meus pais são estúpidas mesmo.

Olhei o rochedo, estudando-o.

— Sabe, nunca escalei até o topo. Vamos. Agora.

Eugene agarrou meus ombros.

— Pare com isso, Joia, vamos embora.

— Mas e se Passarinho não caiu? — insisti.

— Como assim? — A voz de Eugene ficou mais agitada.

— E se ele saltou e voou?

— Agora é você que está sendo estúpida. Claro que ele caiu.

— E se as pessoas não caem de verdade quando pulam do penhasco? O que você faria se me visse voar? Se eu tentasse agora?

— Quer que eu bata em você? — gritou ele na minha cara. — Será que vou precisar fazer isso para fazer você calar a boca?

Empurrei os braços dele.

— Ah, então você é o único que pode voar para longe, senhor astronauta? Senhor vou-deixar-todo-mundo-para-trás-até-mesmo-meus-amigos?

Eugene ficou ali parado, boquiaberto. Não percebi que estivera berrando até ouvir minha raiva ecoando no ar.

— Não foi isso o que quis dizer — afirmou ele. — Sabe disso.

Dei-lhe as costas. A grama estava alta naquele dia, como em todo mês de agosto. Eu me afastei alguns passos de Eugene, segurei uma das folhas compridas e corri a mão por seu caule, esfregando as sementinhas nas pontas dos dedos.

Eugene enterrou as mãos nos bolsos, marchou até o rochedo e chutou-o algumas vezes. Então, encostou a testa no paredão de granito e fechou os olhos. Fiquei confusa; achei que ele queria ir embora.

— Sabe o que eu odeio? — perguntou ele, em voz baixa.

Peguei outra folha e juntei as sementes. Esperei.

— Odeio a pergunta “você tem irmãos?” — Ele riu, mas não foi uma risada sincera. — Nunca poderei responder a essa pergunta. Não de verdade.

Algo mudou em sua voz, e eu percebi que ele não estava mais falando comigo.

— Porque quem sabe? — continuou ele. — Talvez minha mãe biológica tenha outros filhos. Meus irmãos e irmãs. Talvez tenha resolvido ficar com eles. — Ele bateu de leve a cabeça no rochedo. — Talvez não.

Meu estômago deu cambalhotas naquele momento. Ele estava certo. Quer dizer, mesmo que minha resposta fosse “eu tinha um irmão, e ele morreu muito tempo atrás”, pelo menos eu tinha uma resposta.

— Às vezes todas essas perguntas são mais do que eu consigo suportar — disse Eugene. — Às vezes eu só quero deixar tudo para trás. Tudo.

— Mas há pessoas que se importam com você.

— Meus pais se preocupam mais com a criança nova — falou Eugene, sombrio.

Depois de uma fração de segundo, ele entendeu. Sustentou meu olhar por um longo instante, até que seus olhos vacilaram, e ele precisou desviá-los.

Colhi a terceira folha de grama.

— Sabe, o rochedo entende o que você está sentindo.

Os lábios de Eugene se curvaram.

— É mesmo? — perguntou, em tom de brincadeira.

— Claro. Ele é errático.

Eugene olhou para mim.

— Como assim?

— Não existe granito em Iowa — expliquei. — Temos calcário, arenito, dolomita. Rochas sedimentares. Os granitos ficam mais ao norte, perto do Canadá. Mas este rochedo aqui é de granito. — Assenti. — Fato comprovado.

— Então como chegou aqui? — perguntou Eugene.

— Movimentos glaciais — respondi. — Durante a última era do gelo, as geleiras carregavam rochas e vários outros tipos de coisas de uma área e as largavam em outra, às vezes a milhares de quilômetros de distância.

— Sério?

A voz de Eugene estava distante.

— É. As rochas que não seguem os padrões são chamadas de erráticas. É outra forma de dizer que são irregulares. — Puxei mais uma folha de grama e a enrolei nos dedos. — As geleiras pararam em Iowa e, quando derreteram, largaram o que quer que estivessem carregando. — Fiz uma pausa. — Estas pedras são irregulares e estão em toda parte.

Eugene fitou os próprios sapatos.

— Embora este rochedo não seja originalmente daqui, agora ele pertence a este lugar — falei, desenrolando a planta.

Eugene ficou ali, imóvel, então deslizou as costas no rochedo até sentar-se na base, a cabeça entre os joelhos, os braços envolvendo o corpo. A sombra fresca do rochedo caiu nele, um tipo diferente de cobertor. Eugene ficou sentado por muito tempo, e eu me remexi, desconfortável. Não sabia ao certo o que fazer.

De repente, ele ergueu a cabeça.

— Por quê? — perguntou para mim.

Eu só fiquei ali, parada.

— Por quê? — repetiu.

Seus lábios estremeceram de leve. Ele olhou para mim como se quisesse uma resposta. Como se desse qualquer coisa no mundo em troca de uma única resposta verdadeira.

Respirei fundo. Não fazia ideia de qual “por que” ele estava falando. Estava perguntando por que seus pais teriam outro filho? Por que sua mãe biológica o abandonara? Por que não tentou ficar com ele?

— Não sei — respondi, por fim.

Eugene ficou só balançando a cabeça e socando o chão de leve. Parecia uma grande pergunta aquele “por que”, daquelas que poderiam ou não ter uma resposta; a pergunta que o rochedo de granito também poderia estar se fazendo.

Então, tive uma ideia. Encontrei um seixo e fui até Eugene.

— Isto é para você — disse, oferecendo a pedra.

Eugene ergueu os olhos.

— É para sua pergunta — expliquei.

Então fui ao lugar em que enterrava meus seixos. Cavei um pequeno buraco e a coloquei lá dentro.

— É aqui que ficam minhas preocupações. Minhas esperanças. E minhas perguntas. — Cobri o seixo e dei tapinhas suaves na terra. — Agora sua pergunta não está mais sozinha.



Mamãe e papai estavam fora quando cheguei em casa, mas vovô estava em seu quarto, sentado na cama, olhando pela janela.

— Vovô?

Ele se virou para mim, e seus olhos se enterneceram. Eu gostava quando isso acontecia.

— Aqui estão suas fitas — falei, oferecendo-as a ele. — A minha preferida foi a de mento. Gostei muito das que você gravou com meus pais e Passarinho, mas não consegui ouvir todas.

Essa era a verdade. Depois de ouvir a felicidade em suas vozes, na voz do vovô e de Passarinho, e até mesmo na de meus pais, eu simplesmente precisei apertar o *stop*. Os lábios do vovô se estreitaram, como se ele estivesse pensando em algo muito complicado. Então ele foi até uma caixa de madeira com um abajur em cima, que ele colocou no chão. Em seguida, virou a caixa ao contrário.

Não era uma caixa. Bem, era e não era. Parecia um cubo de madeira oco, com um buraco médio em uma das laterais, e tinha umas coisinhas de metal que caíam dele como dedos compridos. Antes que eu dissesse qualquer coisa, vovô sentou-se no topo da caixa, deu umas batidas nas laterais com as palmas das mãos e dedilhou as coisinhas de metal.

Quase desmaiei ao me dar conta do que estava acontecendo.

Vovô era músico.

E ele estava fazendo os mesmos sons e ritmos que...

— Era *você* tocando naquelas fitas de mento? — perguntei de repente.

Vovô abriu um largo e orgulhoso sorriso que iluminou todo o seu rosto. Desapareceram rápido, mas eu pude ver os raios de sol.

Sentei na cama e fiquei observando vovô criar aqueles ritmos e dedilhar as barras de metal. Era um som oco, vibrante, vivo. E quanto mais rápido ele tocava, mais incandescente o som parecia.

— Você também cantava? — perguntei.

Vovô assentiu, mas o sorriso deixou seus olhos.

— Como consegue fazer tudo isso e ainda assim não *falar*? — deixei escapar.

Ele balançou a cabeça, e o silêncio preencheu o quarto. Ele se levantou, suspirou e virou o instrumento, fazendo com que só a parte de trás ficasse visível e voltasse a ser apenas uma caixa. Vovô colocou o abajur em cima dele.

— Não, vovô — pedi.

Ele balançou a cabeça de novo.

— Pelo menos você ainda pode criar música. Não precisa falar para isso.

Naquele momento, a porta bateu com força, e meus pais entraram em casa. Não sei se era porque eu dissera à sra. Bowers tudo o que pensava, ou porque conversei com Eugene e aquilo o ajudou um pouco, ou se foi por eu estar falando com vovô, e ele estar tocando música onde antes só havia o silêncio, mas queria falar, falar e falar. Por isso, saí do quarto dele e fui até a cozinha, onde meus pais estavam guardando as compras.

— Por que vovô não fala? — indaguei.

Era quase uma acusação.

Meus pais congelaram e, após um instante, pareceram voltar à vida.

— Como assim? — perguntou papai, cauteloso. — Você já sabe, Joia. Porque Passarinho morreu.

— Sim, mas por que ele continua calado? — insisti, as mãos apoiadas nos quadris. — Quer dizer, as pessoas morrem o tempo todo, e isso não faz o mundo inteiro se calar. Você pode ficar triste por algum tempo, mas... por que vovô não fala?

Papai remexeu as moedas no bolso e fez menção de se afastar quando mamãe riu. Foi uma risada seca.

— Ah, então ela precisa saber sobre o mundo espiritual, mas não sobre a maldição? — perguntou ela.

Os músculos de minhas costas se contraíram.

— Existe uma maldição?

— Conte a ela, Nigel. Isso deve ser um sinal — zombou mamãe.

— Ela não precisa saber — respondeu papai, tenso, ainda de costas para nós.

— Ah, então agora você não acredita em sinais? — Mamãe franziu os lábios, triunfante. — Muito conveniente. Conte a ela ou eu mesma conto.

Fez-se a pausa mais longa do mundo. Uma pausa apavorante.

Papai se virou, mas não olhou para mim.

— Joia, uma maldição caiu sobre a boca do vovô por apelidar seu irmão de Passarinho. Ofeguei.

— Quem lançou a maldição nele? — perguntei.

Papai olhou para mamãe, e então para mim. Seu rosto se contorceu.

— Eu.

# CAPÍTULO DEZENOVE



— Você? — perguntei.

Minhas mãos foram parar em minha boca.

— Joia, não é o que parece — respondeu ele, afobado.

Papai deu um passo em minha direção, os braços estendidos. Eu recuei dois.

— Nigel, não a pressione — disse mamãe.

Olhei para ele e então para mamãe. Tudo estava se desfazendo. O cabelo dela escapava do rabo de cavalo. Os sapatos pretos do papai estavam arranhados. Afundei no sofá e enterrei a cabeça nas mãos. Não podia ser verdade. Papai adorava me contar histórias. Amava seu jardim e sua música.

Papai amaldiçoou vovô. O próprio pai.

*Pooba.*

— Foi um acidente — disse ele.

Eu o encarei.

— É mesmo? Maldições acidentais? Você nunca me falou delas.

Papai se encolheu, então respirou fundo e puxou desconfortavelmente a gola da camisa social.

— Joia, vovô não acreditava em *duppies*.

— Sério? E o arroz? E o alecrim?

Ele suspirou.

— Isso foi *depois* que Passarinho morreu. Quando já era tarde demais.

Ele estava falando sério. Minha cabeça começou a latejar. Nenhum cérebro deveria ficar tão sobrecarregado.

— Nigel, não a torture desse jeito — disse mamãe, cruzando os braços. — Conte logo a ela.

Papai revirou as moedas no bolso mais uma vez. Seus olhos encontraram os meus, e fiquei chocada ao perceber o medo que havia neles.

— Quando vovô e vovó vieram para os Estados Unidos, vovô não acreditava que havia *duppies* aqui — contou papai. — “Eles não podem cruzar a água”, dizia ele, “não podem sair

da Jamaica. Se os americanos acham que alecrim só serve para comer, devemos fazer o mesmo”.

Papai se sentou a meu lado no sofá, mas parecia que um oceano terrível e gélido se estendia entre nós.

— “Os americanos não se protegem dos *duppies*, e nada acontece com eles. Nada acontecerá conosco também” — continuou ele.

Papai tirou uma moeda do bolso e começou a esfregá-la com força entre o polegar e o indicador. Não sabia se era para trazer sorte ou só porque ele estava nervoso.

— Vovó ficava aborrecida porque vovô não levava a sério suas advertências — Papai desviou o olhar. — Vovó era conhecida em sua vila por fazer talismãs. Ela sabia muito sobre essas coisas.

Talismãs. Coisas que protegem as pessoas contra espíritos do mal. Percebi, então, naquele momento, como não sabia nada sobre vovó. Sobre nenhum deles, na verdade. Jamais adivinharia que vovô fora tão cético quanto mamãe ou que papai seria capaz de amaldiçoar o próprio pai.

— Vovô insistia em dizer que as coisas eram diferentes aqui — continuou papai, sua voz ficando mais severa — e que, mesmo que houvesse *duppies*, eles deviam ter perdido o poder aqui.

— E aí Passarinho pulou — sussurrei.

Tudo fazia sentido agora. É óbvio que vovô ficaria triste — ele praticamente desafiara um *duppy*. E também com raiva — do papai, de si mesmo. E é por isso que ele se preocupava tanto com coisas como *duppies*, arroz, alecrim e Eugene; estava tentando compensar o que fizera com Passarinho. Estava tentando nos proteger para não atrair outro *duppy*.

— Eu encontrei Passarinho — disse papai, com a voz embargada.

— Encontrou? — perguntei.

Ninguém jamais me dissera quem o encontrara. Ninguém nunca falava sobre aquela noite.

— Vovô estava comigo procurando Passarinho, e no momento em que achei meu filho, soube que ele estava... — Papai desviou o olhar. — Fiquei com tanta raiva do vovô que acabei fazendo algumas coisas bem ali, coisas horríveis. Não era uma maldição, não era para ser uma maldição. — Ele enterrou o rosto nas mãos, e seus ombros se sacudiram. — Tudo que eu sabia era que meu filho estava em meus braços, e, se não fosse pelo vovô, ele ainda estaria vivo.

— Mas como você o amaldiçoou? — insisti. — Por que não desfaz a maldição?

Papai balançou a cabeça.

— Não posso, Joia.

— Por que não? — perguntei, minha voz ficando mais alta. — Se você a lançou, então desfaza.

— Eu tentei. Vovó tentou. — Ele olhou para mim com os olhos vermelhos e balançou a cabeça. — Não sei como desfazer.

Eu me levantei.

— Como pôde fazer isso com vovô?

— Joia, não grite — advertiu mamãe.

O rosto dela estava triste e cansado.

Papai não disse nada.

— Como pôde lançar uma maldição sem saber como desfazê-la? — perguntei.

Vovô provavelmente conseguia ouvir cada palavra de seu quarto.

— Não sei, Joia, mas perdi meu filho aquele dia.

“E ganhou uma filha”, quis berrar. Enterrei as unhas nas palmas das mãos até elas começarem a doer e respirei fundo. Naquele momento, daria tudo para estar em um foguete com Eugene, voando para longe de todos.

— Vovô é uma pessoa boa. É gentil e interessante — declarei, encarando papai. — Ele não teve a intenção de matar Passarinho. Por causa disso você lançou uma maldição que o deixou mudo, e agora ele não quer mais cozinhar, cantar ou tocar seus instrumentos porque você calou o coração dele.

Papai se levantou.

— Joia, eu não quis que isso acontecesse. Por favor, tente entender.

Mas eu não havia acabado.

— E ainda diz que eu devo respeitar os mais velhos, mas olha só para você.

Seu rosto ficou tenso.

— Não é o que você está pensando, Joia...

— Você estava certo, papai — falei.

— Sobre o quê?

Ergui o queixo.

— Tem certas coisas que não dá para perdoar.

Mamãe olhou para mim por um longo tempo, os olhos marejados.



Vovô estava no quarto. Entrei correndo e me atirei em seus braços, e ele me abraçou de volta. Afastei-me e olhei para ele. Dava para ver em seu rosto que era tudo verdade. Cada palavra.

— Mas por quê? — perguntei, chorosa. — Por que não podemos desfazer a maldição?

Vovô balançou a cabeça.

— Vovô, quero que você fale — afirmei, olhando dentro de seus olhos.

Ele engoliu em seco, os lábios contraídos. *Eu sei.*

— Fala, vovô.



Peguei a mão dele e a apertei com força.

Ele apertou a minha de volta.

Foi então que ouvi papai e mamãe discutindo na sala. De novo.

Tentei ignorá-los.

— Vou descobrir o que é preciso para fazer você falar de novo — insisti. — Mesmo que isso seja uma maldição. Vou encontrar a solução. Vou, sim.

Vovô suspirou. Como se já houvesse desistido.

Isso me deixou com raiva.

— Por que Passarinho tinha o Pooba, e eu não tenho nada?

Seu rosto se desfez bem diante de mim, mas eu não me importava mais. Era verdade. Eu perdi tudo antes mesmo de ter a chance de lutar.

Vovô foi até a janela e observou o quintal, virando para que eu não pudesse ver a dor estampada em seu rosto. E, de alguma maneira, por mais que estivéssemos no mesmo quarto, parecia haver um oceano de distância entre nós.

A raiva latejava em meus ouvidos.

— Vovô, eu...

De repente, a voz do papai ficou mais alta:

— Para com isso, Rose. Não foi minha culpa.

— Ah, não? Você deixou que ele fugisse — replicou mamãe.

Algo no tom de voz deles me fez congelar.

— Eu não “deixei” — disse ele, irritado.

— Você estava cuidando do seu precioso jardim. — A voz da mamãe escalava as paredes.

— Não sabia que é preciso vigiar as crianças? Eu disse para você vigiar nosso filho!

Vovô olhou fundo em meus olhos, e o medo estava estampado em seu rosto.

— Foi só por alguns minutos — disse papai. — Você vai jogar aqueles minutos na minha cara pelo resto da vida?

— Aqueles minutos se transformaram em horas, e as horas se transformaram na vida do nosso *filho*.

Olhei de volta para vovô. Eles estavam falando da noite em que Passarinho pulara.

Eu não deveria estar ouvindo isso, percebi, mas não saí do quarto do vovô. Não os impedi de falar.

— Você não me falou que vovó entrou na casa com você — respondeu papai. — Ela estava brincando com ele.

— Ah, então eu tinha que fazer tudo nesta casa? Cozinhar, limpar, vigiar Passarinho e parir uma criança sozinha, tudo ao mesmo tempo? Como isso funcionaria, Nigel? Só para você ficar em seu jardim e sonhar com a Jamaica?

— Se eu soubesse que você estava entrando em trabalho de parto, não estaria no jardim. Sabe disso.

Pude ouvir papai atravessando a sala, e mamãe o seguindo.

— As pessoas não planejam parir, Nigel. Bebês vêm quando querem. E, se estão algumas semanas adiantados, nascem semanas antes.

Vovô veio até mim e me sentou em sua cama, então fez menção de sair, para interromper a briga, mas segurei seu braço. *Não. Eu preciso saber.*

— Você podia, pelo menos, ter dito alguma coisa — disse papai. — Qualquer coisa. Como eu poderia saber que vovó não estava mais com Passarinho?

— *Passarinho* — cuspiu mamãe. — Odeio esse nome. O nome dele é *John*, e eu jamais deveria ter deixado você cuidando dele!

— Você não faz ideia do quanto procuramos por ele! — Papai soluçou de repente, suas palavras esganiçadas como as de uma garota. — Sabe o quão assustado...

— Acha que é fácil estar em trabalho de parto enquanto seu filho está desaparecido? — gritou mamãe. — Você acha que eu queria estar parindo Joia? Eu não queria Joia! Eu queria meu filho! Onde está meu filho? Meu filho... John, meu filho...

Naquele momento, meu coração ficou dormente. Não senti absolutamente nada. Se alguém tivesse cavado em meu peito com uma pá enferrujada, arrancado meu coração e batido nele como se fosse um camundongo, acho que eu nem teria percebido.

“Eu não queria Joia! Eu queria meu filho!”

Eu nunca fui desejada. Nem no momento em que estava chegando ao mundo.

Levantei-me da cama do vovô e abri a porta devagar. Mamãe chorava com a cabeça enfiada nos braços cruzados sobre a mesa da cozinha. Papai estava à porta, colocando os sapatos. Eu os observei. Embora não devesse ter nascido prematura, mesmo assim eu fiz minha parte. Havia tentado de tudo para fazê-los felizes. E eles deveriam me querer, mas não queriam. Não fizeram a parte deles.

Não haviam nem tentado.

Mamãe ergueu a cabeça.

— Joia? — disse ela, parecendo surpresa. Era como se ela tivesse esquecido que eu existia.

Não respondi. Se meus pais nunca me quiseram, então eu era apenas um fardo para eles. Fora perda de tempo tentar agradar-lhes. Sempre fora impossível, e eu não sabia.

Até aquele momento.

Papai terminou de amarrar os cadarços.

Se papai não gostasse tanto de jardinagem, talvez tivesse encontrado Passarinho antes de ele pular. Eu teria um irmão e seria querida. Se vovô não tivesse inventado o apelido Passarinho, talvez não houvesse nenhum *duppy* para sussurrar que ele saltasse do penhasco e talvez papai não tivesse lançado nenhuma maldição nele. Quem sabe mamãe tivesse deixado papai me ensinar sobre os *duppies*, e eu também teria ficado longe do penhasco.

Talvez eu simplesmente não me importasse mais.

— Joia? — Dessa vez foi papai quem me chamou.

Passarinho e eu somos mesmo um sistema binário fechado. Ele é parte de mim. E Passarinho voou para longe. Meu irmão também não se importava com o que eles pensavam.

Ambos estavam me olhando.

— Você não me queriam — falei, com calma. — Nenhum dos dois.

— Ah, Joia — disse mamãe, ruborizada. — Eu não...

— Você só queriam Passarinho. Mesmo que tenham ganhado a mim naquele dia também.

— É claro que queríamos você, meu amor — falou papai. Mas ele não se aproximou.

— Depois que Passarinho se foi, vocês desistiram.

— Você entendeu mal — disse papai, endireitando os ombros.

— E quanto a mim? — perguntei.

— Como assim? — questionou mamãe.

— E quanto a mim? — repeti mais alto.

Meus pais me olharam como se eu estivesse crescendo, preenchendo toda a sala. Atrás de mim, ouvi os passos do vovô se aproximando.

— Tudo é sobre Passarinho. E ele está morto.

Mamãe engoliu em seco.

— Passarinho está morto.

— Joia — disse papai.

— Enterrado. Morto.

Mamãe se mexeu.

— Agora...

— Você jogaram minhas pedras fora. — Fiquei surpresa por minha voz não falhar. Pelo contrário: estava forte. Firme. Fria. — Você foram ao penhasco e jogaram fora minhas pedras. Nem ao menos tentaram entender. Eu odeio vocês.

— Joia Campbell — repreendeu papai, engrossando a voz —, não fale desse jeito com seus...

— Você nem ao menos tentaram entender — repeti, os punhos fechados. — Você nunca me quiseram. Não precisam mais fingir.

Papai engoliu em seco.

— Estou saindo — anunciei, indo em direção à porta.

— Joia, precisamos conversar — disse mamãe.

— Não — respondi.

Papai colocou a mão em meu ombro.

— Senta aqui.

— Não encosta em mim! — gritei e pulei para longe dele como um animal selvagem.

Vovô parou a meu lado, seus olhos em chamas. Apontou a porta com o queixo. *Vou com você.*

Silêncio.

Mamãe e papai se entreolharam por um longo tempo, trocando pensamentos com os olhos.

— Esteja em casa até a hora do jantar — disse mamãe. Sua voz estava pesada.

Saí correndo, e vovô acompanhou meu ritmo. Ele não disse nada, é claro, mas não havia mesmo nada a dizer. O que ele poderia ter feito? Como poderia existir uma distância tão grande entre pessoas que moravam juntas, sob o mesmo teto?

Eu nunca, nunca me sentira tão sozinha.

— Não é justo, vovô — sussurrei.

Então, ele parou no caminho de cascalho e me abraçou. E, pela forma como fez isso, percebi que ele queria alcançar meu coração e apertá-lo com força para tirar cada gota de tristeza, como o sabão sujo de uma esponja. O problema é que não funcionou.

Os músculos de minhas costas se retesaram, e cheguei à conclusão de que não queria que as pessoas sentissem pena de mim. Nem mesmo o vovô. Naquele instante terrível, eu soube que jamais teria o que queria: que eles entendessem como o círculo era importante para mim, como o penhasco era especial, que eu queria ser geóloga, cavar em busca de pontas de flecha e ser eu mesma.

Só que eles jamais fariam isso. Nem vovô. Na verdade, ele seria a primeira pessoa a me impedir de ir ao penhasco.

Uma fissura, larga e escura, abriu-se em meu peito, e vários juramentos transbordaram dela: não me importo mais em fazer as pessoas felizes. Não preciso de ninguém. De agora em diante, farei o que quiser.

Vovô se afastou de mim de repente. Eugene se aproximava e vinha em nossa direção. O maxilar do meu avô se contraiu, e era quase possível ver seu coração imenso se fechando, como se o grande abraço que ele me dera jamais tivesse acontecido. Vovô jamais aceitaria Eugene. E isso me deixou com ainda mais raiva.

— Ei — chamei Eugene.

Vovô agarrou meu cotovelo. Lancei-lhe um olhar.

— Eugene não é um *duppy*, sabia? — falei, puxando meu cotovelo.

Eugene acenou de volta, sem jeito. Ele podia ser o melhor amigo do mundo, mas também nunca aceitaria vovô. Ou jamais entenderia como os *duppies* haviam arruinado nossas vidas.

O rosto do vovô se contorceu de raiva.

A fissura dentro de mim cresceu, abrindo-se ainda mais.

— Eugene não é um *duppy* — repeti para ele, mais alto. Eu tinha certeza de que Eugene podia me ouvir.

— Oi, Joia — cumprimentou Eugene, parando a uns dez passos de distância. — E avô da Joia — acrescentou, tenso, antes de se dirigir novamente a mim. — Queria saber se você está a fim de fazer alguma coisa.

Os olhos de vovô se estreitaram. Ele começou a me arrastar de volta para casa. E eu sabia que era porque ele estava tentando me proteger e tudo o mais, mas puxei meu braço pela segunda vez e fui até Eugene. Vovô correu atrás de mim e tentou me puxar, agarrando a parte de cima de minha camiseta, revelando o cordão de ouro.

Vovô ofegou.

Virei para ele, dizendo:

— Para com isso!

Eugene parecia constrangido.

— Posso voltar mais tarde...

— Estou de saco cheio disso! — gritei para os dois.

Corri, meus pés acelerando na direção do penhasco. Aquele era o penhasco que viu Passarinho pular, que guardava meus seixos, que me deu minhas pedras e assistiu a elas caírem. Como se fosse um ímã, ele me puxava, e eu corri até ele, como um pássaro voando para casa.

Eugene me seguiu, mas, dessa vez, fui mais rápida. Disparei pela estrada e atravessei a plantação. Os pés de milho já estavam mais altos do que eu, escondendo-me, suas espigas escuras, porém ainda brilhantes, estavam maduras e prontas para a colheita. Elas me observaram disparar pelo campo, em direção à pradaria de grama alta, pesadas de sementes e eternidade. Meus pés me carregavam como um vórtice de vento, soprando-me pelo caminho e na direção do penhasco.

Meus pulmões não estavam cansados, nem mesmo ofegantes. Quase voei pela trilha, meus pés mal tocavam o chão. Eugene estava atrás de mim, e seus passos empurravam as pedrinhas e os galhos para o fundo da terra. Logo a trilha desembocou no penhasco, e eu ignorei meus seixos e o lugar vazio onde ficava meu círculo de pedras.

Cheguei ao rochedo muito antes dele. Os apoios para as mãos estavam lá, um depois do outro, exatamente como eu sabia que estariam. Meus dedos se tornaram garras de aço, meus pés se transformaram em pontas de ferro, e eu escalei a superfície áspera da rocha. Sabia que não faltava muito para que Eugene alcançasse o penhasco, por isso escalei mais rápido do que nunca. Minhas pernas poderosas me empurravam cada vez mais para cima, passando pela saliência onde Eugene e eu havíamos sentado; mão após mão, eu me aproximei do último ponto seguro, a partir do qual a rocha se transformava em parede lisa e erodida, e os apoios para as mãos eram meras covinhas, o ponto onde eu sempre dava meia-volta.

Mas não dessa vez. Como poderia? Eu chegaria até o topo do rochedo e não precisava da ajuda de Eugene nem de mais ninguém. Não precisava mesmo de ninguém. E quando alcançasse o topo, eu voaria, como Passarinho. Isso faria com que papai e mamãe finalmente me vissem. E se eles ficassem tristes ou com raiva, a culpa seria só deles. Eles jogaram minhas pedras do penhasco, e elas faziam parte de mim, então por que eu não deveria ir também?

Eugene surgiu de repente no penhasco, saltando por cima dos meus seixos, lançando-se ao rochedo.

— Joia! — gritou ele, içando-se na rocha de granito. — Por favor, para!

Eu não pararia de jeito nenhum. Muito acima do ponto seguro, os apoios para as mãos eram ainda piores do que eu esperava, e as pontas de meus sapatos arranhavam a rocha, tentando encontrar aderência. Estranhamente, meus dedos, meus braços e minhas pernas ainda não

estavam cansados — era como se uma energia formigante tivesse sido injetada em meu sangue — e a menor fenda na rocha era o bastante para que eu continuasse escalando, o suficiente para suportar meu peso. Nunca sentira nada assim antes, aquela sensação de poder e controle absolutos sobre meu destino.

Eu era invencível.

Eugene havia chegado à saliência agora e procurava freneticamente os apoios que eu usara.

— Qual é, Joia! — gritou ele. — Não faça isso!

Olhei para baixo e vi seu rosto completamente transtornado, mais assustado do que eu jamais vira.

Eu não disse nada. Nem mesmo ele poderia me impedir.

Pelo canto do olho, vi Eugene se esticar até um apoio — não um dos que eu usara, não um dos bons — e chegar ao próximo.

— Vai embora! — gritei.

Então meu corpo vacilou um pouco, e eu volvei os olhos para meus próprios apoios. O topo do rochedo estava a uns seis metros, e eu sabia que Eugene estava se aproximando. Ia gritar para ele que já tinha visto o caminho que ele estava tomando, que ele ficaria preso, mas naquele instante encontrei a reentrância seguinte na pedra, a próxima curvinha onde apoiar a ponta do pé, e, olhando um pouquinho mais adiante, eu vi o melhor caminho para o...

— Joia! — gritou Eugene.

Foi um grito rude e primitivo. Meu coração parou quando ouvi o som suave de dedos escorregando. Olhei para trás bem a tempo de ver a curva das mãos dele, ainda contraídas, mas, dessa vez, segurando o nada; vi seus olhos se arregalarem, imensos e brancos, contrastando com sua pele escura, olhos aterrorizados vidrados nos meus, sua boca aberta em um O...

E então ele caiu de costas no ar.

— *John!* — Um grito agudo veio de um lugar escuro e profundo dentro de mim.

O corpo dele pareceu flutuar no ar por um momento, tão indefeso, tão prestes a ser puxado para baixo pela gravidade, pelas forças e por todas as outras coisas que a gente não consegue ver. E quando ele estava lá, suspenso no ar, vovô surgiu correndo da trilha, a tempo de vê-lo caindo e me ouvir gritar “John!”. Sua boca então se abriu e, dessa vez, um berro deformado, angustiado e animalesco saiu de sua garganta. Imóvel, eu assisti a Eugene cair. Vi seu corpo mergulhar pelo céu e atingir o chão à base do rochedo.

E ouvi vovô gritar.

Eu também gritava alguma coisa enquanto corria até a casa do sr. Williamson, o paramédico de meio período que morava mais perto do penhasco, gritava algo sobre “John” e “o penhasco” e “caiu”. Não sei por quê, mas ele olhou para mim por um tempo — tempo demais — como se eu fosse louca, como se John já estivesse morto.

## CAPÍTULO VINTE



Finalmente o sr. Williamson saiu da soleira de sua porta, mas só depois que fui capaz de balbuciar “*Eugene*, não John”. Então ele começou a bater nos bolsos como um louco, procurando as chaves, e subimos em sua picape, seguindo rapidamente para o penhasco. Ele já havia ligado para a emergência, mas, como o penhasco era muito isolado, eles levariam um tempo para chegar lá.

Ele não olhou para mim durante todo o caminho. Nem uma vez. Seus ombros tensos quase tocavam suas orelhas.

Minha boca não parava de se mexer.

— E ele não tinha a intenção de cair, mas eu o vi cair e agora ele está na base do rochedo, ele estava tão assustado e a culpa é toda minha...

Minha respiração entrava e saía em sopros rápidos, até que começaram a aparecer pontos brilhantes em minha visão.

— Joia, respire devagar — orientou o sr. Williamson. — Vai desmaiar se não tomar cuidado. Verei o que posso fazer. — Ele estava usando sua voz profissional.

Então voou pela County Line Road e pela trilha. Quando chegamos lá, vovô estava inclinado sobre Eugene, ajoelhado na terra. Eugene não se movia. Vovô se levantou depressa e veio até nós.

O sr. Williamson saiu do carro e pegou o kit de primeiros socorros no banco de trás.

— De que altura ele caiu? — perguntou para mim.

— Uns dez metros — respondeu vovô.

Sua voz era um sussurro rouco, como um caso ruim de infecção de garganta ou uma dobradiça enferrujada, mas estava lá. Sua voz.

Os olhos do sr. Williamson se arregalaram.

— Dali — continuou vovô, apontando o lugar um pouco acima da saliência. Ele parou e ficou olhando o sr. Williamson observá-lo. — Então? Faça alguma coisa!

O paramédico correu até Eugene, ajoelhou-se no chão ao lado do kit e se inclinou sobre ele. Parecia que meu coração ia explodir. Olhei para o sr. Williamson, que estava preparando seu

equipamento, e para vovô, que estava falando com o Eugene inconsciente. *Falando*. E, no meio de todo o horror, eu ri.



Olhando para trás, acho que posso dizer que a maldição na boca do vovô foi quebrada naquele dia, mas por que nem o papai, nem a vovó e nem o próprio vovô haviam conseguido fazer isso antes eu nunca saberei. Tudo o que sei é que coisas especiais acontecem em lugares especiais, e às vezes os mistérios são exatamente assim. Mas, na verdade, há lugares especiais em toda parte. Acho que um lugar pode ser especial simplesmente porque *é* — foi especial desde o início dos tempos e será assim até o fim, como o penhasco —, e outras vezes é especial por causa do que fazemos quando estamos lá.

Como, por exemplo, o hospital. Quando a ambulância deixou Eugene no hospital e os médicos o levaram para dentro, o próprio vovô achou um telefone e ligou para papai e mamãe, pedindo que viessem nos encontrar. Acho que isso fez do hospital um lugar bem especial, e daquele telefone, um telefone bem especial.

Durante dias, vovô e eu percorremos o total de cento e trinta quilômetros, ida e volta, para acompanhar Eugene enquanto consertavam sua clavícula, a costela e o braço, e tiravam os raios X para que os médicos examinassem tudo dentro dele. Durante as horas dirigindo e a espera, embora não possa dizer que vovô tenha tagarelado, foi exatamente isso que pareceu, considerando que ele não pronunciara uma única palavra desde que eu nascera. Ele dizia coisas como “tudo bem, Joia?” e “que tal você trazer aqueles dominós?”, e a cada vez que ele falava, suas palavras ficavam mais fortes, sólidas e presentes, como se alguém as tivesse espanado e descoberto que, por baixo da fina camada de poeira, havia uma montanha de granito.

Uma chuva boa caiu durante aqueles dias, tamborilando nas janelas da sala de espera. O sr. McLaren ficava conosco. Ele não falava muito e não se sentava tão perto de nós, mas, considerando que quase matei seu sobrinho, não o culpava. O sr. McLaren via Eugene sempre que era possível e nos avisava que ele estava se recuperando. Além disso, segundo ele, os pais de Eugene estavam a caminho. Uma grande tempestade no leste do país estava atrasando o voo, mas eles estavam vindo.

Congelei quando o sr. McLaren me contou isso. O que eu diria aos pais de Eugene? Que me senti invencível e não pensei no filho deles, que quase morreu ao tentar me salvar? A vergonha envolveu meu coração, e o poder que eu sentira ao escalar o rochedo se esvaiu.

Naquela mesma tarde, as enfermeiras decidiram que Eugene podia receber visitas. No entanto, não foi muito proveitosa, porque ele dormia quase o tempo todo. Estava tão diferente



em sua cama de hospital, tão magrinho e fraco. Mal conseguiu levantar a cabeça quando nos viu.

Foi difícil vê-lo assim, todo frágil e indefeso, porque eu tinha certeza de que ele não gostaria de ser visto daquele jeito. E foi ainda mais difícil porque eu sabia que ele só havia se machucado porque estava tentando me ajudar, convencer-me a descer do rochedo. Se eu não tivesse escalado tão alto, nada disso teria acontecido.

E o mais estranho é que, embora ele tenha se machucado por mim, *eu* sentia dor em todos os lugares, estava ferida por dentro. Passarinho e eu podíamos ser um sistema binário fechado, mas acho que Eugene e eu também éramos. Achava que não dava para ser um sistema binário fechado com mais de uma pessoa, mas talvez, se tiver muita, muita sorte, você até possa. Se todos tivessem pessoas à sua volta dessa maneira, ninguém iria querer viajar para o espaço e nunca mais voltar.

No dia seguinte, na sala de espera, alguém me cutucou no ombro.

— Sim? — respondi, virando-me.

Era o sr. McLaren, com duas pessoas a seu lado. O cabelo castanho-claro do homem caía por cima dos óculos, como se precisasse de um corte, mas estivesse ocupado demais para se dar conta disso. A mulher, é claro, estava grávida.

— Joia — disse o sr. McLaren —, estes são os pais do Eugene.

Levantei-me e respirei fundo.

— Oi — cumprimentei, educadamente. — É um prazer conhecê-los.

Estendi a mão, tentando parecer madura e tal. Então, para minha desgraça, irrompi em lágrimas. Como tive coragem de fazer aquilo com eles? Tudo o que eu queria era ser compreendida, mas acabei machucando todo mundo, desapontando todo mundo — se ninguém mais quisesse falar comigo, não os culparia, nem em um milhão de anos.

Por isso, fiquei surpresa ao ouvir alguém fungar. Olhei para cima e vi a mãe de Eugene enxugando as próprias lágrimas. O rosto do pai de Eugene era solene, sua postura estava muito ereta.

— Sinto muito — sussurrei. — Não tive a intenção.

Eles ficaram parados, constrangidos, na minha frente. Então, para minha surpresa, os ombros do pai de Eugene envergaram, e ele começou a chorar também. A mulher o abraçou, e eles choraram juntos por um longo tempo.

Então, para minha surpresa ainda maior, a mãe de Eugene se virou para mim e me incluiu no abraço, e o pai de Eugene passou seus braços ao redor de nós duas. Eles estavam com um cheiro estranho, um cheiro de presos-no-aeroporto, o que fez com que me sentisse ainda pior. A vida deles havia parado por minha causa.

— Ficamos apavorados quando Tim ligou — disse o pai de Eugene quando nos afastamos; sua voz era surpreendentemente profunda para um cara tão magro.

Assenti, melancólica. O que mais poderia dizer?

— Nós amamos tanto Eugene — acrescentou a mãe dele, ainda chorosa. Sua mão repousava na barriga redonda.

Engoli em seco.

— Sinto muito — sussurrei de novo.

— Não dá para mudar o passado, Joia — disse o pai dele, balançando a cabeça. — Temos que conviver com nossos erros. — Fez uma pausa. — Tenho certeza de que você vai se lembrar disso por muito tempo.

Fitei meus sapatos. Até o dia em que eu morrer.

O rosto dele se suavizou.

— Mas, Joia, temos que agradecer a você.

Ergui os olhos, confusa.

— Agradecer pelo quê?

A mãe dele abriu um sorriso triste.

— Sabemos que Eugene tem passado por um momento difícil. Não sabíamos mais o que fazer.

O pai de Eugene a olhou, constrangido, e enterrou as mãos nos bolsos da mesma forma que Eugene faria. Então pareceu se recompor e ajustou os óculos no nariz, respirando fundo.

— Eugene mudou muito neste verão, e para melhor. — Remexeu-se desconfortavelmente. — Quando o vimos agora há pouco, ele só perguntava de você. — Seus lábios se curvaram.

A mãe dele concordou.

— Nós também cometemos alguns erros — acrescentou, ruborizada. — Você tem sido uma amiga muito preciosa, Joia.

Observei atentamente a estampa de florzinhas verdes em seus sapatos. Os pais dele certamente não sabiam das coisas horríveis que eu havia gritado para Eugene quando descobri a verdade sobre seu nome.

O pai dele pigarreou.

— E devo dizer que nosso filho escolheu uma mocinha muito inteligente para ser sua amiga. — Devo ter feito uma cara muito confusa, porque ele acrescentou: — Eugene falou de você. Você será uma geóloga famosa um dia, com todo esse conhecimento. — Ele afastou o cabelo dos olhos. — É bem difícil impressionar nosso filho.

Um calor me preencheu da cabeça aos pés. Quer dizer, Eugene disse que eu me tornaria uma ótima cientista, mas jamais pensei que ele falaria de mim para os pais. Olhei para vovô; ele também parecia orgulhoso. Os pais de Eugene seguiram meu olhar.

— Esse é o meu avô — falei.

A mãe de Eugene prendeu uma mecha de cabelos loiros atrás da orelha.

— Joia é uma menina e tanto — disse ela.

— Boas sementes se tornam boas árvores — falou vovô.

Jamais ouvira aquela expressão antes, mas gostei.



Na noite antes de Eugene deixar o hospital, ficamos em seu quarto, brincando de levantar e abaixar a cama.

— Ei, Joia — disse ele —, quer um pouco do meu bolo de carne? — Eugene cutucou a comida com o garfo.

— Não — respondi —, parece demais com a comida da mamãe.

Ele sorriu, e eu sorri também, até que me lembrei de que mamãe não cozinhava mais, então suspirei.

Eugene estudou meu rosto.

— Está pensando em sua mãe, não é?

Assenti.

— Sabia! — disse, sorrindo. — Está vendo? Sou vidente.

— Não — respondi —, você é um... como é o nome da outra estrela em um sistema binário fechado?

Os olhos dele ficaram sérios.

— Uma estrela companheira.

Estalei os dedos.

— É isso. Você é minha estrela companheira.

Ficamos ouvindo o zumbido das máquinas e o ruído dos tênis das enfermeiras conforme elas passavam. Fiquei espantada quando Eugene segurou minha mão, mas foi o tipo de espanto de quando você ganha um presente inesperado. Ficamos sentados de mãos dadas por um bom tempo, conectados como aquelas estrelas.

Mas havia algo me incomodando, e afastei a mão.

— Eugene — falei, em voz baixa —, é culpa minha você estar aqui, sabe?

Eugene desviou o olhar.

— Se eu não tivesse escalado o rochedo, você não teria me seguido, e nada disso teria acontecido — continuei. — Eu estava sendo uma burra. Você podia ter morrido. — Senti um aperto na garganta. — Estou tendo pesadelos horríveis todas as noites desde o acidente.

Eugene abriu a boca para dizer algo, mas, bem naquele momento, uma enfermeira entrou, checou o pulso dele e fez algumas anotações em uma ficha. Eu odiava quando as enfermeiras apareciam; elas falavam com Eugene como se ele fosse um bebê, como se não fosse inteligente, forte ou corajoso pra caramba. Para minha surpresa, parecia que ele não se importava.

Depois que ela se foi, Eugene disse em voz baixa:

— No início, fiquei muito chateado com você. O que fez foi muito idiota. — Ele fez uma pausa. — Mas você podia ter caído em vez de mim. — Seus olhos estavam sombrios e

profundos. — Fico muito feliz que não tenha sido assim. Então ele desviou o olhar, e a respiração de nós dois ficou mais aliviada. — Além disso — continuou ele —, você me ajudou a perceber uma coisa.

Franzi a testa.

— O quê?

— Talvez não seja a melhor coisa do mundo ser astronauta. Quer dizer, será que não é muito solitário?

Sorri.

— Não, pelo que sei, tem muitas pedras para conversar.

— Então talvez você que deveria ser, e não eu.

Gargalhei e balancei a cabeça.

— Pode esquecer. Minha família tem um problema com altura.

Eugene gargalhou até começar a sentir dor, e tivemos que nos acalmar.

— Que dia é hoje? — perguntou.

Eu respondi.

O rosto dele se iluminou — não como antes, porque ele ficava cansado bem rápido, mas ainda assim.

— As Perseidas. Elas começam hoje — disse ele.

Apaguei as luzes e corri para a janela. Só precisei olhar alguns minutos até ver um feixe de luz desenhar um arco iluminado no céu.

— Ai, meu Deus! — gritei.

Foi tão bonito que fiquei sem fôlego.

— Você viu alguma? — perguntou ele, esticando-se de sua cama.

Antes que pudesse responder, vi outra. E então mais uma.

— E é só o começo — acrescentou ele. — A melhor hora é no meio da noite, quando estamos voltados para a parte da frente na rotação da Terra, de cara para o espaço.

Não é fácil convencer uma enfermeira de que dois jovens em um quarto escuro estão realmente tentando ver uma chuva de meteoros — não até que a enfermeira veja um meteoro e perca o fôlego, e não, *de verdade*, até que Eugene comece a discorrer sobre a diferença entre meteoros e cometas. Só depois disso ela acreditou na gente e nos deixou observar as Perseidas. E mesmo assim, só com a permissão dos pais de Eugene e a porta aberta, é claro.



No hospital, vovô parecia ficar mais calmo perto de Eugene — não sei se foi porque ele se sentiu culpado por ter sido tão malvado antes ou por perceber que *duppies* não podem tirar

raios X e por ter chegado à conclusão de que estava errado. Ou talvez vovô tenha se dado conta de que Eugene tivera algo a ver com o fim de sua maldição, portanto meu amigo não podia ser tão ruim, mesmo se fosse um *duppy*. Talvez ele fosse um dos bons. Qualquer que fosse o motivo, vovô estava assoviando quando chegamos em casa, naquela noite em que começaram as Perseidas, e nem precisou perguntar se eu queria, ele já sabia: nós sentamos no capô do Buick e ficamos observando os meteoros no céu, indo de um infinito a outro.

Dei um tapa em um mosquito em meu pescoço, mas era tarde demais: ele já havia me picado. Pus a mão por dentro da camiseta e cocei.

Vovô ficou me observou coçar o pescoço e deve ter visto o colar, porque balançou a cabeça e disse:

— Sabe, isso é da vovó. — Ao ver o olhar de espanto em meu rosto, acrescentou: — Ela usava o tempo todo. Eu o guardei atrás do retrato dela na sala.

O colar devia ter se soltado quando o porta-retratos caiu.

— Mas por que você o deixou lá? — perguntei.

Os olhos dele se enrugaram.

— Eu o deixei lá — disse, esfregando o braço com a outra mão — para que pudesse continuar perto dela.

Outro meteoro iluminou o céu. O ar da noite se ancorou dentro de mim.

— Se o colar é da vovó... ele é um talismã? — perguntei.

Vovô deu de ombros.

— Ela dizia que o colar dava sorte, mas acho que, na verdade, ela o usava porque era bonito.

E, pelo modo como vovô me olhou, eu soube que ele estava me dizendo que o cordão ficava bonito em mim também.

Eu o abracei, e ficamos observando as Perseidas até que nossos corações estivessem preenchidos. Talvez não tenha sido coincidência ter encontrado aquela corrente e a minha sorte ter mudado, mesmo que não tenha parecido, a princípio. Ou talvez tudo fosse um mero acaso e o colar fosse apenas um colar. A verdade era que eu não sabia mais o que era o quê, se eram coincidências ou sorte, ou *duppies*, ou espíritos, ou Deus, ou outro mistério. O importante é que tive o bom senso de abrir meus braços e dizer sim.



Mesmo assim, fiquei surpresa quando encontrei um livro de geologia de capa dura brilhante sobre minha cama, um dia. Falava sobre os minerais, as pedras preciosas e os fósseis mais importantes da América do Norte. Era lindo. Segurei o livro no peito com ternura e estava a

caminho do quarto do vovô para perguntar se o presente era dele quando vi meus pais na sala de estar, sentados em silêncio, serenos.

Não precisei perguntar, e eles não precisaram me dizer.

— Obrigada — falei.

Mamãe assentiu. Os lábios de papai se contraíram em um sorriso orgulhoso.

— Achamos que você fosse gostar — disse ele.

— Eu gostei — confessei, e então senti um nó na garganta. — Mas não posso ficar com ele.

Quase engasguei ao dizer as palavras. Estendi o livro para eles.

Mamãe inclinou a cabeça e perguntou:

— Por que não?

— Não temos dinheiro para isso. E não estou mais interessada em pedras.

A sala ficou em silêncio. Um tipo diferente de silêncio.

Como poderia explicar que tudo dava errado quando tentava ser eu mesma?

Meus pais se entreolharam por um bom tempo. Por fim, mamãe pigarreou.

— Foi muito difícil sair de meu emprego, confrontar o sr. Robinson. Mas eu sabia que estava fazendo a coisa certa. Se escondesse quem sou, jamais seria capaz de ficar em paz comigo mesma. — Ela se ajeitou no sofá, desconfortável. — Está entendendo o que quero dizer?

Assenti. Meu coração estava pesado quando olhei para ela. Ainda havia um certo abatimento em seus olhos. Ela ainda estava triste. Mas dessa vez era diferente.

— E às vezes precisamos ceder. — Mamãe indicou com a cabeça um canto perto da janela da cozinha. — Papai e eu conversamos e decidimos que aquele é o lugar em que deixaremos o coqueiro durante o inverno — disse ela. — Se as mudas sobreviverem.

— É claro que vão — disse papai.

Os cantos de seus lábios se curvaram, como faziam os do vovô. Então ele limpou a garganta e disse:

— E quanto ao penhasco, Joia...

Aguardei.

— O solo é muito bom por lá.

Olhei para ele, pasma.

— Podemos plantar uns pés de alecrim para proteger você. — Esfregou o nariz. — E tenho água benta. É forte. Leve com você quando for.

Foi então que percebi que eles ainda não entendiam o penhasco — talvez nunca entendessem — mas estavam tentando. Todos estávamos.

E isso teria que ser suficiente.



Vovô também estava tentando, pude perceber pela forma como a cozinha se encheu de repente com o cheiro de *curry*, alho e tomilho. E não nos deixava ajudar — ficávamos sentados à mesa, e ele nos servia. Sempre servia papai primeiro. É engraçado tudo o que é possível dizer pela maneira que você põe um prato na frente de alguém. Pode-se dizer “me desculpe” ou “vamos tentar de novo”, ou “eu te amo”. Mesmo que vovô tivesse voltado a falar, para certas coisas, ele não precisava mesmo das palavras.

Uma noite, depois do jantar, ninguém fez menção de limpar a mesa, o que era estranho. Eles se entreolharam. Eu estava prestes a me levantar para tirar os pratos sujos quando mamãe disse rapidamente:

— Sinto muito que você tenha sido obrigada a ouvir as brigas entre seu pai e eu, Joia. — Ela se agitou, desconfortável. — Não era para você ter escutado aquelas coisas. Quando se está brigando e sofrendo muito, a pessoa às vezes acaba dizendo muitas coisas que não gostaria.

Aguardei. Mesmo que ainda estivesse com raiva dela e que não quisesse entender, percebi que entendia um pouco. Quando descobri o verdadeiro nome de Eugene, senti tanta dor que as palavras simplesmente jorraram de minha boca. Talvez fosse disso que mamãe estava falando.

— Quando se está com raiva, a pessoa acaba dizendo as coisas de uma forma menos clara do que gostaria. — Mamãe olhou para o nada por um bom tempo e suspirou, como se tivesse um elefante em seu peito. — O que estou querendo dizer, Joia, é que eu queria muito ter dado à luz você sem precisar me preocupar com Passarinho — disse ela. — O dia em que você veio ao mundo deveria ter sido um dos momentos mais felizes da minha vida.

Os olhos dela se embaçaram. Olhei para baixo e fiquei mexendo em uma sujeirinha na mesa. Mamãe deu um suspiro trêmulo e bebeu um gole de café.

— Mesmo assim — continuou ela —, deve ter sido horrível ouvir aquilo.

Ela olhou para papai, que pigarreou.

— É fácil se esquecer das outras pessoas quando estamos sofrendo — falou, inquieto em sua cadeira. — Não queríamos machucar você, Joia. Nunca foi nossa intenção.

Vovô pegou o toca-fitas que estivera escondendo em seu colo o tempo todo e o colocou sobre a mesa. Olhou para mim e deu um leve sorriso, então apertou o botão.

Meu cérebro estava uma bagunça. Eles estavam mesmo dizendo que eu tinha razão de sentir raiva? De qualquer maneira, eu queria muito apertar o *stop* e parar a fita, porque a última coisa que queria ouvir era outro momento feliz entre eles e Passarinho.

Estava ficando muito agitada quando as primeiras palavras saíram do toca-fitas.

“Olá, Joia.”

Meu queixo caiu. Era uma fita antiga, e a voz da mamãe estava mais jovem. Como...?

“Oi, meu amor. Aqui é o papai. Está tudo bem aí dentro? Pronta para sair?”

Olhei para meus pais e para vovô. Meu lábio inferior tremeu. Eles sorriam para mim do outro lado da mesa. Voltei a observar o toca-fitas, e meus olhos se colaram nele, como se minha vida dependesse disso.

“Não, ela ainda não vai sair por enquanto”, disse a voz da vovó enquanto a fita continuava. “Aposto que ela ainda está lendo o jornal, estudando para ser uma futura presidente.” Uma pausa. “Ei, Joia, nós amamos você e estamos aqui esperando, viu?”

Surgiu um nó em minha garganta. Quase podia vê-los aglomerados em volta do gravador, falando no microfone. Só para mim.

“Você vai amar o cozido do vovô”, dizia vovó. “Aposto que vai querer comer no mesmo dia em que sair daí. Nada de leite.”

“Ah, Gloria, pare com isso”, disse vovô. “Não é tão bom assim.”

“Deixe de falsa modéstia, você sabe que é”, respondeu ela.

Então, uma voz jovem.

“Você vai ser minha irmãzinha.”

Ofeguei.

“Mas não esquece que vou ser seu irmão mais velho, e você vai ter que me obedecer”, falou Passarinho.

Todos riram.

“Ah, Passarinho”, disse mamãe, “isso é tudo o que você tem a dizer a ela?”

“Hummm...”, disse Passarinho, pensando. “Não. Nós podemos brincar de Super-Homem. Você pode me dar seu sorvete. E você vai ser minha melhor amiga. Para sempre.”



Os pais de Eugene o levaram de volta para a Virgínia algumas semanas depois. Ele ainda se movia bem devagar e estava todo envolto em gesso e tipoias, mas pelo menos garantiram que ele tivesse um bom lugar no avião. De qualquer maneira, as aulas dele começariam em breve. Na noite anterior à viagem, ele estava na sala lá de casa. Eu desenhava em seu gesso.

— Está desenhando outra flor? — perguntou ele, torcendo o pescoço para tentar ver.

Sorri, peguei uma caneta hidrográfica vermelha e continuei desenhando na parte de trás de seu braço. Ele grunhiu.

— Olha, não quero chegar na escola coberto de flores.

— Estou fazendo presas pontudas nela. Viu? — respondi.

— Não, não vi, e esse é o problema. Não faço ideia do que você está desenhando.

Peguei uma canetinha azul.

— Então vai ter que usar sua ciência tão elaborada para descobrir. Ou espere até as meninas começarem a falar de você.

A parte boa de seu melhor amigo estar coberto de gesso é que ele não pode correr atrás de você por muito tempo.



No entanto, o humor dele mudou quando seus pais vieram buscá-lo. Estava tudo pronto para voltarem à costa leste. Eugene se remexeu, inquieto.

— Você realmente me ensinou uma coisa, sabia?

— O quê?

— Eu achei que Iowa ia ser um saco, mas há mais aqui do que eu esperava.

Seu rosto se contraiu. Achei que soubesse o que ele estava querendo dizer e, por algum motivo, isso me deixou envergonhada.

— A Horizonte de Eventos vai sentir saudade de você — falei. — O rochedo também.

Ele assentiu.

Então, tive uma ideia. Corri até o quarto e voltei. Coloquei minha coleção de pedras nas mãos dele.

— Estas são todas as minhas erráticas — informei.

— Irregulares — disse ele.

Meus olhos encontraram os dele.

— Em todo lugar.

Estava com o binóculo dele quando fomos levar sua família até o aeroporto, e aquele binóculo afundou em meu peito quando ele me deu o abraço de despedida mais forte do mundo. Usei o binóculo para olhar Eugene no céu o máximo que consegui, para segurá-lo em meu campo de visão até meus olhos doerem, até que o avião dele se fundiu ao infinito azul, muito azul.

No caminho de volta para Caledonia, entrei em pânico quando senti que o xolo de cerâmica ficara em meu bolso — planejara convencer Eugene a levá-lo mais uma vez. Mas então percebi que o fato de ter me esquecido de entregá-lo a Eugene talvez não fosse coincidência: talvez o lugar do pelado mexicano fosse mesmo na terra, onde Eugene o deixara. Só que o lugar dele não era em uma pilha de folhas. Vou enterrar meu cachorro no penhasco, pensei, e aquela ideia soou muito clara e alta. Uma calma estranha me envolveu. Coloquei a mão no bolso e segurei o pequeno cachorro. Seu rosto forte me encarou de volta, pronto para qualquer coisa.

— Parece que você tem que ficar perto de Passarinho — sussurrei para ele, e tive que sorrir. Porque o Xoloitzcuintli protege contra intrusos e espíritos do mal, e ajuda a guiar seu mestre em sua jornada pós-vida. Só no caso de Passarinho precisar de uma ajudinha extra a fim de encontrar seu caminho para casa.

A verdade é que perder Eugene pela segunda vez foi como estar vazia por dentro de novo. Só que dessa vez foi diferente. Estrelas em um sistema binário fechado são transformadas para sempre por suas companheiras, assim como Passarinho havia me mudado, e também Eugene e vovô e provavelmente outras pessoas no futuro que ainda não conheci. Ou até a sra. Jameson, que ligou para mamãe naquela mesma noite, avisou que estava precisando de uma ajudante na padaria e perguntou se queria trabalhar com ela. Elas não são um sistema binário fechado, mamãe e a sra. Jameson, mas a sra. Jameson com certeza foi muito importante para mamãe, já

que ela ficou feliz e animada por ter um novo emprego. Tenho certeza de que sra. Jameson não sabe nada sobre a comida da mamãe, ou sobre o Frango à Reserva, e vai ser interessante ver como mamãe se sairá com comida e fornos quentes. Mas sei que ela ainda é capaz de aprender coisas novas ou, pelo menos, desaprender como cozinava antes para reaprender da maneira certa. Isso me fez pensar em como estamos todos tão conectados, como tocamos uns aos outros sem nem perceber. E que, quando temos sorte, percebemos.

Era nisso que eu estava pensando quando sentei com vovô na varanda dos fundos, fedendo a repelente e me deliciando com o sorvete que mamãe comprara para comemorar o novo emprego. Vovô e eu surrupiamos umas bolas extras depois que papai e mamãe foram dormir. As Perseidas já tinham passado, mas elas vão voltar, dissera Eugene. Elas sempre voltam.

— Vovô? — perguntei.

— Sim, Joia — respondeu ele, atacando seu sorvete com a colher.

Eu amava o jeito com que ele dizia meu nome.

— Como se chama aquele instrumento que você toca?

A baunilha desceu gelada por minha garganta, agarrando-se ao interior de minha boca.

— É uma caixa de rumba, *mi love* — falou. — Alguns chamam de caixa de mento.

Também amava o jeito com que ele estava sentado perto de mim; nossas pernas quase se tocavam, e eu podia sentir o calor que emanava de sua pele, fazendo com que eu me sentisse segura e quentinha, mesmo com o ar noturno que esfriava cada vez mais.

— E quantos anos você tinha quando começou a cantar?

Ele riu e, naquele momento, sua risada já havia se tornado suave e macia.

— Desde que saí do útero, praticamente — contou ele. — Minha mãe, sua bisavó, dizia que eu estava cantando na noite em que nasci.

— É mesmo?

Ele assentiu.

Talvez fosse porque a lua estava quase cheia, observando-nos, mas, de repente, senti-me corajosa.

— Você pode cantar para mim? — perguntei, hesitante.

E, para minha surpresa, ele cantou.

# AGRADECIMENTOS

Estou nos ombros de gigantes. Estes são os gigantes da minha vida:

Kathi Appelt, pelo melhor abraço do mundo; Emily van Beek, a agente perfeita; Namrata Tripathi, pela compaixão e pela visão editorial, a pessoa que viu potencial neste livro desde o início; Emily Kokie, pela sabedoria e pelo apoio; Silvia Gomez, que respondeu com paciência a todas as minhas perguntas sobre o México e nunca se cansa de me lembrar quem eu sou; Stacy Jaffe, que esteve lá no começo e leu a primeira história de todas; Tom e Kristin Clowes, que têm o final-secreto-com-zumbis; H. T. Yao, cujo apoio incondicional me motiva; Padre jesuíta Michael Sparough, por sua proteção; Zach Lulloff, que ganhará o primeiro exemplar autografado; Brian Ballantine, que permitiu que eu faltasse a seu casamento para perseguir meus sonhos; Brenda Rodriguez e Miriam Hernandez, as primeiras meninas que capturaram meu coração; Christine Brown e Barbara Nelson, que leram a história inteira e me deram um *feedback* precioso sobre a Jamaica; e Keron Blair, que lidou pacientemente com minha pletora de perguntas sobre a Jamaica.

Agradeço também a Timothy Smith, Kathy Kearns, Deb Sfetsios-Conover, Emma Ledbetter, à equipe da Simon & Schuster, a Quinn Marksteiner, Bill Goldberg, Jennifer Newton, Esther Hershenhorn, Bob Raccuglia, Karen Bruno, Thomas Lynch, Amy Zajakowski-Uhl, Judith Ierulli, Erica Hornthal, Roseanne Lindsay, Gayle Rosengren, Darcy Pattison e à comunidade da paróquia de Santa Gertrudes, que me acolheu quando eu mais precisei. Agradeço a Molly Jaffa e Melissa Sarver, que encontraram a paixão neste livro e a multiplicaram por todo o mundo. Aos bibliotecários e à equipe da biblioteca Rogers Park, filial da Biblioteca Pública de Chicago, muito obrigada. Um agradecimento especial também à minha família, por ser o berço de todas estas histórias. Por fim, agradeço a Deus, o inefável, o misterioso e aquele que deve ser buscado.

## SOBRE A AUTORA

©Stacy Jaffe



CRYSTAL CHAN é filha de pai chinês e mãe de ascendência polonesa. Cresceu em meio a plantações de milho no Wisconsin e vem tentando encontrar seu lugar no mundo desde então. Com base em pesquisas e na própria experiência de ter sido educada em uma família multicultural, já publicou artigos em veículos como *The Guardian*, além de ministrar palestras e workshops e mediar grupos de discussão pelos Estados Unidos. Em Chicago, onde vive atualmente, é possível encontrá-la passeando de bicicleta pela cidade e batendo papo com sua tartaruga de estimação. *Passarinho* é sua estreia literária.

# LIVROS RELACIONADOS



Extraordinário



Claros sinais de loucura



Amanhã você vai entender



A culpa é das estrelas



O que me faz pular